



**DIÁLOGOS
SOCIOAMBIENTAIS**

ANTES E ALÉM DA PANDEMIA

BEFORE AND BEYOND THE PANDEMIC

EDITORES DO VOLUME
SANDRA (SAN) MOMM
BEATRIZ MILZ
GABRIEL MACHADO

dezembro
2025

volume
08

número
24





ANTES E ALÉM DA PANDEMIA

BEFORE AND BEYOND THE PANDEMIC

Esta publicação é uma produção do Grupo de Acompanhamento e Estudos de Governança Ambiental (GovAmb), sediado no Instituto de Energia e Ambiente (IEE/USP), e do Laboratório de Planejamento Territorial, sediado na Universidade Federal do ABC. Ela nasceu vinculada ao Projeto Temático FAPESP 2015/03804-9 “Governança Ambiental da Macrometrópole Paulista face à Variabilidade Climática — MacroAmb”, parte do Programa FAPESP Mudanças Climáticas Globais, coordenado pelo professor Pedro Roberto Jacobi (IEE/IEA/USP), reunindo docentes da Universidade de São Paulo, da Universidade Federal do ABC (UFABC), do Instituto Tecnológico

da Aeronáutica (ITA) e da Universidade São Judas Tadeu. Com o título “Diálogos Socioambientais na Macrometrópole” foram publicados 12 números. Com o término do projeto temático, o projeto editorial passou a tratar de novos territórios e temas e isso resultou em uma mudança de título. A partir do número 13, a revista passou a se chamar Diálogos Socioambientais.

ACOMPANHE-NOS



Editores

Sandra (San) Momm
Pedro Roberto Jacobi
Luciana Travassos
Paulo de Almeida Sinisgalli
Silvana Zioni
André Pasti

Assessoria Editorial

Igor Matheus Santana Chaves
Hugo da Silva Carlos
Lyvia Nascimento Cirqueira Fischer
Beatriz Milz
Marcelo Aversa
Natalia Teixeira Neves
Ana Flávia Camargo
Isabela Moraes Rodrigues

Editores do volume

Sandra (San) Momm
Beatriz Milz
Gabriel Machado

Conselho editorial

Carolina Moutinho Duque de Pinho
Célio Bermann
Edmilson Dias De Freitas
Fernanda Graziella Cardoso
Gilberto Marcos Antonio Rodrigues
Klaus Frey
Leandro Luiz Giatti
Mariana Menzio
Sylmara Lopes Francelino Gonçalves Dias

Diagramação

Julia Luz Saldanha

Tradução

Beatriz Milz

Edição

Vol. 08, n. 24
Dezembro/2025

Sobre a revista

Publicação Trimestal

ISSN 2596-2183

✉ dialogos.socioambientais@ufabc.edu.br

🔗 <https://periodicos.ufabc.edu.br/index.php/dialogossocioambientais>

Attribution-NonCommercial 4.0
International (CC BY-NC 4.0)



REALIZAÇÃO

APOIO

SUMÁRIO

EDITORIAL

- 08 **Antes e além da pandemia em uma perspectiva transatlântica**
- 12 *Before and beyond the pandemic from a transatlantic perspective*
- Sandra (San) Momm, Beatriz Milz, Gabriel Machado

CONJUNTURA/CURRENT AFFAIRS

- 18 **ICOLMA na região do Ruhr: descobertas e reflexões**
- 23 *ICOLMA in the Ruhr region: findings and reflections*
- Sophie Schramm
- 28 **Reflexões de uma pesquisa sobre impacto da pandemia em perspectiva transatlântica a partir do Projeto ICOLMA em São Paulo**
- 32 *Reflections from a research study on the impact of the pandemic from a transatlantic perspective based on the ICOLMA Project in São Paulo*
- Sandra (San) Momm, Thais Tartalha, Luciana Travassos, Silvana Zioni
- 36 **Pesquisa ICOLMA em Cidade do Cabo: Resultados e reflexões**
- 42 *ICOLMA research in Cape Town: Findings and reflections*
- Roger Behrens, Mojalefa Makitle, Kgomotso Mosikare, Bradley Rink, Mark Zuidgeest

ENTREVISTA/INTERVIEW

- 50 **Mobilidade em tempos de crise: a experiência da CPTM durante a pandemia de COVID-19**
- 53 *Mobility in times of crisis: The experience of CPTM during the COVID-19 pandemic*
- Lyvia Nascimento Cirqueira Fischer, Fernando Henrique de Moraes
- 56 **Do lockdown à ação comunitária: Petunia Ntombifuthi Mabuza e a campanha Asivikelane em Phomolong, Tshwane, África do Sul**
- 60 *From lockdown to community action: Petunia Ntombifuthi Mabuza and the Asivikelane campaign in Phomolong, Tshwane, South Africa*
- Priscila Izar, Petunia Ntombifuthi Mabuza

- 64 **A pandemia de COVID-19 e o movimento de moradia**
- 72 *COVID-19 and the housing movement*
- Leticia Ueda Vella, Graça Xavier, Neuma Silva de Oliveira Cruz.

JOVENS QUE PESQUISAM/YOUNG RESEARCHERS

- 80 **Repensando os modos de vida em tempos de pandemia e desigualdade urbana**
- 83 *Rethinking livelihoods in times of pandemic and urban inequality*
- Pedro Henrique Campello Torres, Bruna Brauer, Beatriz Milz, Dorcas Nyamai
- 86 **Análise de criticidade: ferramenta para um mundo em disrupção**
- 90 *Criticality Analysis: A tool for a world in disruption*
- Lyvia Nascimento Cirqueira Fischer, Tanja Schnitfinke, Bruna Brauer
- 94 **Desafios e Lições de uma Pesquisa Baseada em Mapas**
- 98 *Challenges and Lessons from a Map-Based Survey*
- Beatriz Milz, Gabriel Machado Araujo, Kgomotso Mosikare, Mojalefa Patrick Makitle
- 102 **Trabalho de campo e Análise Temática no Projeto ICOLMA: Lições e estratégias na aplicação do questionário com Maptionnaire**
- 106 *Fieldwork and Thematic Analysis in the ICOLMA Project: Lessons and Strategies in the Application of the Maptionnaire Questionnaire*
- Gabriel Machado Araujo, Leticia Ueda Vella, Mojalefa Patrick Makitle, Tanja Schnitfinke, Beatriz Milz
- 110 **Pesquisa Além das Fronteiras: Nossa Jornada como Pesquisadoras em Início de Carreira em um Projeto Transnacional**
- 114 *Research Across Borders: Our Journey as Early Career Researchers in a Transnational Project*
- Ana Lia Leonel, Dorcas Nyamai Nthoki
- 118 **PANEX-Youth: resiliência e desafios na alimentação, educação e lazer de jovens nas periferias urbanas**
- 123 *PANEX-Youth: resilience and challenges in food, education, and leisure among young people in urban peripheries*
- Yorman Paredes-Marquez, Luciana Bizzotto, Leonardo Rafael Musumeci, Ingrid Batista Vieira, Leandro Luiz Giatti.

SUMÁRIO

ENGAJAMENTO/ENGAGEMENT

- 130 **Pandemia de COVID-19 e vivência de mulheres negras na periferia**
133 *COVID-19 pandemic and the experiences of black women in the periphery*
Aline Bezerra Silva

ARTES/ARTS

- 138 **Subjetividade na arte de quem pesquisa**
140 *Subjectivity in the art of those who research*

- 138 **Retratos-linha do tempo de um isolamento**
140 *Timeline Portraits of an Isolation*
San Momm

- 142 **Auto escrita**
144 *Self writing*
Gabriel Machado

- 146 **Retratos de um bordar coletivo**
148 *Portraits of a Collective Embroidery*
Aline Bezerra Silva

- 150 **Perto, de longe**
151 *Close, from afar*
Tanja Schnitfinke

- 152 **Representação em Legos**
153 *Self-assembling Legos*
Bradley Rink

- 154 **floresta:brincar**
156 *forest:play*
Sophie Schramm



Antes e além da pandemia em uma perspectiva transatlântica



Sandra (San) Momm*



Beatriz Milz*



Gabriel Machado*

Esta edição é uma oportunidade para explorar resultados e experiências de uma pesquisa que buscou registrar os impactos da pandemia de COVID-19. Apesar de estarmos próximos desse evento - cujo ápice da crise ocorreu entre 2020 e 2021 -, é ainda necessário registrar, publicizar e discutir tão relevante momento histórico. O projeto ICOLMA¹, que se desenvolveu entre os anos de 2022 e 2025, tratou do impacto da COVID-19 na mobilidade e nos modos de vida de grupos marginalizados e vulnerabilizados em uma perspectiva transatlântica, proposta da chamada TA-P (Trans-Atlantic Platform) em 2021 voltada para a pandemia. O conhecimento sobre as formas complexas pelas quais as regras pandêmicas e de lockdown afetaram os modos de vida, tanto por meio de restrições de mobilidade direta quanto dos efeitos indiretos da mobilidade reduzida no funcionamento de outras infraestruturas e serviços públicos, assim como no acesso a atividades geradoras de renda, deve ser aprofundado. O mesmo se aplica às formas específicas que grupos foram e têm sido capazes de lidar com esses efeitos, por exemplo, por meio de tecnologias virtuais e das redes de solidariedade.

Portanto, o projeto ICOLMA explora e compara o impacto da pandemia COVID-19 sobre a mobilidade, acessibilidade e modos de vida de grupos marginalizados na Cidade do Cabo (África do Sul), Região do Ruhr (Alemanha) e São Paulo (Brasil) por meio de uma abordagem de métodos mistos (Figura 1). Associado ao ICOLMA, outro projeto sobre análises comparativas em metrópoles tratou de dar subsídios teóricos e metodológicos para pensar um cenário e um planejamento urbano e metropolitano pós-pandêmico (DAAD-PROPASP)².

Dentre os valores acordados pela equipe da pesquisa do projeto ICOLMA, para além de produzir documentos de caráter técnico e científico, está o compromisso em produzir expressões de reflexão e divulgação em outros formatos, tais como o site do projeto³, uma animação produzida pelo grupo Greenhouse Cartoons da África do Sul (disponível no site), palestras e esta edição da DSA.

DOI: <https://doi.org/10.36942/dialogossocioambientais.v8i24.1449>

*Universidade Federal do ABC (UFABC)

1 Impacto da COVID-19 no modo de vida, mobilidade e acessibilidade dos grupos marginalizados (ICOLMA). Processo número 2021/07554-8, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

2 Planejamento em comparação global em um cenário pós-pandêmico: teorias, metodologias e estratégias para comparar casos metropolitanos. Processo número 2022/08402, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

3 Link para o site de projeto ICOLMA <https://icolma.raumplanung.tu-dortmund.de/>

A DSA surgiu no âmbito do projeto temático “Governança Ambiental na Macrometrópole Paulista frente às mudanças climáticas (MACROAMB)⁴”, no qual o Laboratório de Planejamento (LaPlan) da Universidade Federal do ABC (UFABC) esteve na liderança da temática territorial. Desde então, a DSA vem se destacando por seu caráter de disseminação científica ampliada do ambiente estritamente acadêmico. É nesse espírito de coletividade que se elabora essa edição, junto às universidades participantes, UFABC, TU Dortmund University (TU-Do), University of Cape Town (UCT), University of the Western Cape (UWC) entre outros enlaces que se deram no percurso do projeto ICOLMA. Esses se deram tanto na busca por informações e dados, em parcerias com organizações da sociedade civil e com outros projetos sociais associados à temática da pesquisa. Considerando essas premissas e propostas, esta edição da DSA está organizada nas seções descritas a seguir, e se apresenta em duas línguas - português e inglês.

Na seção “**Conjuntura**”, os/as pesquisadores principais Sophie Schramm (TU-Do), Sandra (San) Momm (UFABC) e Roger Behrens (UCT) e co-autoras/es compartilham relatos de sua experiência na liderança da pesquisa nos três países. Os artigos desta seção estabelecem um diálogo entre a vivência prática da equipe de pesquisa e as publicações científicas do projeto, aprofundando temas e resultados já publicados e que expressam a diversidade das conjunturas nos três países.

Na seção “**Entrevistas**”, pessoas envolvidas com o projeto, para além da equipe técnica, foram entrevistadas. A primeira entrevista foi com o técnico Luiz Fernando da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM) que participou das atividades de análise de criticidade do projeto em São Paulo, entrevistado pela pesquisadora do ICOLMA Lyvia Fischer. A segunda entrevista é com a líder comunitária e ativista Petúnia Mabuza de Tshwane (Pretória), África do Sul, entrevistada por Priscila Izar, pesquisadora pós-doc do Center for Urbanism and Built Environment Studies (CUBES) da Universidade de Witwatersrand em Johannesburg, África do Sul. Esta entrevista é fruto de um intercâmbio do projeto ICOLMA com o projeto Lutas Urbanas Feministas⁵.

Na seção “**Jovens que Pesquisam**”, está colocado o protagonismo das pessoas pesquisadoras em nível de mestrado, doutorado e pós-doutorado dos três países. Esses e essas jovens pesquisadores e pesquisadoras estiveram à frente em diversas fases e temas da pesquisa, e trouxeram para esta seção a sua experiência técnico-científica e também pessoal na pesquisa. Aqui também trazemos um texto com a articulação do projeto ICOLMA com outro projeto da chamada TA-P 2021 o projeto Panex-Youth⁶, que teve como objetivo compreender como os jovens se adaptaram durante a pandemia e avaliar o impacto mais amplo desses processos de adaptação na África do Sul, Brasil e Reino Unido (Inglaterra).

Na seção “**Engajamento**”, duas parcerias e parceiras tomam seu espaço: no primeiro texto, Aline Bezerra Silva, que faz parte da organização Promotoras Legais Populares (PLPs), pesquisadora do projeto ICOLMA e moradora de Cidade Tiradentes, traz a sua experiência na pandemia de COVID-19 como mulher negra periférica; e o texto das lideranças da União do Movimento de Moradia de São Paulo, Neuma Silva de Oliveira Cruz

4 Processo número 2015/03804-9, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

5 Lutas Urbanas Feministas: corpos, territórios e políticas na produção de espaços periféricos (Feminising urban struggles: bodies, territories and politics in the production of peripheral spaces) foi uma série de seminários internacionais organizados em 2023 e 2024 coordenados por Dra Priscila Izar (Universidade de Witwatersrand em Joanesburgo), Professora Paula Freire Santoro (Universidade de São Paulo), e Dra Elinorata Mbuya (Universidade Ardhi em Dar es Salaam), com apoio da Urban Studies Foundation. Mais informações disponíveis aqui.

6 PANEX-YOUTH: Adaptações de jovens em comunidades pobres para sobreviver e recuperar da COVID-19 e de restrições associadas. Processo número 2021/07399-2, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

e Graça Xavier, trazendo suas experiências com a vivência da pandemia nas ocupações do movimento e entrevistadas pela pesquisadora do ICOLMA e ativista Letícia Ueda Vella, integrante do Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde e mestranda na Universidade Federal do ABC.

Na seção **"Artes"**, foi feito um convite para todos os pesquisadores do projeto ICOLMA para que apresentassem por meio de fotos, desenhos, escrita ou qualquer meio que utilizaram para elaborar o período da pandemia. Nesse convite a subjetividade de quem faz a pesquisa também se expressa e registra em outras formas e meios os impactos da pandemia.

Os dados coletados na pesquisa contêm informações potencialmente sensíveis sobre as pessoas participantes, razão pela qual não podem ser compartilhados, em conformidade com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e com as aprovações éticas obtidas nos três países participantes do projeto. Entretanto, foram disponibilizados no repositório Zotero (Milz et al., 2025) os metadados referentes à pesquisa. Nesse repositório estão disponíveis o questionário aplicado por meio da plataforma Maptionnaire na cidade de São Paulo, bem como o dicionário de dados utilizado para padronização dos nomes das variáveis. Os dados primários coletados por meio da plataforma Maptionnaire, bem como as bases de dados tratadas, não foram disponibilizados publicamente. O acesso a esses materiais poderá ser solicitado e será avaliado individualmente pela equipe de pesquisa, considerando critérios éticos e de confidencialidade.

Esta edição da DSA consolida-se, portanto, como um espaço plural e necessário de reflexão sobre o antes e além da pandemia, com um olhar transatlântico, voltado para as realidades dos grupos mais vulnerabilizados. Os resultados e experiências do projeto ICOLMA e de iniciativas associadas, busca não apenas documentar esse que foi um momento histórico global, mas também aprofundar a compreensão sobre os modos de vida, mobilidade e acessibilidade de grupos em São Paulo, Cidade do Cabo e Região do Ruhr.

Convidamos a mergulhar nas páginas que seguem esta edição, que não é apenas uma coletânea de pesquisa, mas um caleidoscópio de vozes, experiências humanas em tempos de crise. Prepare-se para se inspirar, refletir, lembrar e se surpreender com as contribuições que emergem deste esforço transatlântico. Um mundo pós-pandêmico está sendo escrito agora e nós fazemos parte dessa história, antes e além

Agradecimentos: O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processos nº 2021/07554-8, 2022/08402-0, 2023/17054-8, 2023/09825-4, 2024/05779-0.

REFERÊNCIAS

MILZ, Beatriz; SCHRAMM, Sophie; MOMM SCHULT, Sandra Irene; ZUIDGEEST, Mark; RINK, Bradley; BEHRENS, Roger; CAMPELLO TORRES, Pedro Henrique; TERRA, Maria Fernanda; TRAVASSOS, Luciana; TARTALHA DO NASCIMENTO LOMBARDI, Thais; MACHADO ARAUJO, Gabriel; NYAMAI, Dorcas Nthoki; SCHNITTFINKE, Tanja; SCHOLZ, Wolfgang; MOSIKARE, Kgomotso; MAKITLE, Mojalefa Patrick; BEZERRA SILVA, Aline; BRAUER BRAGA, Bruna; UEDA VELLA, Letícia; NASCIMENTO CIRQUEIRA FISCHER, Lyvia; ARAUJO E SILVA, Claudilene Ines de; BUSQUETS FERNANDES DA SILVA, Luciana. Metadata for Project ICOLMA: Impact of COVID-19 on livelihoods, mobility, and accessibility of marginalised groups. Version 1.0.0. Zenodo, out. 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.17398469>



Figura 1. Identificação dos países e instituições parceiras do projeto ICOLMA.

Fonte: Worldmapcreator.com - Projection and zoom: azimuthal equal área centering e geo-layer: ocean, graticule, Earth, 2025. Elaboração: Gabriel Machado.



Before and beyond the pandemic from a transatlantic perspective



Sandra (San) Momm*



Beatriz Milz*



Gabriel Machado*

This edition is an opportunity to explore the results and experiences of a study that sought to record the impacts of the COVID-19 pandemic. Although we are close to this event - the peak of the crisis occurred between 2020 and 2021 - it is still necessary to record, publicize, and discuss such a relevant historical moment.

The ICOLMA project¹, which ran from 2022 to 2025, addressed the impact of COVID-19 on mobility and livelihoods of marginalized and vulnerable groups from a transatlantic perspective, proposed by the TA-P (Trans-Atlantic Platform) in 2021 in response to the pandemic. Knowledge about the complex ways in which pandemic and lockdown rules have affected livelihoods, both through direct mobility restrictions and the indirect effects of reduced mobility on the functioning of other public infrastructures and services, as well as on access to income-generating activities, must be deepened. The same applies to the specific ways in which groups have been and are able to cope with these effects, for example, through virtual technologies and solidarity networks.

Therefore, the ICOLMA project explores and compares the impact of the COVID-19 pandemic on mobility, accessibility, and livelihoods of marginalized groups in Cape Town (South Africa), the Ruhr Region (Germany), and São Paulo (Brazil) using a mixed-methods approach (Figure 1). Associated with ICOLMA, another project on comparative analyses in metropolises sought to provide theoretical and methodological support for thinking about a post-pandemic urban and metropolitan scenario and planning (DAAD-PROPASP)²

Among the values agreed upon by the ICOLMA project research team, in addition to producing technical and scientific documents, is a commitment to producing expressions of reflection and dissemination in other formats, such as the project website³, an animation produced by the Greenhouse Cartoons group from South Africa (available on the website), lectures, and this edition of DSA.

The DSA emerged within the scope of the thematic project "Environmental Governance in the São Paulo Macrometropolis in the Face of Climate Change (MACROAMB)⁴", in which the Planning Laboratory (LaPlan) of the Federal

DOI: <https://doi.org/10.36942/dialogossocioambientais.v8i24.1449>

*Universidade Federal do ABC (UFABC)

1 Impact of COVID-19 on the livelihood, mobility, and accessibility of marginalized groups (ICOLMA). Process number 2021/07554-8, funded by the São Paulo Research Foundation (FAPESP).

2 Planning in global comparison in a post-pandemic scenario: theories, methodologies, and strategies for comparing metropolitan cases. Process number 2022/08402, funded by the São Paulo Research Foundation (FAPESP).

3 Link of site ICOLMA <https://icolma.raumplanung.tu-dortmund.de/>

4 Process number 2015/03804-9, funded by the São Paulo Research Foundation (FAPESP).

University of ABC (UFABC) led the territorial themes. Since then, DSA has stood out for its expanded scientific dissemination beyond the strictly academic environment. It is in this spirit of collectivity that this edition has been prepared, together with the participating universities, UFABC, TU Dortmund University (TU-Do), University of Cape Town (UCT), University of the Western Cape (UWC), among other links that have been established during the ICOLMA project. These links were formed both in the search for information and data, in partnership with civil society organizations and other social projects associated with the research theme. Considering these premises and proposals, this edition of DSA is organized into the sections described below and is presented in two languages: Portuguese and English.

In the **“Conjuncture”** section, principal investigators Sophie Schramm (TU-Do), Sandra Momm (UFABC), Roger Behrens (UCT), and co-authors share accounts of their experience leading the research in the three countries. The papers in this section establish a dialogue between the practical experience of the research team and the project’s scientific publications, delving deeper into topics and results that have already been published and that express the diversity of the contexts in the three countries.

In the **“Interviews”** section, people involved in the project, in addition to the technical team, were interviewed. The first interview is with technician Luiz Fernando from the São Paulo Metropolitan Trains Company (CPTM), who participated in the project’s criticality analysis activities in São Paulo, interviewed by ICOLMA researcher Lyvia Fischer. The second interview is with community leader and activist Petunia Mabuza from Tshwane (Pretoria), South Africa, interviewed by Priscila Izar, lecture and postdoctoral researcher at the Centre for Urbanism and Built Environment Studies (CUBES) at the University of Witwatersrand in Johannesburg, South Africa. This interview is the result of an exchange between the ICOLMA project and the Lutas Urbanas Feministas (Feminist Urban Struggles) project⁵.

The **“Young Researchers”** section highlights the leading role played by master’s, doctoral, and postdoctoral researchers from the three countries. These young researchers were at the forefront of various phases and topics of the research, bringing their technical, scientific, and personal experience to this section. Here we also include a text describing the articulation of the ICOLMA project with another project from the TA-P 2021 call, the Panex-Youth project⁶, which aimed to understand how young people adapted during the pandemic and to assess the broader impact of these adaptation processes in South Africa, Brazil, and the United Kingdom (England).

In the **“Engagement”** section, two partnerships and partners take place: in the first text, Aline Bezerra Silva, who is part of the Popular Legal Promoters (PLPs) organization, a researcher for the ICOLMA project, and a resident of Cidade Tiradentes, shares her experience during the COVID-19 pandemic as a black woman living in the periphery; and the text by the leaders of the São Paulo Housing Movement Union, Neuma Silva de Oliveira Cruz and Graça Xavier, sharing their experiences of the pandemic in the movement’s occupations and interviewed by ICOLMA researcher and activist Letícia Ueda Vella, member of the Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde (Feminist Collective Sexuality and Health) and master’s student at the Federal University of ABC.

In the **“Arts”** section, all ICOLMA project researchers were invited to present their experiences of the pandemic period through photos, drawings, writing, or any other process they used to elaborate on it. This invitation also allows the subjectivity of those conducting the research to be expressed and recorded in other forms and formats, reflecting the impacts of the pandemic.

5 Feminist Urban Struggles: bodies, territories, and politics in the production of peripheral spaces was a series of international seminars organized in 2023 and 2024, coordinated by Dr. Priscila Izar (University of the Witwatersrand in Johannesburg), Professor Paula Freire Santoro (University of São Paulo), and Dr. Elinorata Mbuya (Ardhi University in Dar es Salaam), with support from the Urban Studies Foundation. More information available here.

6 Process number 2021/07399-2, funded by the São Paulo Research Foundation (FAPESP).

The data collected in the research contain potentially sensitive information about the participants, and therefore cannot be shared, in accordance with the “Free and Informed Consent Form” (TCLE) and the ethical approvals obtained in the three countries participating in the project. However, the metadata related to the research have been made available in the Zotero repository (Milz et al., 2025). This repository contains the questionnaire applied through the Maptionnaire platform in the city of São Paulo, as well as the data dictionary used to standardize variable names. The primary data collected through the Maptionnaire platform, as well as the processed databases, have not been made publicly available. Access to these materials may be requested and will be evaluated individually by the research team, considering ethical and confidentiality criteria.

This edition of DSA is therefore consolidated as a plural and necessary space for reflection on the before and beyond of the pandemic, with a transatlantic perspective, focused on the realities of the most vulnerable groups. The results and experiences of the ICOLMA project and associated initiatives seek not only to document what was a historic global moment, but also to deepen understanding of the livelihoods, mobility, and accessibility of groups in São Paulo, Cape Town, and the Ruhr region.

We invite you to dive into the pages that follow this issue, which is not just a research collection, but a kaleidoscope of voices and human experiences in times of crisis. Prepare to be inspired, to reflect, and to be surprised by the contributions that emerge from this transatlantic effort. A post-pandemic world is being written now, and we are part of this history, before and beyond.

Acknowledgments: This study was financed, in part, by the São Paulo Research Foundation (FAPESP), Brasil. Process Number. 2021/07554-8, 2022/08402-0, 2023/17054-8, 2023/09825-4, 2024/05779-0.

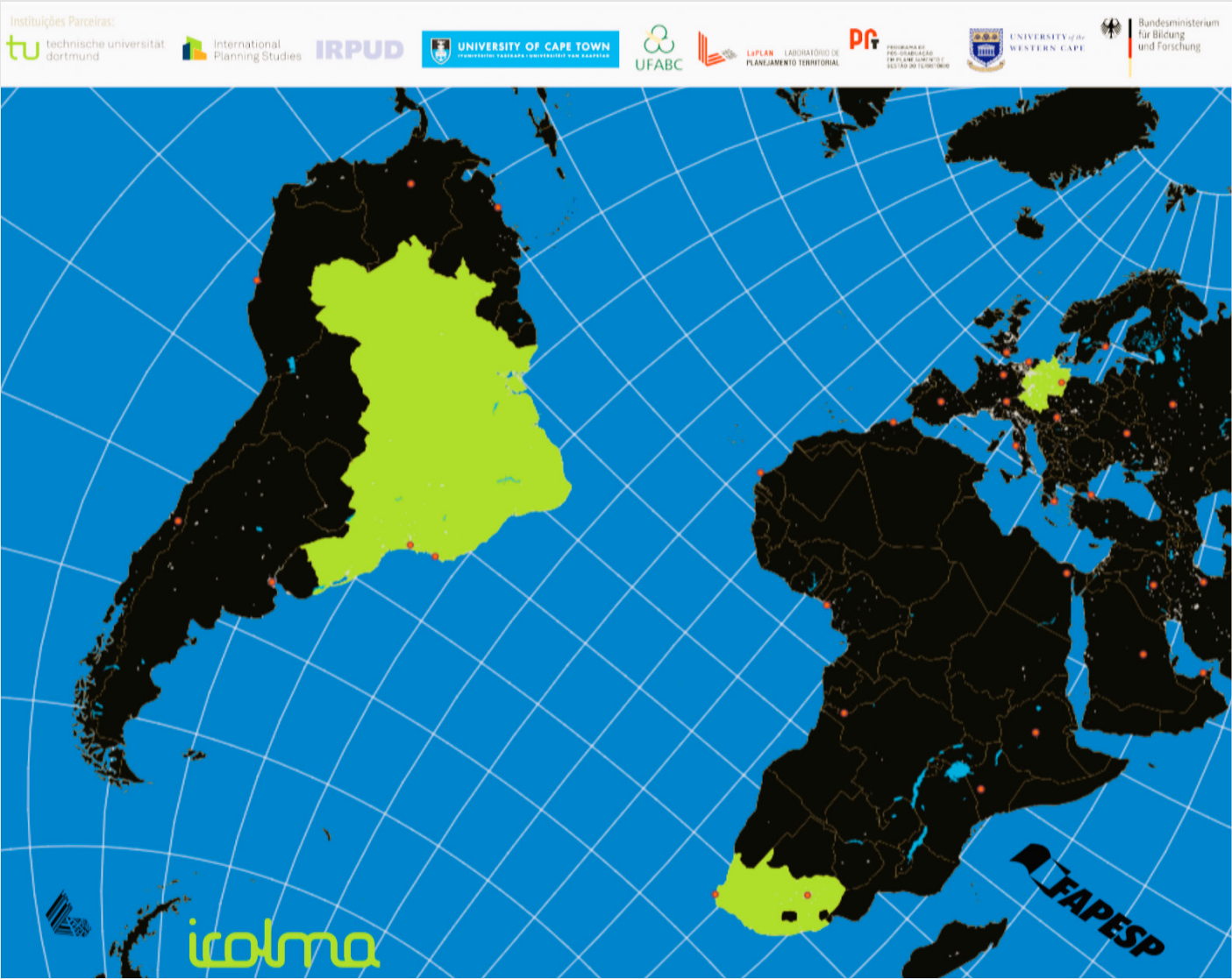
References

MILZ, Beatriz; SCHRAMM, Sophie; MOMM SCHULT, Sandra Irene; ZUIDGEEST, Mark; RINK, Bradley; BEHRENS, Roger; CAMPELLO TORRES, Pedro Henrique; TERRA, Maria Fernanda; TRAVASSOS, Luciana; TARTALHA DO NASCIMENTO LOMBARDI, Thais; MACHADO ARAUJO, Gabriel; NYAMAI, Dorcas Nthoki; SCHNITTFINKE, Tanja; SCHOLZ, Wolfgang; MOSIKARE, Kgomotso; MAKITLE, Mojalefa Patrick; BEZERRA SILVA, Aline; BRAUER BRAGA, Bruna; UEDA VELLA, Letícia; NASCIMENTO CIRQUEIRA FISCHER, Lyvia; ARAUJO E SILVA, Claudilene Ines de; BUSQUETS FERNANDES DA SILVA, Luciana. Metadata for Project ICOLMA: Impact of COVID-19 on livelihoods, mobility, and accessibility of marginalised groups. Version 1.0.0. Zenodo, out. 2025. Available from: <https://doi.org/10.5281/zenodo.17398469>



Figure 1. Identifying the countries and partner institutions of the ICOLMA project

Source: Worldmapcreator.com - Projection and zoom: azimuthal equal area centering and geo-layer: ocean, graticule, Earth, 2025. Created by: Gabriel Machado.





CON
JUN
TURA

ICOLMA na região do Ruhr: descobertas e reflexões



Sophie Schramm*

Resumo: Nossa pesquisa sobre os impactos da pandemia de COVID-19 nos meios de subsistência, mobilidade e acessibilidade de grupos marginalizados na região do Ruhr concentrou-se nos migrantes. Constatamos que os impactos da pandemia foram altamente variáveis, com alguns entrevistados enfrentando dificuldades contínuas desde o início da pandemia, enquanto outros melhoraram sua situação e outros ainda mantiveram seus meios de subsistência estáveis. É importante ressaltar que o aumento da mobilidade física surgiu como uma estratégia de enfrentamento importante para lidar com os impactos da pandemia, como perda de emprego e restrições financeiras. Embora a maioria dos entrevistados tenha relatado ter transferido diversas atividades para o ambiente online, o acesso virtual apenas ajudou alguns a melhorar seus meios de subsistência, enquanto outros enfrentaram limitações nesse sentido, por exemplo, devido a barreiras linguísticas.

A pandemia de COVID-19 mudou a forma como as pessoas se deslocam, incluindo como acessam oportunidades relacionadas à subsistência, trabalho, educação, lazer e serviços essenciais da vida urbana. Na Alemanha, a Renânia do Norte-Vestfália (NRW), especialmente Heinsberg e partes da região do Ruhr, esteve entre as primeiras e mais fortemente atingidas. Isso levou à rápida implementação de estratégias de contenção, como medidas de quarentena e restrições de viagem, em fevereiro. Em meados de março, a NRW seguiu o fechamento nacional de escolas, negócios não essenciais e da vida pública.

A pandemia teve impactos diretos nas economias urbanas da NRW. Os

* TU Dortmund

DOI: <https://doi.org/10.36942/dialogossocioambientais.v8i24.1451>

Palavras-chave: Mobilidade; acessibilidade; acesso virtual; marginalização urbana; pandemia

fechamentos parciais ou totais interromperam setores inteiros na região do Ruhr. Entre dezembro de 2019 e dezembro de 2020, o desemprego aumentou de 5,6% para 6,6%. A crise também remodelou a mobilidade. Em Dortmund, a mobilidade caiu drasticamente em abril de 2020 em comparação com o mesmo período em 2019, enquanto em toda a região do Ruhr, o número de passageiros no transporte público caiu 80% em março de 2020 em relação aos níveis pré-pandemia (RVR). Essas mudanças refletiram a alteração mais ampla nas rotinas de trabalho, educação e vida social como resultado das restrições de mobilidade e do medo de infecção.

A NRW começou a flexibilizar as restrições em coordenação com as políticas federais em maio de 2020, à medida que a situação se estabilizou. Escolas, lojas e serviços religiosos foram reabertos. No final de 2020, a NRW passou de um "lockdown leve" para outro lockdown rigoroso com restrições severas de mobilidade, que se estenderam para os primeiros meses de 2021, já que as taxas de infecção permaneceram altas (Landesregierung Nordrhein-Westfalen, 2020, 2021). Nesse período, os fechamentos foram restabelecidos na maioria dos estabelecimentos e instituições, incluindo escolas. Em 2022, a NRW adotou uma abordagem baseada em riscos e suspendeu a maioria das restrições após a expiração do estado de emergência nacional em março. À medida que a vida pública na NRW gradualmente se normalizou, os impactos duradouros da resposta mais ampla à pandemia e suas restrições sobre mobilidade, meios de subsistência e resiliência urbana permanecem áreas críticas para investigação adicional (Schnittfinke et al. 2024).

GRUPOS MARGINALIZADOS NA REGIÃO DO RUHR: FOCO NAS COMUNIDADES MIGRANTES

O foco do projeto ICOLMA foi examinar como as restrições de mobilidade, os lockdowns e a mudança para o acesso virtual alteraram e influenciaram a vida cotidiana de pessoas que enfrentam barreiras relacionadas a baixa renda, gênero, idade, deficiência ou acesso ao transporte, referidas como grupos marginalizados. Em cada região metropolitana estudada, o projeto concentrou-se em um conjunto específico de grupos marginalizados. O estudo de caso da região do Ruhr destacou os migrantes como um grupo que regularmente experimenta marginalização. A Alemanha tem sido, há muito tempo, um dos maiores países de imigração do mundo, e a região do Ruhr, com seu passado industrial, foi fortemente moldada pela migração internacional (McAuliffe; Oucho, 2024, p. 25). Os migrantes da região do Ruhr vêm de mais de 150 países e contribuíram significativamente para a reconstrução pós-Segunda Guerra Mundial. Nos centros industriais da região, como Dortmund, mais de 600.000 refugiados e deslocados buscaram emprego nas indústrias de mineração, aço e têxteis após 1949 (Badunenko; Popova, 2024, p. 564). Até hoje, a Nordstadt de Dortmund é um típico bairro de chegada, com uma proporção de estrangeiros de 58,8% em 2024. Os países mais comuns de origem dos migrantes na Nordstadt são Turquia, Síria e Marrocos (Neßler et al. 2024, p. 4). Dortmund está ativamente envolvida no apoio à migração e integração por meio de diversos programas. A pandemia, possivelmente, agravou algumas das pressões enfrentadas por muitos migrantes na região do Ruhr. Por exemplo, a migração de serviços para o ambiente online aumentou

a barreira linguística. Além disso, muitos migrantes trabalhavam em ocupações que não podiam ser realizadas remotamente e, em alguns casos, não possuíam meios para oferecer dispositivos para o ensino remoto de seus filhos.

Em meio aos esforços altamente variados das administrações e instituições educacionais alemãs para transferir serviços e educação para o ambiente online, no contexto de imobilidade física e distanciamento social, e diante das evidências científicas de que a pandemia inaugurou uma nova era de trabalho remoto possibilitado por infraestruturas digitais, o ICOLMA concentra-se especificamente nos grupos marginalizados. Assim, o projeto lança nova luz sobre as formas pelas quais o acesso virtual abriu novas possibilidades para esses grupos para equilibrar as restrições da pandemia, bem como sobre as barreiras enfrentadas na tentativa de transferir trabalho, educação ou outras atividades diárias para o ambiente digital.

EXPERIÊNCIAS VARIADAS DA PANDEMIA DO RETROCESSO À MELHORIA SUSTENTADA

Nossa pesquisa na região do Ruhr mostrou que as experiências da pandemia entre os grupos marginalizados, em termos de mobilidade física, situação financeira e possibilidades de migração de atividades para o ambiente digital, estavam longe de ser uniformes. Enquanto alguns enfrentaram problemas financeiros devido à perda de renda ou restrições similares, outros conseguiram manter ou até melhorar sua situação. Essas diferentes experiências correlacionaram-se com diferenças de mobilidade: especialmente aqueles que enfrentaram dificuldades financeiras viajaram mais; assim, a mobilidade física tornou-se uma forma de lidar com a perda de renda, por exemplo, quando proprietários de lojas ou restaurantes precisaram fechar seus negócios e buscar trabalho em outros locais. Em contrapartida, aqueles que estavam em melhor situação ou cujas condições permaneceram estáveis durante e após a pandemia viajaram marginalmente menos do que antes. Esse aumento nas viagens entre os mais afetados nos levou a questionar o papel da acessibilidade digital ou virtual nessa dinâmica. Para compreender a interconexão entre as diferentes dimensões da acessibilidade - incluindo o acesso virtual ao bem-estar e aos meios de subsistência -, selecionamos alguns casos que lançam mais luz sobre essas relações.

Por exemplo, entrevistamos um membro de um domicílio de quatro pessoas, incluindo duas crianças, que era autônomo antes e durante a pandemia. No entanto, devido às medidas de lockdown, ele perdeu seus clientes e não pôde mais sustentar seu negócio. Esse membro explicou que encontrou um novo emprego em uma cidade vizinha, aumentando assim seu tempo de deslocamento. Ele também realizou atividades online para adquirir novas habilidades, mas percebeu que isso não seria suficiente para manter seu negócio e desistiu do aprendizado digital. A situação deste domicílio permanece precária, marcada por acesso deficiente à infraestrutura, refletido em problemas de aquecimento e internet, insegurança econômica e estresse mental.

De forma semelhante, outra entrevistada relatou que estava empregada em 2019, mas perdeu o emprego no início da pandemia. A inflação e o aumento do custo de vida

durante esse período agravaram a situação financeira da família. O impacto emocional da pandemia também foi evidente, já que essa família perdeu membros para o vírus, e seu status temporário como migrantes dificultava planos de longo prazo. No entanto, as crianças do domicílio utilizaram a internet para aprender habilidades digitais. Assim, mesmo entre aqueles que vivenciaram a pandemia como um momento muito difícil, e onde o acesso virtual não melhorou substancialmente a situação, alguns membros do domicílio usaram a internet para aprimorar suas competências digitais.

Outros domicílios conseguiram manter o progresso acadêmico e a educação virtual durante a pandemia e até melhorar sua situação financeira em comparação com o período anterior. Apesar disso, muitos relataram tensões emocionais e financeiras durante a pandemia, associadas ao medo da doença. Um dos entrevistados explicou que a barreira linguística foi agravada quando os serviços migraram para o ambiente online, em comparação com conversas presenciais. Ainda assim, conseguiram lidar com esses desafios. Outro entrevistado, que também teve aumento de salário e estabilidade financeira após a pandemia, relatou sofrer com medos e ansiedade constantes. Com uma conexão estável de internet em casa, ele manteve contato com a comunidade e entes queridos.

Um terceiro grupo de domicílios é aquele cuja situação permaneceu inalterada. Um domicílio que representa essa estabilidade em termos de finanças familiares explicou que pôde facilmente transferir seu trabalho para o ambiente online. No entanto, de forma semelhante àqueles que enfrentaram problemas durante e após a pandemia, bem como àqueles que experimentaram estabilidade e melhorias financeiras, este domicílio também enfrentou desafios emocionais e sociais resultantes da incapacidade de se encontrar com familiares e amigos. Eles descreveram a experiência de isolamento explicitamente como "horrível" e a parte mais desafiadora do lockdown. O acesso virtual para o interlocutor foi facilitado por meio da assistência e da dependência de outro membro do domicílio. O interlocutor conseguiu usar plataformas digitais para fazer compras de itens básicos do dia-a-dia e se conectar com sua comunidade de fé.

De modo geral, as perdas de atividades geradoras de renda, o acesso limitado à infraestrutura (digital) e os problemas de saúde afetaram negativamente alguns domicílios. Muitos deles aumentaram suas distâncias de deslocamento para lidar com esses desafios, especialmente quando mover atividades para o ambiente online não era uma opção. Outros experimentaram melhoria nas finanças ou se adaptaram aos engajamentos virtuais, embora ainda vivenciassem regularmente a pandemia como emocionalmente estressante. Isso destaca a complexidade da recuperação pós-pandemia e a necessidade tanto do acesso virtual quanto físico para o bem-estar e a resiliência dos domicílios.

Agradecimentos: Esta pesquisa é o resultado de um projeto financiado pelo Ministério Alemão da Educação e Pesquisa (BMBF) como parte do edital "Plataforma Transatlântica: Recuperação, Renovação e Resiliência em um Mundo Pós-Pandemia" (Código de financiamento: 01UG2212).

REFERÊNCIAS

BADUNENKO, Oleg; POPOVA, Maria. Does inequality migrate? The development of income inequality across German states. *Journal of Regional Science*, v. 64, n. 2, p. 555-589, 2024.

GOVERNO REGIONAL DA RENÂNCIA DO NORTE-VESTFÁLIA (Alemanha). Neue Coronaschutzverordnung: Land setzt vereinbarte Maßnahmen zur Bekämpfung des Corona-Virus konsequent um. Land.NRW, 30 nov. 2020. Disponível em: <https://www.land.nrw/pressemitteilung/neue-coronaschutzverordnung-land-setzt-vereinbarte-massnahmen-zur-bekaempfung-des>. Acesso em: 14 jul. 2025.

GOVERNO REGIONAL DA RENÂNCIA DO NORTE-VESTFÁLIA (Alemanha). Coronaschutzverordnung angepasst - Nordrhein-Westfalen verlängert Lockdown bis 31. Januar 2021. Land.NRW, 8 jan. 2021. Disponível em: <https://www.land.nrw/pressemitteilung/coronaschutzverordnung-angepasst-nordrhein-westfalen-verlaengert-lockdown-bis-31>. Acesso em: 14 jul. 2025.

McAULIFFE, Marie; OUCHO, Linda A. (org.). *World Migration Report 2024*. Geneva: International Organisation for Migration, 2024. Disponível em: <https://publications.iom.int/books/world-migration-report-2024>. Acesso em: 8 jul. 2025.

NEßLER, Miriam; TIPPEL, Cornelia; SCHNEIDER, Jochen. Politiken des Ankommens in Dortmund. In: GESEMANN, Frank; FILSINGER, Dieter; MÜNCH, Sybille (org.). *Handbuch Lokale Integrationspolitik*. Wiesbaden: Springer Fachmedien, 2024. p. 1-17.

SCHNITTFINKE, T. et al. Criticality assessment and cascading effects: impacts of COVID-19 disruptions in public transport on marginalized groups in Dortmund, Germany, São Paulo, Brazil, and Cape Town, South Africa. *Journal of Surveillance, Security and Safety*, v. 5, n. 3, p. 140-159, 2024. DOI: <https://doi.org/10.20517/jsss.2024.11>. Disponível em: <https://jsssjournal.com/article/view/5876> Acesso em: 14 jul. 2025.



ICOLMA in the Ruhr region: findings and reflections



Sophie Schramm*

Abstract: Our research on the ways that the COVID-19 pandemic has impacted the livelihoods, mobilities and accessibility of marginalised groups in the Ruhr region focused on migrants. We found that pandemic impacts were highly variable, with some respondents experiencing sustained hardship since the pandemic, while others improved their situation and yet others kept their livelihood stable. Importantly, increased physical mobility emerged as an important coping strategy to deal with pandemic impacts such as job loss and financial constraints. While most respondents reported that they shifted several activities online, virtual access only helped some to improve their livelihoods, while others experienced limits in this regard, for example due to language barriers.

The COVID-19 pandemic changed the way people move, including how they access opportunities related to livelihood, work, education, leisure, and essential services of urban life. In Germany, North Rhine-Westphalia (NRW), particularly Heinsberg and parts of the Ruhr region, were among the first and hardest-hit regions. This prompted the rapid implementation of containment strategies, such as quarantine measures and travel restrictions, in February. By mid-March, NRW followed the nationwide shutdown of schools, non-essential businesses, and public life.

The pandemic had direct impacts on NRW's urban economies. The partial or full shutdowns disrupted entire sectors in the Ruhr Area. Between December 2019 and December 2020, unemployment increased from 5.6% to 6.6%. The crisis also reshaped mobility. In Dortmund, mobility declined drastically in April 2020 compared to the same period in 2019, while across the Ruhr region, public transport ridership dropped by 80% in March 2020 relative to pre-pandemic levels (RVR). These shifts were a reflection of the broader change in work, education, and social routines as a result of mobility restrictions and fear of infection.

NRW began easing restrictions in coordination with federal policies by May 2020 as the situation stabilised. It reopened schools, retail stores, and religious

* TU Dortmund

DOI: <https://doi.org/10.36942/dialogossocioambientais.v8i24.1451>

Keywords: Mobility; accessibility; virtual access; urban marginalization; pandemic.

services. Towards the end of 2020, NRW moved from a “lockdown light” to another hard lockdown with strict mobility restrictions, which extended to the early months of 2021 as infection rates remained high (Landesregierung Nordrhein-Westfalen, 2020, 2021). In this period, closures were reinstated across most of the establishments and institutional facilities, including schools. In 2022, NRW transitioned to a risk-based approach and lifted most of the restrictions following the expiration of the national emergency status in March. As public life in NRW gradually normalised, the lasting impacts of the broader pandemic response and its restrictions on mobility, livelihoods, and urban resilience remain critical areas for further investigation (Schnittfinke et al. 2024).

MARGINALIZED GROUPS IN THE RUHR REGION: A FOCUS ON MIGRANT COMMUNITIES

The focus of the ICOLMA project was on how mobility restrictions, lockdowns, and the shift towards virtual access altered and influenced the everyday lives of people facing barriers related to low income, gender, age, disability, or access to transportation, otherwise referred to as marginalised groups. In each case study metropolitan region, the project focused on a specific set of marginalised groups. The Ruhr region case study placed a focus on migrants as a group that regularly experiences marginalisation. Germany has long been one of the world’s largest immigration countries, and the Ruhr region, with its industrial past in particular, has long been shaped by international migration (McAuliffe; Oucho, 2024, p. 25). Migrants to the Ruhr region come from over 150 countries. They contributed significantly to the post-second world war reconstruction of this region. In industrial centres within the Ruhr region, such as Dortmund, more than 600,000 refugees and displaced persons sought employment in mining, steel, and textile industries after 1949 (Badunenko; Popova, 2024, p. 564). To this day, Dortmund’s Nordstadt is a typical arrival neighbourhood, with a foreigner share of 58.8% in 2024. The most common countries of migrants’ origin in the Nordstadt are Turkey, Syria, and Morocco (Neßler et al., 2024, p. 4). Dortmund is actively engaged in supporting migration and integration through a variety of programs. The pandemic arguably has exacerbated some of the pressures many migrants in the Ruhr region experience. For example, services shifting online meant an increased language barrier. Additionally, migrants often worked in occupations that could not be transitioned online, and in some cases, they lacked the means to provide devices for their children’s online schooling.

Amidst highly variegated efforts within German administrations and educational facilities to shift services and education online in the pandemic moment shaped by physical immobility and social distancing, as well as scientific evidence that the pandemic has ushered in a new era of distance work enabled through digital infrastructures, ICOLMA focused specifically on marginalised groups. Thus, ICOLMA sheds new light on the ways in which virtual access opened up new possibilities for these groups to balance pandemic restrictions, as well as on the barriers they faced when trying to shift work, education, or other daily activities online.

VARIEGATED PANDEMIC EXPERINCES: FROM SETBACK TO SUSTAINED IMPROVEMENT

Our research in the Ruhr region showed that pandemic experiences of marginalized groups in terms of physical mobility, financial situation and possibilities to move activities online were far

from uniform. While some experienced financial problems due to loss of income or similar constraints, others were able to sustain or even improve their situation. These different experiences correlated with differences in mobilities: especially those who experienced financial problems travelled more - thus physical mobility became a way to cope with loss of income, for example when owners of shops or restaurants had to close down their businesses and seek work elsewhere. Conversely, those who were better off or whose conditions stayed the same during and after the pandemic marginally travelled less than before the pandemic. This increased travel activity of those more severely impacted by the pandemic made us question the role of digital or virtual accessibility in this dynamic. To make sense of the interconnectedness and relationships between the different dimensions of accessibility, including virtual access to broader wellbeing and livelihoods, we selected some cases shedding more light on these relationships.

For example, we talked with a member of a four-person household including two children, who was self-employed before and during the pandemic. However, due to the pandemic and related lockdown measures he lost his clients and could no longer sustain his business. The household member we talked to explained that he had found a new job in a neighbouring city, thus increasing his travel times. He did engage in online activities, trying to acquire new skills, but however realised that this would not sustain his business and therefore quit learning online skills. The situation of this household remains precarious, shaped by poor infrastructure access reflected in heating and internet issues, economic insecurity and mental stress.

Similarly, another respondent explained that she was gainfully employed in 2019, but lost her employment at the start of the pandemic. Inflation and the general cost of living during this period caught up with this household, worsening their financial situation. The emotional toll of the pandemic was also very evident as this household reported losing family members to the virus, coupled with their temporary status as migrants, which made long-term or permanent plans difficult. However, children in the household utilised the availability of the internet in learning digital skills. Thus, we find that even among those households who experienced the pandemic as a very difficult moment, and where virtual access did not work to substantially improve the situation, some household members did use the internet to improve their digital skills.

Other households we talked to were able to maintain academic progress as well as virtual education during the pandemic and to improve their financial situation as compared to pre-pandemic times. Nevertheless, despite having improved their financial situation after the pandemic, some households we talked to explained that they experienced emotional and financial strains during the pandemic, which was coupled with health fears. One of our interlocutors explained that the language barrier was exacerbated when services and support were moved online, as compared to direct physical conversations. Still, they were able to navigate these challenges. Another person we talked to, who also experienced a raise in salary and increased

financial stability after the pandemic, also expressed being plagued by constant fears and anxiety. With a stable internet connection at home, the respondent maintained a connection with the community and loved ones.

A third group of households are those, whose situation remained unchanged. One household representing this stability in terms of household finances explained that they could easily shift their work online. Nevertheless, similar to those experiencing problems during and after the pandemic as well as those experiencing financial stability and improvements, also this household faced emotional and social challenges resulting from the inability to meet family and friends. They described the isolation experience explicitly as “horrible” and the most challenging part of the lockdown. Virtual access for the interlocutor was made easier through the assistance of and reliance on another household member. The interlocutor was able to use digital platforms to purchase daily needs and connect with her faith community.

Overall, losses of income generating activities, limited access to (digital) infrastructure and health issues negatively affected some households. Many of these increased their travel distances to cope with these challenges, especially when moving activities online was not an option. Others experienced improvement in finances or adapted to virtual engagements, while still regularly experiencing the pandemic as emotionally stressful. This highlights the complexity of post-pandemic recovery and the necessity of both virtual and physical access for the wellbeing and resilience of households.

Acknowledgments: This research is the output of a project funded by the German Ministry of Education and Research (BMBF) as part of the call “Transatlantic Platform: Recovery, Renewal and Resilience in a Post Pandemic World” (Funding code: 01UG2212).

REFERENCES

BADUNENKO, Oleg; POPOVA, Maria. Does inequality migrate? The development of income inequality across German states. *Journal of Regional Science*, v. 64, n. 2, p. 555-589, 2024.

NORTHRHINE-WESTPHALIA STATE GOVERNMENT [LANDESREGIERUNG NORDRHEIN-WESTFALEN]. Neue Coronaschutzverordnung: Land setzt vereinbarte Maßnahmen zur Bekämpfung des Corona-Virus konsequent um. Land.NRW, 30 Nov. 2020. Available from: <https://www.land.nrw/pressemitteilung/neue-coronaschutzverordnung-land-setzt-vereinbarte-massnahmen-zur-bekaempfung-des>. Access in: 14 July 2025.

NORTHRHINE-WESTPHALIA STATE GOVERNMENT [LANDESREGIERUNG NORDRHEIN-WESTFALEN]. Coronaschutzverordnung angepasst - Nordrhein-Westfalen verlängert Lockdown bis 31. Januar 2021. Land.NRW, 8 Jan. 2021. Available from: <https://www.land.nrw/pressemitteilung/coronaschutzverordnung-angepasst-nordrhein-westfalen-verlaengert-lockdown-bis-31>. Access in: 14 July 2025.

McAULIFFE, Marie; OUCHO, Linda A. (Eds.). *World Migration Report 2024*. Geneva: International Organisation for Migration, 2024. Available from: <https://publications.iom.int/books/world-migration-report-2024>. Access in: 8 July 2025.

NEßLER, Miriam; TIPPEL, Cornelia; SCHNEIDER, Jochen. *Politiken des Ankommens in Dortmund*.

In: GESEMANN, Frank; FILSINGER, Dieter; MÜNCH, Sybille (Eds.). Handbuch Lokale Integrationspolitik. Wiesbaden: Springer Fachmedien, 2024. p. 1-17.

SCHNITTFINKE, T. et al. Criticality assessment and cascading effects: impacts of COVID-19 disruptions in public transport on marginalized groups in Dortmund, Germany, São Paulo, Brazil, and Cape Town, South Africa. *Journal of Surveillance, Security and Safety*, v. 5, n. 3, p. 140-159, 2024. DOI: <https://doi.org/10.20517/jsss.2024.11>. Available from: <https://jsssjournal.com/article/view/5876>. Access in: 14 July 2025.



Reflexões de uma pesquisa sobre impacto da pandemia em perspectiva transatlântica a partir do Projeto ICOLMA em São Paulo



Sandra (San) Momm*



Thais Tartalha*



Luciana Travassos*



Silvana Zioni*

Resumo: O artigo relata a experiência de uma pesquisa transatlântica - Brasil-Alemanha-África do Sul - sobre a pandemia de COVID-19 a partir da perspectiva de um grupo de pesquisa do Laboratório de Planejamento (LaPlan) da UFABC, que desenvolveu o Projeto ICOLMA em parceria com organizações sociais na Cidade de São Paulo. O foco foi entender como a mobilidade e os modos de vida foram impactados em contextos de vulnerabilidade, especialmente entre mulheres (CIS e trans) na Região Central de São Paulo e em Cidade Tiradentes. Os resultados foram coletados por meio de entrevistas, rodas de conversa e dissertações de mestrado, destacando o impacto da pandemia sobre renda, mobilidade, saúde e acesso a serviços e solidariedade.

Em uma tarde, 13 de março de 2020, uma sexta-feira, estávamos no Laboratório de Planejamento (LaPlan)¹ encerrando algumas atividades, quando a Universidade Federal do ABC (UFABC) suspendeu as atividades por uma semana². Fechando o laboratório naquele final de tarde, até o dia anterior tínhamos tido reuniões e relatos de infecção pelo (ou suspeita de) vírus por diversas pessoas, não tínhamos ideia do que viria a acontecer. Na semana seguinte foi necessário voltar ao Laboratório para buscar materiais e equipamentos: a universidade, as ruas, já estavam vazias³. Os dias se converteram em semanas e meses. A rotina foi mudando lentamente e profundamente. A incerteza, surpresa, apreensão foi tomando o lugar da rotina. A vida no confinamento e online foi se tornando rotina.

Essa foi a realidade de quem estava na docência, na universidade, morando nos arredores da universidade. Mas essa não foi a única história, como nos lembra a escritora Chimamanda Adichie. Diversas pessoas, com realidades em diversos territórios vivenciaram a pandemia de COVID-19 de forma diferente. Quando da chamada da Plataforma Transatlântica de Ciências

*Universidade Federal do ABC (UFABC)

DOI: <https://doi.org/10.36942/dialogossocioambientais.v8i24.1452>

Palavras-chave: Pandemia de COVID-19; Pesquisa feminista; Mobilidade; Modos de vida; Cidade de São Paulo.

1 Acesse o link do site do LAPLAN <https://laplan.pesquisa.ufabc.edu.br/>

2 Acesse o link para mais informações <https://www.ufabc.edu.br/sobre-o-coronavirus/portaria-da-reitoria-suspende-atividades-academicas-e-administrativas-entre-os-dias-16-e-22-de-marco>

3 Ver seção de "Artes" desta edição.

Sociais e Humanidades (T-AP)⁴, no final do período pandêmico, vimos a oportunidade de entender essas vivências em territórios diferentes em três países, em três cidades, a saber em Cape Town, na Região do Ruhr e no Brasil, e no nosso caso, na Cidade de São Paulo, denominado Projeto ICOLMA⁵.

A mobilidade e os modos de vida estavam no centro da proposta da pesquisa e sobre a vivência de pessoas com restrições de renda e trabalho e outras condições que as colocassem em vulnerabilidade e em condição marginalizada. Na agenda coletiva do projeto, decidimos por trabalhar com 100 pessoas entrevistadas, e na Cidade de São Paulo com mulheres (CIS e trans) em dois territórios muito distintos acerca da acessibilidade e mobilidade - a Região Central e Cidade Tiradentes.

Decidimos estabelecer uma parceria com as Promotoras Legais Populares (PLPs) e com o movimento de moradia União dos Movimentos de Moradia - SP, por meio da liderança de mulheres como Neuma Silva de Oliveira Cruz e Graça Xavier (ver seção de Entrevistas). Entendemos que não iríamos apenas buscar informações e dados, na relação de sujeitos de uma pesquisa, ou com quem atua e vive nos territórios, isso nos levou a entender uma abordagem feminista para a nossa prática de pesquisa (Momm et al., manuscrito submetido; Vella et al., 2025). Para se somar às pessoas acadêmicas da pesquisa - a saber bolsistas e mestrandas e mestrandos Gabriel Machado, Bruna Brauer, Lyvia Fischer e Letícia Ueda Vella, se somaram três pesquisadoras vindas das PLPs - Luciana Busquets Fernandes da Silva, Claudilene Ines de Araujo e Silva e Aline Bezerra Silva, esta última moradora de Cidade Tiradentes e atualmente cursando o mestrado em Planejamento e Gestão do Território na UFABC. Logo depois se somaram pesquisadores de pós-doutorado Beatriz Milz e Pedro Henrique Campello Torres, além de Ana Lia Leonel que concluiu o doutorado em intercâmbio com a TU-Do e é participante de uma outra chamada que se associou ao Projeto ICOLMA, sobre análises comparativas entre realidades metropolitanas de diferentes países⁶.

Deste arranjo e vivência de pesquisa, foi possível realizar 113 entrevistas por meio de rodas de conversa e eventos em espaços do movimento de moradia (ocupações Martins Fontes, Celso Garcia e Penaforte Mendes e o Condomínio Florestan Fernandes) e equipamentos de acolhida de mulheres como o Centro de Defesa e Convivência da Mulher Francisca Franco e o Centro de Defesa e Convivência da Mulher Casa Anastácia, além de estabelecer cinco dissertações de mestrado, que implicam em aprofundar temas como: as pessoas LGBTQIAPN+ (Machado et al., 2025, trabalho aceito para apresentação), sobre a análise de criticidade da infraestrutura a partir da disrupção do sistema de transporte (Fischer et al., 2025), sobre a análise temática do impacto da pandemia e especialmente relatos de violência (Vella et al., 2025), a discussão sobre modos de vida (Torres et al., manuscrito submetido), e das mulheres negras em Cidade Tiradentes (em desenvolvimento por Aline Bezerra da Silva).

Os resultados da pesquisa se expressaram em compreender, por meio de ferramentas como entrevistas e rodas de conversa, grupo focal realizado com as pessoas entrevistadoras, de que forma a pandemia atravessou a vida dessas 113 pessoas entrevistadas e suas famílias e outras relações sociais, ou a falta dela, no caso de mulheres (30% das entrevistadas) que vivenciaram isoladas ou que a pandemia resultou em estarem isoladas em lugares de acolhida.

4 Acesse para mais informações <https://www.transatlanticplatform.com/>

5 Impacto da COVID-19 no modo de vida, mobilidade e acessibilidade dos grupos marginalizados (ICOLMA). Processo número 2021/07554-8, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

6 Planejamento em comparação global em um cenário pós-pandêmico: teorias, metodologias e estratégias para comparar casos metropolitanos. Processo número 2022/08402, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Da análise de criticidade foi possível ver como a disrupção no sistema de transporte foi decisiva para (des)encadear desigualdades em cascata e como as restrições no transporte público, redução da frequência e linhas, não retomaram ao período pré-pandêmico. Essa redução, entre outros efeitos, criou piores condições para as pessoas que não puderam ficar no isolamento, caso de muitas pessoas entrevistadas na pesquisa, que estavam na linha de frente dos serviços essenciais presenciais, como saúde e abastecimento (Schnittfinke et al., 2024; Fischer et al., 2025).

Agrupando os resultados de renda e mobilidade das pessoas entrevistadas se viu distinções, desde um grupo de mulheres que tiveram a sua renda melhorada, considerando os auxílios e solidariedade, e pouca alteração na sua mobilidade; até outro grupo altamente impactado com piora na renda e alterações na mobilidade, considerando aí mudanças de localização e até a busca de espaços de acolhida (Momm et al., manuscrito submetido).

Existe uma diferença entre as localizações escolhidas para a pesquisa, a Região Central e Cidade Tiradentes. Das pessoas entrevistadas na Região Central, especialmente as que estão em movimentos de moradia, em ocupações, a possibilidade de acessar serviços, como o de saúde e também trabalho e renda, em curtos deslocamentos inclusive a pé, permitiu uma continuidade de acesso mesmo durante o lockdown. O mesmo não ocorreu em Cidade Tiradentes, em que os longos trajetos de deslocamento antes e durante a pandemia, segundo as narrativas de pessoas entrevistadas, promoveram decisões sobre abandonar o trabalho formal na região central e buscar renda na informalidade.

Quando perguntadas sobre o maior impacto da pandemia, diferentemente dos outros países, a questão do negacionismo e o papel do Governo Federal e do Presidente da República se mostrou relevante como fator negativo para as pessoas entrevistadas.

Finalmente, sempre é tempo de identificar e avaliar os impactos da pandemia dado o alcance desse evento e seu caráter histórico. Dentre outros, se mostrou como uma espécie de laboratório para o fechamento de equipamentos de educação, lazer e socialização tal como discutimos em Momm et al. (2023a, 2023b) como o apagamento dos territórios de cuidado.

Agradecimentos: Este estudo foi financiado, em parte, pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), no Brasil. Números dos Processos: 2021/07554-8, 2022/08402-0, 2023/17054-8, 2023/09825-4, 2024/05779-0.

REFERÊNCIAS

FISCHER, L. N. C. et al. Repercussões da pandemia de covid-19 no acesso às infraestruturas críticas da cidade de são paulo a partir do sistema de transporte público. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, 21., 2025, Curitiba. Anais: Realize Editora, 2025. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/122592> . Acesso em: 21 ago. 2025.

MACHADO, G.; MOMM, S.; MILZ, B. Estratégias de sobrevivência LGBTQIAP+ na pandemia de COVID-19 em territórios periféricos e centrais de São Paulo. Trabalho aceito para apresentação no 12º Congresso Internacional da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura. 2025, Brasília - DF.

MOMM, S. et al. Mobilidade e renda de mulheres da Região Central e da Cidade Tiradentes de São Paulo: o que o impacto da pandemia de COVID-19 pôde nos mostrar? Artigo submetido para publicação. 2025.

MOMM, S. et al. Violência de gênero e o campo do planejamento e estudos territoriais: um retrato sobre a violência contra as mulheres no município de São Paulo durante o primeiro ano da pandemia de COVID-19. *Urbe, Revista Brasileira de Gestão Urbana*, v. 15, e20210384, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-3369.015.e20210384>.

SCHNITTFINKE, T. et al. Criticality assessment and cascading effects: impacts of COVID-19 disruptions in public transport on marginalized groups in Dortmund, Germany, São Paulo, Brazil, and Cape Town, South Africa. *Journal of Surveillance, Security and Safety*, v. 5, n. 3, p. 140-159, 2024. DOI: <https://doi.org/10.20517/jsss.2024.11>.

TORRES, P. H. C. et al. Planejamento territorial e modos de vida em tempos de crise: um estudo exploratório sobre três cidades durante a COVID-19 a partir do livelihood framework. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, 21., 2025, Curitiba. Anais, Realize Editora, 2025. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/122976>. Acesso em: 21 ago. 2025.

TORRES, P. et al. Reframing the sustainable livelihoods framework in urban crisis contexts: mobility, health, natural capital and the impacts of the COVID-19 pandemic in São Paulo City (Brazil). Artigo submetido para publicação. 2025.

VELLA, L. U. et al. Pressupostos e estratégias utilizados no projeto icolma sobre o impacto da pandemia na mobilidade e modos de vida da cidade de são paulo: uma perspectiva feminista de pesquisa. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, 21., 2025, Curitiba: Realize Editora, 2025. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/122565>. Acesso em: 21 ago. 2025.

Reflections from a research study on the impact of the pandemic from a transatlantic perspective based on the ICOLMA Project in São Paulo



Sandra (San) Momm*



Thais Tartalha*



Luciana Travassos*



Silvana Zioni*

*Universidade Federal do ABC (UFABC)

DOI: <https://doi.org/10.36942/dialogossocioambientais.v8i24.1452>

Keywords: COVID-19; Pandemic; Feminist research; Mobility; Livelihoods; City of São Paulo.

Abstract: The article reports on the experience of a transatlantic research project - Brazil-Germany-South Africa - on the COVID-19 pandemic from the perspective of a research group at the Planning Laboratory (LaPlan) at UFABC, which developed the ICOLMA Project in partnership with social organizations in the city of São Paulo. The focus was to understand how mobility and livelihoods were impacted in contexts of vulnerability, especially among women (cis and trans) in the Central Region of São Paulo and in Cidade Tiradentes. The results were collected through interviews, roundtable discussions, and master's theses, highlighting the impact of the pandemic on income, mobility, health, access to services, and solidarity.

On the afternoon of Friday, March 13, 2020, we were at the Planning Laboratory (LaPlan)¹ wrapping up some activities when the Federal University of ABC (UFABC) suspended activities for a week. As we closed the lab that late afternoon, until the day before we had had meetings and reports of infection (or suspected infection) by the virus by several people, we had no idea what was to come. The following week², we had to return to the Laboratory to retrieve materials and equipment: the university and the streets were already empty³. Days turned into weeks and months. Our routine changed slowly and profoundly. Uncertainty, surprise, and apprehension took the place of routine. Life in confinement and online became routine.

This was the reality for those who were teaching at the university and living in the surrounding area. But this was not the only story, as writer Chimamanda Adichie reminds us. Different people, with different realities in different territories, experienced the COVID-19 pandemic differently. When the Transatlantic Platform for Social Sciences and Humanities (T-AP)⁴ call at the end of the pandemic period,

1 Link for the site, access: <https://laplan.pesquisa.ufabc.edu.br/>

2 Link for the site, access: <https://www.ufabc.edu.br/sobre-o-coronavirus/portaria-da-reitoria-suspende-atividades-academicas-e-administrativas-entre-os-dias-16-e-22-de-marco>

3 See the Arts section of this issue.

4 Link for the site, access: <https://www.transatlanticplatform.com/>

we saw an opportunity to understand these experiences in different territories in three countries, in three cities, namely Cape Town, the Ruhr Region, and Brazil, and in our case, in the city of São Paulo, called the ICOLMA Project.⁵

Mobility and livelihoods were at the center of the research proposal, focusing on the experiences of people with income and work restrictions and other conditions that placed them in vulnerable and marginalized situations. In the project's collective agenda, we decided to work with 100 interviewees in the city of São Paulo, focusing on women (cisgender and transgender) in two very different areas in terms of accessibility and mobility: the Central Region and Cidade Tiradentes.

We have decided to establish a partnership with the Popular Legal Promoters (PLPs) and with the housing movement Union of Housing Movements - SP, through the leadership of women such as Neuma Silva de Oliveira Cruz and Graça Xavier (see Interviews section). We understood that we would not only seek information and data from research subjects or those who work and live in the territories, but this led us to understand a feminist approach to our research practice (Momm et al., manuscript submitted; Vella et al., 2025). In addition to the academic researchers - namely, scholarship recipients and master's students Gabriel Machado, Bruna Brauer, Lyvia Fischer, and Letícia Ueda Vella - three researchers from the PLPs joined the team - Luciana Busquets Fernandes da Silva, Claudilene Ines de Araujo e Silva, and Aline Bezerra Silva, the latter a resident of Cidade Tiradentes and currently pursuing a master's degree in Territorial Planning and Management at UFABC. Soon after, postdoctoral researchers Beatriz Milz and Pedro Henrique Campello Torres joined the group, as well as Ana Lia Leonel, who completed her doctorate on exchange with TU-Do and is participating in another call that is associated with the ICOLMA Project, on comparative analyses between metropolitan realities in different countries⁶.

From this research arrangement and experience, it was possible to conduct 113 interviews through roundtable discussions and events in spaces belonging to the housing movement (the Martins Fontes, Celso Garcia, and Penaforte Mendes occupations and the Florestan Fernandes Condominium) and women's shelters such as the Francisca Franco Women's Defense and Community Center and the Casa Anastácia Women's Defense and Community Center, in addition to establishing five master's theses, which involve delving deeper into topics such as: LGBTQIAPN+ people (Machado et al., 2025, paper accepted for presentation), the critical analysis of infrastructure based on the disruption of the transportation system (Fischer et al., 2025), the thematic analysis of the impact of the pandemic and especially reports of violence (Vella et al., 2025), the discussion on livelihoods (Torres et al., manuscript submitted), and black women in Cidade Tiradentes (under development by Aline Bezerra Silva).

The results of the research were expressed in understanding, through tools such

⁵ Impact of COVID-19 on the livelihood, mobility, and accessibility of marginalized groups (ICOLMA). Process number 2021/07554-8, funded by the São Paulo Research Foundation (FAPESP).

⁶ Planning in global comparison in a post-pandemic scenario: theories, methodologies, and strategies for comparing metropolitan cases. Process number 2022/08402, funded by the São Paulo Research Foundation (FAPESP).

as interviews and conversation circles, focus groups held with the interviewers, how the pandemic affected the lives of these 113 interviewees and their families and other social relationships, or the lack thereof, in the case of women (30% of those interviewed) who experienced isolation or who were isolated in shelters as a result of the pandemic.

From the criticality analysis, it was possible to see how the disruption in the transportation system was decisive in triggering a cascade of inequalities and how restrictions on public transportation, reduced frequency, and fewer lines did not return to pre-pandemic levels. Among other effects, this reduction created worse conditions for people who were unable to isolate themselves, as was the case for many people interviewed in the survey, who were on the front lines of essential in-person services, such as health and supply (Schnittfinke et al., 2024; Fischer et al., 2025).

Grouping the income and mobility results of the interviewees revealed distinctions, ranging from a group of women who saw their income improve, considering the assistance and solidarity they received, with little change in their mobility; to another group that was highly impacted, with a decline in income and changes in mobility, including changes in location and even the search for shelter (Momm et al., manuscript submitted).

There is a difference between the locations chosen for the research, the Central Region and Cidade Tiradentes. Among the interviewees in the Central Region, especially those in housing movements, in occupations, the possibility of accessing services such as health and also work and income, through short commutes even on foot, allowed continuity of access even during the lockdown. The same did not occur in Cidade Tiradentes, where the long commutes before and during the pandemic, according to the interviewees narratives, led to decisions to abandon formal work in the central region and seek income in informality.

When asked about the greatest impact of the pandemic, unlike in other countries, the issue of denialism and the role of the Federal Government and the President proved to be a significant negative factor for the people interviewed.

Finally, it is always time to identify and assess the impacts of the pandemic, given the scope of this event and its historic significance. Among other things, it has served as a kind of laboratory for the closure of educational, leisure, and socialization facilities, as discussed in Momm et al. (2023a, 2023b) as the erasure of care territories.

Acknowledgments: This study was financed, in part, by the São Paulo Research Foundation (FAPESP), Brasil. Process Number. 2021/07554-8, 2022/08402-0, 2023/17054-8, 2023/09825-4, 2024/05779-0.

REFERENCES

FISCHER, L. N. C. et al. Repercussions of the covid-19 pandemic on access to critical infrastructures in the city of São Paulo from the public transport system. In: NATIONAL MEETING OF THE NATIONAL ASSOCIATION FOR GRADUATE STUDIES AND RESEARCH IN URBAN AND REGIONAL PLANNING, 21., 2025, Curitiba. Proceedings: Realize Editora, 2025. Available from: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/122592>. Access in: 21 Aug. 2025.

MACHADO, G.; MOMM, S.; MILZ, B. LGBTQIAP+ survival strategies in the COVID-19 pandemic in peripheral and central territories of São Paulo. Paper accepted for presentation at the 12th International Congress of the Brazilian Association of Homoculture Studies. 2025, Brasília - DF.

MOMM, S. et al. Mobility and income of women from the Central Region and Cidade Tiradentes in São Paulo: what could the impact of the COVID-19 pandemic show us? Manuscript submitted for publication. 2025.

MOMM, S. et al. Gender violence and the field of planning and territorial studies: a portrait of violence against women in the municipality of São Paulo during the first year of the COVID-19 pandemic. *Urbe, Brazilian Journal of Urban Management*, v. 15, e20210384, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-3369.015.e20210384>.

SCHNITTFINKE, T. et al. Criticality assessment and cascading effects: impacts of COVID-19 disruptions in public transport on marginalized groups in Dortmund, Germany, São Paulo, Brazil, and Cape Town, South Africa. *Journal of Surveillance, Security and Safety*, v. 5, n. 3, p. 140-159, 2024. DOI: <https://doi.org/10.20517/jsss.2024.11>.

TORRES, P. H. C. et al. Territorial planning and livelihoods in times of crisis: an exploratory study on three cities during COVID-19 from the livelihood framework. In: NATIONAL MEETING OF THE NATIONAL ASSOCIATION FOR GRADUATE STUDIES AND RESEARCH IN URBAN AND REGIONAL PLANNING, 21., 2025, Curitiba. Proceedings, Realize Editora, 2025. Available from: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/122976>. Access in: 21 Aug. 2025.

TORRES, P. et al. Reframing the sustainable livelihoods framework in urban crisis contexts: mobility, health, natural capital and the impacts of the COVID-19 pandemic in São Paulo City (Brazil). Manuscript submitted for publication. 2025.

VELLA, L. U. et al. Assumptions and strategies used in the icolma project on the impact of the pandemic on mobility and livelihoods in the city of São Paulo: a feminist research perspective. In: NATIONAL MEETING OF THE NATIONAL ASSOCIATION FOR GRADUATE STUDIES AND RESEARCH IN URBAN AND REGIONAL PLANNING, 21., 2025, Curitiba: Realize Editora, 2025. Available from: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/122565>. Access in: 21 Aug. 2025.

Pesquisa ICOLMA em Cidade do Cabo: Resultados e reflexões



Roger Behrens*



Mojalefa Makitle**



Kgomotso Mosikare*



Bradley Rink**



Mark Zuidgeest*

*University of Cape Town; ** University of the Western Cape;

DOI: <https://doi.org/10.36942/dialogossocioambientais.v8i24.1455>

Palavras-chave: Quarentena da COVID-19; Comportamento de deslocamento; Dominio de atividade; Famílias marginalizadas; Cidade do Cabo.

Resumo: Esta conjuntura explora os impactos da pandemia de COVID-19 no comportamento de deslocamento de longo prazo de famílias marginalizadas na Cidade do Cabo. Os padrões de mobilidade e atividade foram examinados antes, durante e depois do confinamento da pandemia de COVID-19. Utilizando dados biográficos de mobilidade domiciliar (n=101), observou-se que os “domínios de atividade” se reduziram e apenas se recuperaram parcialmente nesses três períodos. Os resultados ilustram que o impacto da pandemia e a recuperação das perturbações nos padrões de mobilidade e atividade foram desiguais entre as famílias marginalizadas.

Introdução

Esta conjuntura concentra-se nos impactos de longo prazo da pandemia de COVID-19 sobre o comportamento de deslocamento de famílias marginalizadas no contexto da Cidade do Cabo (África do Sul). “Famílias marginalizadas” são definidas como aquelas com fluxos de renda instáveis provenientes do setor informal, de trabalhos manuais precários e de auxílios sociais. Por meio da exploração dos meios de subsistência e mobilidade antes (T1), durante (T2) e depois (T3) da quarentena, investigamos duas questões inter-relacionadas: (1) como a COVID-19 afetou a acessibilidade e a inclusão socioespacial; e (2) como impactou o comportamento de deslocamento de longo prazo.

Método de pesquisa

Para responder a essas questões, analisamos dados coletados em uma pesquisa qualitativa com representantes de famílias marginalizadas em duas áreas da Cidade do Cabo (Rink et al., 2025). O estudo baseou-se em uma amostra

intencional e não probabilística. Representantes adultos das famílias foram convidados a identificar retrospectivamente os propósitos e destinos das viagens de cada membro de sua família.

A análise em nível domiciliar baseia-se em entrevistas narrativas de biografia de mobilidade com 101 representantes adultos de famílias: 50 participantes do Distrito 101: Kraaifontein (abrangendo as áreas de Bloekombos, Belmont Park e Wallacedene) (Makitle, 2025); e 51 participantes dos Distritos 37–38: Nyanga (abrangendo Gugulethu e Nyanga) (Mosikare, 2025).

Os períodos antes (T1), durante (T2) e depois (T3) analisados na pesquisa marcam mudanças nas restrições impostas pela pandemia, com base na prevalência da doença e nas respostas governamentais em nível nacional. O marco crítico de março de 2020 representa a passagem de T1 para T2, e a transição de T2 para T3 ocorre em abril de 2022, quando o Estado Nacional de Calamidade na África do Sul foi oficialmente encerrado.

Cada família representou um caso, para o qual foi desenvolvida uma biografia de mobilidade com base em entrevistas detalhadas e mapeamento de atividades por meio da ferramenta Maptionnaire. Os dados sobre domínios de atividade foram analisados com o ArcGIS, enquanto os dados qualitativos das perguntas abertas foram examinados por meio de análise temática. Essa análise qualitativa forneceu explicações de causa para os padrões espaciais derivados do Maptionnaire.

Resultados da pesquisa

A análise dos dados biográficos revelou que grupos marginalizados sofreram fortemente os impactos da pandemia e das regras de confinamento, especialmente em relação às atividades geradoras de renda e às mudanças resultantes no comportamento de deslocamento. Contudo, os efeitos complexos da pandemia e das restrições sobre a mobilidade e os meios de subsistência, tanto diretos quanto indiretos, merecem mais atenção. O mesmo se aplica às estratégias adotadas por esses grupos para lidar com os efeitos, como o uso de tecnologias virtuais, quando possível, ou mudanças residenciais significativas.

As conclusões destacam as transformações no papel do acesso físico para grupos urbanos marginalizados e seus impactos no comportamento de deslocamento, dividindo-se em três áreas principais: (1) impactos nas atividades geradoras de renda; (2) mudanças nos modos de transporte, devido tanto às restrições quanto à perda de emprego; e (3) alterações nos domínios de atividade.

Impactos no acesso a atividades geradoras de renda

A pandemia de COVID-19 e os confinamentos associados na África do Sul interromperam severamente as atividades geradoras de renda para os entrevistados em nossos locais de estudo. Essas interrupções das atividades geradoras de renda, portanto, não podem ser vistas isoladamente do comportamento de deslocamento para todos os outros propósitos, como

escola/educação, necessidades diárias, saúde e atividades sociais. Como ilustrado na Figura 1, a maioria dos representantes dos domicílios (63%) dos entrevistados estava empregada no setor formal antes da pandemia (T1). Pouco menos de um quarto dos entrevistados (22%) estava desempregado durante esse mesmo período. Com o início das regras de confinamento induzidas pela pandemia e os subsequentes impactos sobre os negócios em T2, há evidências de redução no número de entrevistados que eram autônomos, empregados no setor formal ou informal, ou estudantes/aprendizes. A mudança mais visível entre T1 e T2 pode ser vista na queda acentuada no emprego no setor formal e no aumento igual no desemprego, que subiu para 60% dos entrevistados durante o T2. Ainda é evidente no diagrama abaixo a perda contínua de empregos em T3, apontando para a falta de recuperação total no período pós-confinamento, em que aqueles anteriormente empregados nos setores formal e informal, autônomos, freelancers e estudantes/aprendizes se juntaram às fileiras dos desempregados. Nem mesmo o setor informal – frequentemente composto por trabalho doméstico em residências, limpeza ou jardinagem – foi capaz de absorver as perdas do setor formal. O nível de desemprego entre nossa população amostral de representantes domiciliares cresceu para 65% no período pós-pandemia T3. No caso de muitos que perderam seus empregos, sua única fonte de renda foi na forma de auxílios do governo (por exemplo, o “Auxílio de Alívio Social em Situação de Angústia” (“Social Relief of Distress Grant”) de ZAR 350/mês que foi fornecido durante a pandemia).

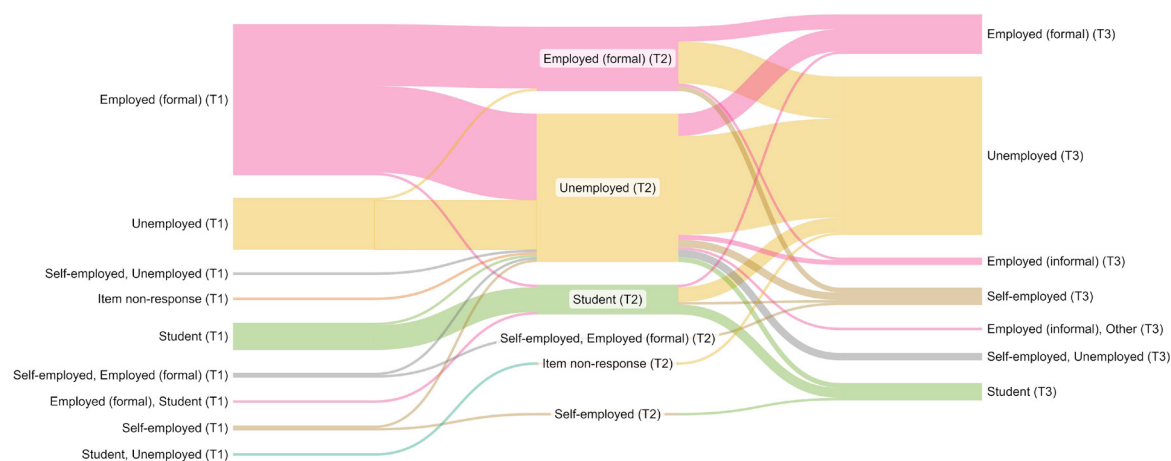


Figura 1. Mudança no status de emprego do principal respondente do domicílio: antes (T1), durante (T2) e depois (T3) do confinamento da COVID.

Fonte: elaborado pelos autores.

Acrescentando a esta análise, as respostas às perguntas abertas ajudaram a enfatizar os efeitos em cascata da perda de atividades geradoras de renda. Os entrevistados observaram sentimentos de desespero, isolamento social e medo ao lidarem com as regulamentações de confinamento e a perda de renda. Muitos entrevistados puderam rastrear a perda de renda do trabalho até sua incapacidade de pagar o aluguel. Essas pressões levaram a maioria a alterar seu comportamento de deslocamento cotidiano, e outros a se mudarem para moradias alternativas, incluindo residências nos fundos de quintais de menor custo, compartilhamento com membros da família ou novos assentamentos informais.

Impactos nas opções de mobilidade

A perda de renda familiar e a reorganização da atividade econômica e social devido às regulamentações de confinamento também tiveram um efeito restritivo sobre as opções de mobilidade e os padrões de uso, particularmente durante o T2. Como ilustrado na Figura 2, há uma diminuição notável na dependência de minibus-táxis entre T1 e T2. A diminuição na dependência de minibus-táxis de T1 para T2 pode ser atribuída tanto às restrições de capacidade de passageiros impostas aos operadores de minibus, quanto à perda de emprego e à consequente mudança nas necessidades de deslocamento. Ao mesmo tempo, as respostas dos participantes indicam seus medos de contrair o coronavírus em ambientes sociais lotados, como o ambiente frequentemente sobrecarregado dos minibus-táxis. Relacionado a isso, é evidente nas descobertas abaixo, está a contínua dependência da mobilidade a pé como modo de transporte. Excluindo aqueles cuja mobilidade foi restringida devido à perda de trabalho, a Figura 2 mostra que, dentro de nossos locais de estudo, a mobilidade a pé permaneceu um pilar da mobilidade cotidiana, e uma prática à qual a maioria dos residentes está “presa” devido às alternativas limitadas. A dependência da mobilidade a pé como modo de transporte aumentou de 14% dos entrevistados durante T1, para 18% durante T2, subindo para 43% dos entrevistados em T3. De forma crítica, o uso de minibus-táxis para fins de emprego não se recupera totalmente aos níveis pré-confinamento. Essa constatação está alinhada à acentuada diminuição do emprego entre nossos representantes domiciliares nas áreas de estudo, ao aumento da dependência da mobilidade a pé e à incompletude da recuperação em termos de meios de subsistência e mobilidade.

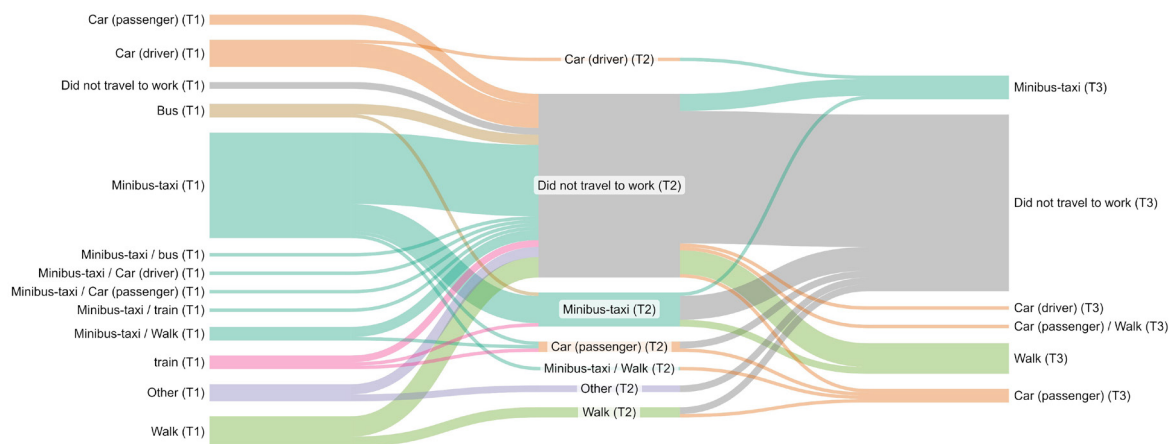


Figura 2. Mudança no uso principal do modo de transporte do respondente do domicílio para viagens de trabalho: antes (T1), durante (T2) e depois (T3) do confinamento da COVID.

Fonte: elaborado pelos autores.

Impactos nos domínios de atividade

As mudanças nos domínios de atividade são evidenciadas por alterações no alcance geográfico das atividades dos entrevistados. Isso foi medido pela distância euclidiana total entre as coordenadas capturadas da residência do entrevistado e os destinos das viagens de seu domicílio. Esses dados foram posteriormente analisados usando o ArcGIS (ArcMap) e interagiram com as respostas qualitativas capturadas no Maptionnaire. Como ilustrado na Figura 3, uma tendência clara emerge ao longo dos três períodos de tempo. Em T1, encontramos uma distância total de 3.228 km em nosso grupo amostral, abrangendo todas as viagens domésticas para os cinco propósitos de viagem analisados. O impacto das restrições de confinamento diminuiu a extensão da atividade para 1.116 km durante T2, evidenciando o grau em que a pandemia reduziu a demanda por viagens e moldou a escolha modal.

Significativamente, descobrimos que a distância euclidiana em todos os cinco propósitos de viagem diminuiu acentuadamente entre T1 e T2, mas apenas as distâncias para destinos de viagens escolares e sociais apresentaram recuperação em T3. O impacto das perdas de emprego é evidente no declínio acentuado nas distâncias para destinos de viagens de trabalho, começando em 1.256 km em T1, colapsando para 423 km em T2 e falhando em se recuperar em T3, com um total de 588 km. A análise dessas cifras aponta para o fato de que a mobilidade e o acesso diminuídos restringiram as oportunidades de subsistência de nossos domicílios amostrados.

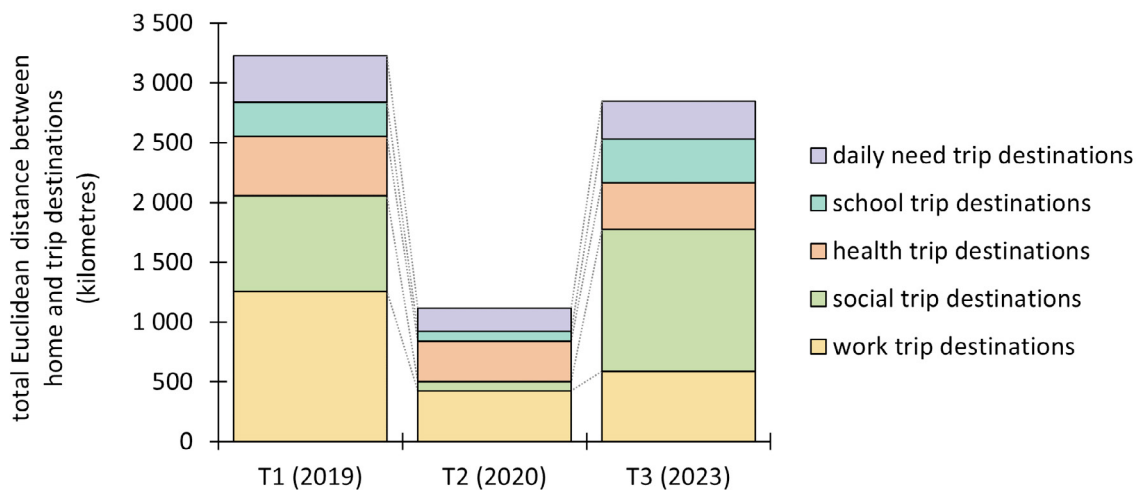


Figura 3. Mudança no domínio de atividade: antes (T1), durante (T2) e depois (T3) do confinamento da COVID.

Fonte: elaborado pelos autores.

Conclusão

As regulamentações de confinamento tiveram um efeito restritivo sobre a escolha modal e os padrões de atividade de nossos representantes domiciliares devido à perda de renda familiar e à reorganização da atividade econômica e social. A mobilidade e o acesso de nossos domicílios amostrados foram impactados pela perda de renda, pelas preocupações com a transmissão da doença e pelas mudanças residenciais. Com seus domínios de atividade tendo sido restringidos

durante a pandemia devido à perda de emprego, muitos de nossos representantes domiciliares amostrados foram forçados a depender da caminhada devido às alternativas limitadas. Enquanto famílias mais ricas e resilientes podem ter feito a transição para o trabalho, compras e socialização online, os domicílios em nossas áreas de estudo permanecem relativamente “travados” e experimentaram uma recuperação incompleta de seus meios de subsistência e mobilidade.

As mudanças nos domínios de atividade contam uma história de recuperação incompleta. O fracasso em se recuperar totalmente dos impactos nos meios de subsistência da pandemia é evidenciado pelas mudanças no número de domínios de atividade vinculados ao trabalho: 90 em 2019 (T1); 33 em 2020 (T2); e 60 em 2023 (T3). Não apenas as vidas de muitos de nossos domicílios amostrados foram impactadas pelos choques econômicos da pandemia, mas também por suas mudanças sociais e culturais. Alguns foram forçados a depender de auxílios governamentais e continuam a fazê-lo; outros perderam o principal provedor de renda familiar para a pandemia. Nossas descobertas demonstram a natureza desigual dos impactos da pandemia sobre grupos marginalizados na Cidade do Cabo.

Agradecimentos: Os autores gostariam de expressar seu agradecimento às agências financiadoras que forneceram apoio financeiro para esta pesquisa: National Research Foundation (NRF), África do Sul (Referência: TAP210608609260, Subsídio: 149058); e à Trans-Atlantic Platform Recovery, Renewal and Resilience in a Post-Pandemic world (TAP-RRR), que tornou possível o consórcio de pesquisa. O apoio financeiro permitiu a aquisição de material de pesquisa necessário e o acesso a softwares.

REFERÊNCIAS

MATIKLE, M. Tipologias intra-bairro importam: revisitando o impacto de nível médio do confinamento da COVID-19 na Cidade do Cabo pós-pandemia. 2025 (no prelo). Dissertação (Mestrado em Geografia e Estudos Ambientais) – University of the Western Cape, 2025.

MOSIKARE, M. Os impactos de longo prazo da COVID-19 sobre a mobilidade e a acessibilidade de grupos marginalizados na Cidade do Cabo. 2025 (no prelo). Dissertação (Mestrado em Engenharia) – University of Cape Town, 2025.

RINK, B.; MATIKLE, M.; MOSIKARE, M.; BEHRENS, R.; ZUIDGEEST, M.; SCHRAMM, S.; NYAMAI, D.; GREIVING, S.; SCHNITTFINKE, T.; SCHOLZ, W.; MOMM, S.; TRAVASSOS, L. Impactos de longo prazo da COVID-19 sobre o comportamento de viagem de domicílios marginalizados na Cidade do Cabo. *Transportation Research Procedia*, v. 89, p. 499–510, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.trpro.2025.05.077>.



ICOLMA research in Cape Town: Findings and reflections



Roger Behrens*



Mojalefa Makitle**



Kgomotso Mosikare*



Bradley Rink**



Mark Zuidgeest*

*University of Cape Town; ** University of the Western Cape;

DOI: <https://doi.org/10.36942/dialogossocioambientais.v8i24.1455>

Keywords: COVID-19; lockdown; Travel behaviour; Activity domain; Marginalised households; Cape Town.

Abstract: This conjecture explores the impacts of the COVID pandemic on the long-term travel behaviour of marginalised households in Cape Town. Mobility and activity patterns were explored before, during and after the COVID pandemic lockdown. Using (n=101) household mobility biography data, 'activity domains' were observed to shrink and only partially recover over these three time periods. The findings illustrate that the travel behaviour impact of, and recovery from, the disruption to mobility and activity patterns was uneven across marginalised households.

Introduction

This conjecture focuses on the long-term travel behaviour impacts of the COVID pandemic on marginalised households in the context of Cape Town (South Africa). 'Marginalised households' are defined as households with unstable income streams derived from the informal sector, casualised manual labour, and social grants. Through an exploration of livelihoods and mobility before (T1), during (T2) and after (T3) the pandemic lockdown, we interrogate two interrelated questions: (1) how COVID-19 affected accessibility and social-spatial inclusion; and (2) how COVID-19 impacted long-term travel behaviour.

Research method

To address these questions, we analyse data collected in a qualitative survey of marginalised household representatives in two areas of Cape Town (Rink et al., 2025). The study was based on a purposive non-probability sample. Adult household representatives were asked to retrospectively identify trip purposes and destinations for each member of their household.

Household level analysis is based on narrative mobility biographical interviews with 101 adult household representatives: 50 participants from

Ward 101: Kraaifontein (encompassing the areas of Bloekombos, Belmont Park and Wallacedene) (Makitle, 2025); and 51 participants from Wards 37-38: Nyanga (encompassing the areas of Gugulethu and Nyanga) (Mosikare, 2025).

The before (T1), during (T2), and after (T3) time periods analysed in the survey mark shifts in pandemic-induced restrictions based on disease prevalence and government responses at national level with a critical marker of March 2020 being the shift from T1 to T2, and the shift from T2 to T3 in April 2022 when South Africa's National State of Disaster was officially lifted.

Each household represented a case for which a mobility biography was developed, based on in-depth interviews and activity mapping using the Maptionnaire tool. Activity domain data were analysed using ArcGIS, while qualitative data from open-ended questions were examined through a thematic analysis of responses. Analysis of open-ended responses provided causative explanations of spatial patterns derived from Maptionnaire.

Research findings

The analysis of data from mobility biographies revealed that marginalised groups have suffered greatly from the pandemic and related lockdown rules, particularly with respect to income generating activities and the resulting changes in travel behaviour. However, knowledge on the complex ways in which the pandemic and lockdown rules affected their travel behaviour and livelihoods through both direct mobility restrictions and indirect effects of reduced mobility on the functioning of other infrastructures and services merits further attention. The same applies to the specific ways marginalised groups coped with these effects, e.g. through virtual technologies where possible, or by making significant changes to their lives through residential shifts. Findings help to highlight the changing roles of physical access for urban marginalised groups and the resulting impact on travel behaviour, and revolve around three key areas: first, pandemic-induced impacts on access to income generating activities; second, shifts in mode use due partly to limited mobility options during the pandemic, and partly as a result of the loss of employment; and third, changes in travel behaviour due to activity domain shifts. We discuss these impacts below.

Impacts on access to income generating activities

The COVID-19 pandemic and associated lockdowns in South Africa severely disrupted income generating activities for respondents in our study sites. These disruptions of income generating activities thus cannot be seen in isolation from travel behaviour for all other purposes such as school/education, daily needs, health, and social activities. As illustrated in Figure 1, most household representatives (63%) of respondents were employed in

the formal sector prior to the pandemic (T1). Just less than one-quarter of respondents (22%) were unemployed during this same period. With the onset of pandemic-induced lockdown rules and the subsequent impacts on business at T2, there is evidence of reduction in the number of respondents who were self-employed, employed in the formal or informal sector, or were students/apprentices. The most visible shift between T1 and T2 can be seen in the sharp decrease in employment in the formal sector and equal rise in unemployment which rose to 60% of respondents during T2. Further evident in the diagram below is the continued loss of employment into T3, pointing to the lack of full recovery in the post-lockdown period, where those formerly employed in the formal and informal sectors, self-employed, freelance and students/apprentices joined the ranks of the unemployed. Not even the informal sector – often comprising domestic work in households cleaning or gardening – was able to absorb the losses in the formal sector. The level of unemployment amongst our sample population of household representatives grew to 65% in the post-pandemic period T3. In the case of many who lost jobs, their only source of income was in the form of government grants (e.g., the Social Relief of Distress Grant of ZAR 350/ month that was provided during the pandemic).

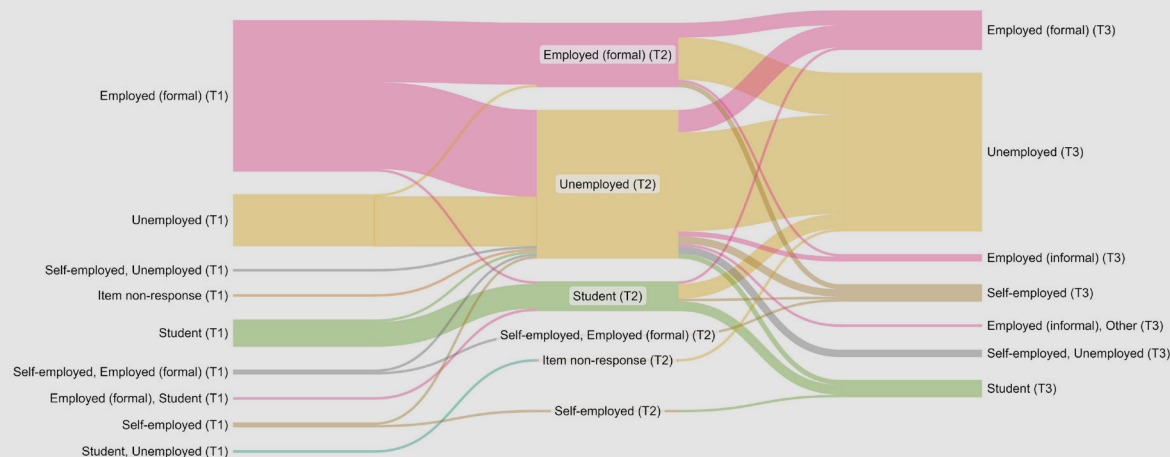


Figure 1. Change in main household respondent employment status: before (T1), during (T2) and after (T3) COVID lockdown.

Source: elaborated by the authors, 2025

Adding to this analysis, responses to open-ended questions helped to underscore the cascading effects from the loss of income generating activities. Respondents noted feelings of despair, social isolation, and fear as they contended with lockdown regulations and the loss of income. Many respondents could trace the loss of job income to their inability to pay rent. These pressures led most to alter their everyday travel behaviour, and others to move to alternative housing, including to lower-cost backyard dwellings, sharing with family members, or to new informal settlements.

Impacts on mobility options

The loss of household income and reorganisation of economic and social activity due to lockdown regulations also had a constraining effect on mobility options and use patterns, particularly during T2. As illustrated in Figure 2, there is a notable decrease in reliance on minibus-taxis between T1 and T2. The decrease in reliance on minibus-taxis from T1 and T2 can be attributed both to

passenger capacity restrictions that were placed on minibus operators, but also on the loss of employment and resulting shift in travel requirements. At the same time, responses from participants indicate their fears of contracting the coronavirus in crowded social settings such as the often overloaded environment of minibus-taxis. Related to this, and evident in the findings below, is the continued reliance on walking as a mode of transport. Excluding those whose mobility was restricted due to their loss of work, Figure 2 shows that within our study sites, walking has remained a mainstay of everyday mobility, and a practice to which most residents are ‘captive’ due to limited alternatives. Reliance on walking as a mode of transport increased from 14% of respondents during T1, to 18% during T2, rising to 43% of respondents in T3. Critically, the use of minibus-taxis for employment purposes does not fully recover to its pre-lockdown levels. This finding aligns with the steep decrease in employment amongst our household representatives in our study areas, the increased reliance on walking, and the incompleteness of recovery in terms of livelihoods and mobility.

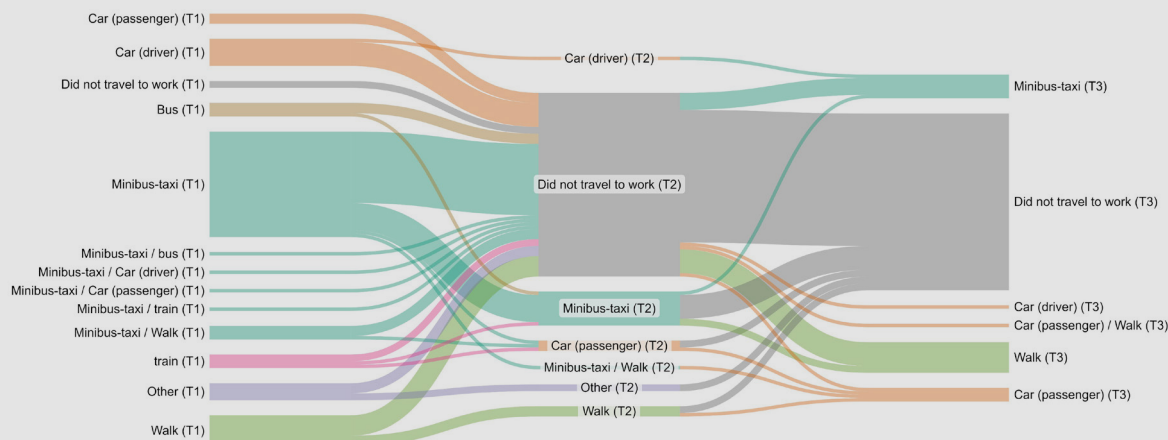


Figure 2. Change in main household respondent mode use for work trips: before (T1), during (T2) and after (T3) COVID lockdown.

Source: elaborated by the authors, 2025.

Impacts on activity domains

Activity domain shifts are evidenced by changes in the geographical range of activity of respondents. This was measured by the total Euclidean distance between coordinates captured for the respondent’s home and their household trip destinations. These data were further analysed using ArcGIS (ArcMap) and interacted with the qualitative responses captured in Maptionnaire. As illustrated in Figure 3, a clear trend emerges across the three time periods. In T1 we found a total distance of 3,228 km across our sample group, encompassing all household trips for the five trip purposes analysed. The impact of lockdown restrictions decreased the extent of activity to 1,116 km during T2, evidencing the degree to which the pandemic decreased demand for travel and shaped modal choice.

Significantly, we found that Euclidean distance across all five trip purposes decreased markedly between T1 and T2, yet only distances for school trip destinations and social trip destinations realised a recovery in T3. The impact of job losses is evident in the sharp decline in distances for work trip destinations, starting at 1,256 km in T1, collapsing to 423 km in T2, and failing to recover in T3 with a total of 588 km. Analysis of these figures point to the fact that diminished mobility and access has constrained livelihood opportunities our sampled households.

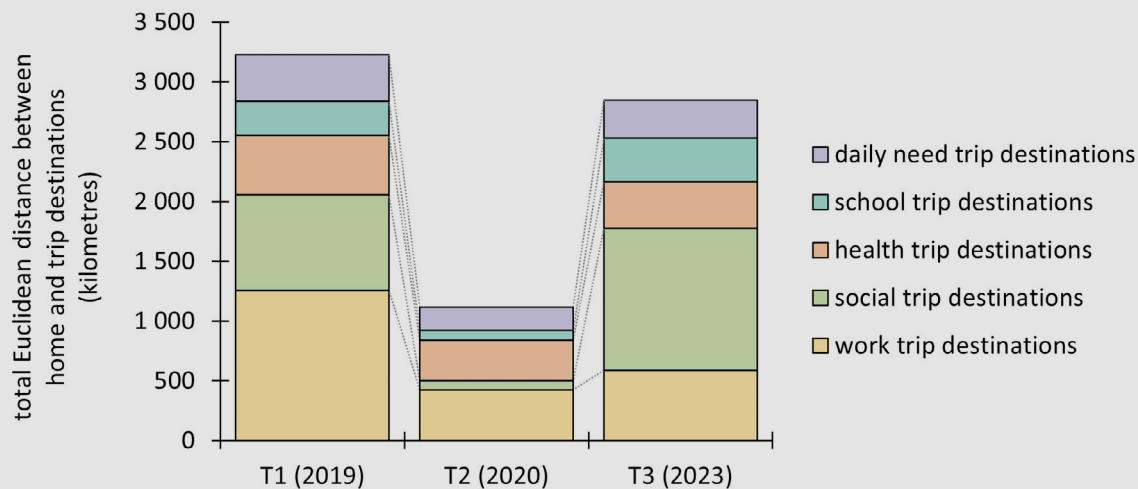


Figure 3. Change in activity domain: before (T1), during (T2) and after (T3) COVID lockdown.

Source: elaborated by the authors, 2025.

Conclusion

Lockdown regulations had a constraining effect on modal choice and patterns of activity of our household representatives due to the loss of household income and reorganisation of economic and social activity. The mobility and access of our sampled households was impacted by the loss of income, concerns over disease transmission, and residential shifts. With their activity domains having been constrained during the pandemic due to job loss, many of our sampled household representatives have been forced to rely on walking due to limited alternatives. While more wealthy and resilient households might have transitioned to online work, shopping, and socialising, the households in our study areas remain relatively ‘stuck’ and have experienced an incomplete recovery of their livelihoods and mobility.

Changes in activity domains tell a story of incomplete recovery. The failure to fully recover from the livelihood impacts of the pandemic are evidenced by changes in the number of activity domains linked to work: 90 in 2019 (T1); 33 in 2020 (T2); and 60 in 2023 (T3). Not only have the lives of many of our sampled households been impacted by the economic shocks of the pandemic, but also by its social and cultural changes. Some were forced to rely on government grants and continue to do so; others lost the main household breadwinner to the pandemic. Our findings demonstrate the uneven nature of the pandemic’s impacts on marginalised groups in Cape Town.

Acknowledgments: The authors would like to express their appreciation to the funding agencies that have provided financial support for this research: National Research Foundation (NRF), South Africa (Reference: TAP210608609260, Grant: 149058); and the Trans-Atlantic Platform Recovery, Renewal and Resilience in a Post- Pandemic world (TAP-RRR) that made the research consortium possible. The financial support allowed for the procurement of necessary research material, and access to software.

References

MATIKLE, M. Intra-neighbourhood typologies matter: Revisiting the meso-level impact of the COVID-19 lockdown in post-pandemic Cape Town. 2025 (forthcoming). Dissertation (Master of Arts in Geography and Environmental Studies) – University of the Western Cape, 2025.

MOSIKARE, M. The long-term impacts of COVID-19 on the mobility and accessibility of marginalised groups in Cape Town. 2025 (forthcoming). Dissertation (Master of Science in Engineering) – University of Cape Town, 2025.

RINK, B.; MATIKLE, M.; MOSIKARE, M.; BEHRENS, R.; ZUIDGEEST, M.; SCHRAMM, S.; NYAMAI, D.; GREIVING, S.; SCHNITTFINKE, T.; SCHOLZ, W.; MOMM, S.; TRAVASSOS, L. Long-term travel behaviour impacts of COVID-19 on marginalised households in Cape Town. *Transportation Research Procedia*, v. 89, p. 499–510, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.trpro.2025.05.077>.





ENTRE VISTAS

Mobilidade em tempos de crise: a experiência da CPTM durante a pandemia de COVID-19



Lyvia Nascimento
Cirqueira Fischer*



Fernando Henrique
de Moraes**

Esta entrevista faz parte de uma série de entrevistas realizadas no âmbito do Projeto ICOLMA, voltadas à análise das interdependências entre sistemas de infraestruturas críticas da cidade de São Paulo. O grupo-alvo da pesquisa foram os operadores desses sistemas, cuja contribuição foi fundamental para compreensão dos impactos em setores essenciais durante a pandemia de COVID-19, devido às alterações ocorridas no sistema de transporte público. A seguir apresenta-se o diálogo com Fernando Henrique de Moraes, chefe do departamento de planejamento da mobilidade e pesquisa na Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM), uma sociedade de economia mista operadora de transporte ferroviário, vinculada à Secretaria dos Transportes Metropolitanos do Estado de São Paulo. A entrevista foi realizada por Lyvia Nascimento Cirqueira Fischer, mestrande e pesquisadora do Projeto ICOLMA.

Lyvia Fischer - Quais foram as alterações que aconteceram nos padrões de frequência de oferta e demanda no uso do transporte no lockdown?

Fernando Moraes - De modo geral, a CPTM manteve o funcionamento da empresa. Houve um pequeno aumento no intervalo de frequência dos trens, mas não tão significativo. A CPTM foi uma das empresas que manteve muito o seu atendimento, mesmo com a redução de passageiros e empregados. A oferta ficou próxima do normal, variando entre 86% e 88% em relação ao período pré-pandemia. A redução na frequência aconteceu porque a demanda caiu bastante, e não fazia sentido manter a mesma oferta. Por isso, os custos permaneceram elevados, mas a manutenção do serviço permaneceu próxima do patamar pré-pandemia. Comparando 2019 com os anos seguintes, em janeiro de 2020, a demanda cresceu quase 5% em relação a 2019 e, em fevereiro, mais 1,10%. Em março, com o início do lockdown, caiu 25% e, em abril, entre 70% e 71%, mantendo ao longo de 2020 uma média de 40% de queda. Em 2021, a queda foi de cerca de 35%; em 2022, 21%; e em 2023, até

DOI: <https://doi.org/10.36942/dialogossocioambientais.v8i24.1456>

*Universidade Federal do ABC (UFABC); ** Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM)

julho, pouco mais de 16% em relação a 2019.

Lyvia Fischer - Essa variação que você mencionou refere-se à frequência entre um trem e outro?

Fernando Moraes - Sim, reduziu-se um pouco a oferta aumentando o intervalo, pois a demanda caiu significativamente. O transporte manteve patamares muito próximos à pré-pandemia. Em termos de passageiros pagantes, em 2020 houve uma queda média de 31%, com pico de 65% em abril; em 2021, aproximadamente 20%; em 2022, apenas 1,65% abaixo de 2019; e em 2023, de junho a julho, já ultrapassamos o nível pré-pandemia com acréscimo de 2,28%. Ou seja, todos os pagantes retornaram e ainda houve ganho. No caso da gratuidade, em 2020, a queda média foi de 56%; em 2021, quase 64%; em 2022, 46%; em 2023, de janeiro a julho, 16% abaixo de 2019. Os idosos foram o grupo mais impactado, seguidos pelos estudantes, enquanto os desempregados permaneceram relativamente estáveis.

Lyvia Fischer - E em relação a linhas ou serviços específicos dentro da CPTM?

Fernando Moraes - A oferta não variou muito por linha. O serviço expresso da linha 10 foi suspenso durante a pandemia, assim como o Expresso Aeroporto da linha 13, ambos restabelecidos no pós-pandemia. A linha 10 teve o menor retorno de gratuidade, possivelmente devido ao perfil industrial da região do ABC, onde muitos idosos que trabalhavam podem não ter retornado.

Lyvia Fischer - Vocês perceberam algum impacto em outros modais de transporte, como integração com metrô e ônibus?

Fernando Moraes - A queda no metrô foi mais acentuada e o retorno mais lento. Nos ônibus intermunicipais da EMTU, também houve grande queda. As integrações pagantes CPTM-ônibus já superaram 2019, mas o delta positivo da CPTM pura é maior. A gratuidade nas integrações ainda não retornou.

Lyvia Fischer - Durante a pandemia, alguma área de integração foi mais impactada?

Fernando Moraes - Sim, sobretudo as integrações com o metrô. Por exemplo, o túnel da Luz, que normalmente é movimentado, ficou visivelmente mais vazio. Hoje, voltou a ser um gargalo, com fluxo semelhante ao pré-pandemia.

Lyvia Fischer - Como esses padrões de oferta e demanda afetam outros setores de infraestrutura, como saúde, educação e assistência social?

Fernando Moraes - Mantivemos a oferta para atender prioritariamente áreas essenciais, como a saúde. Pesquisas de satisfação mostraram recorde de avaliação positiva no período, já que trens mais vazios aumentaram o conforto. Profissionais da saúde foram grande parte da demanda.

Lyvia Fischer - Houve variação por região da cidade de São Paulo?

Fernando Moraes - Sim. Linhas como a 7 apresentam alta dependência do trem, sendo que, sem ele, grande parte dos usuários não teria outra opção. Há diferenças conforme o perfil regional: a linha 10, por exemplo, atende uma área industrial e teve menor retorno de gratuidade.

Lyvia Fischer - E quanto ao perfil dos passageiros?

Fernando Moraes - Historicamente, a maioria são mulheres. Em 2020, chegaram a 60% do total de passageiros. Muitas são provedoras econômicas de suas famílias, atuando em serviços essenciais, o que orientou ações específicas da CPTM para esse público.

Lyvia Fischer - E sobre impactos em grupos específicos, como colaboradores com comorbidades, idosos e tripulantes?

Fernando Moraes - Houve afastamento compulsório dos grupos de risco, reduzindo bastante a equipe operacional. Funcionários administrativos foram deslocados para ajudar nas estações. Mesmo quem não era grupo de risco acabou se contaminando, gerando ausências e exigindo esforço adicional do restante da equipe. Manter o serviço próximo do normal foi um grande desafio.

Esta entrevista é resultado de um processo colaborativo entre a equipe de pesquisa do Projeto ICOLMA e especialistas de setores críticos, que culminou em um workshop sobre Infraestruturas Críticas em setembro de 2023. O objetivo foi elucidar os impactos das alterações no sistema de transporte durante a pandemia de COVID-19 sobre os sistemas de saúde, educação, assistência social, alimentação e nutrição, considerados fundamentais para a segurança dos modos de vida de famílias marginalizadas. Essas inter relações são retratadas de maneira mais abrangente em minha pesquisa de mestrado, que investiga os impactos indiretos das mudanças na mobilidade sobre os modos de vida de mulheres e famílias chefiadas por mulheres em São Paulo, por meio da metodologia de Avaliação de Criticidade.

Agradecimentos: Este estudo foi financiado, em parte, pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), no Brasil. Números dos Processos: 2021/07554-8, 2022/08402-0, 2023/17054-8, 2023/09825-4, 2024/05779-0, e com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Bolsa de Mestrado CAPES DS 2023.

Mobility in times of crisis: The experience of CPTM during the COVID-19 pandemic



Lyvia Nascimento
Cirqueira Fischer*



Fernando Henrique
de Moraes**

This interview is part of a series conducted within the scope of the ICOLMA Project, aimed at analyzing the interdependencies among critical infrastructure systems in the city of São Paulo. The target group of the research consisted of the operators of these systems, whose contribution was fundamental to understanding the impacts on essential sectors during the COVID-19 pandemic, due to the changes in the public transportation system. Below is the dialogue with Fernando Henrique de Moraes, head of the mobility planning and research department at Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM), a mixed-capital company operating rail transport, linked to the Secretariat of Metropolitan Transport of the State of São Paulo. The interview was conducted by Lyvia Nascimento Cirqueira Fischer, master's student and researcher of the ICOLMA Project.

Lyvia Fischer - What changes occurred in the patterns of supply and demand frequency in transportation use during the lockdown?

Fernando de Moraes - In general, CPTM maintained its operations. There was a slight increase in the train frequency intervals, but not very significant. CPTM was one of the companies that maintained much of its service, even with the reduction in passengers and employees. Supply remained close to normal, varying between 86% and 88% compared to the pre-pandemic period. The reduction in frequency occurred because demand dropped significantly, and it did not make sense to keep the same level of supply. As a result, costs remained high, but service maintenance stayed close to pre-pandemic levels. Comparing 2019 with the following years: in January 2020, demand grew almost 5% compared to 2019, and in February, another 1.10%. In March, with the beginning of the lockdown, it fell 25%, and in April, between 70% and 71%, maintaining an average drop of 40% throughout 2020. In 2021, the drop was about 35%; in 2022, 21%; and in 2023, up to July, just over 16% compared to 2019.

DOI: <https://doi.org/10.36942/dialogossocioambientais.v8i24.1456>

*Universidade Federal do ABC (UFABC); ** Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM)

Lyvia Fischer - The variation you mentioned refers to the interval between one train and another?

Fernando de Moraes - Yes, supply was slightly reduced by increasing the interval, since demand fell significantly. Transport remained very close to pre-pandemic levels. In terms of paying passengers, in 2020 there was an average drop of 31%, with a peak of 65% in April; in 2021, approximately 20%; in 2022, only 1.65% below 2019; and in 2023, from June to July, we already surpassed pre-pandemic levels with an increase of 2.28%. In other words, all paying passengers returned and there was even growth. Regarding free fares, in 2020 the average drop was 56%; in 2021, almost 64%; in 2022, 46%; in 2023, from January to July, 16% below 2019. The elderly were the most impacted group, followed by students, while the unemployed remained relatively stable.

Lyvia Fischer - And regarding specific CPTM lines or services?

Fernando de Moraes - Supply did not vary much by line. The express service on Line 10 was suspended during the pandemic, as well as the Airport Express on Line 13, both reinstated in the post-pandemic period. Line 10 had the lowest return of free fares, possibly due to the industrial profile of the ABC region, where many elderly workers may not have returned.

Lyvia Fischer - Did you notice any impact on other transport modes, such as integration with subway and buses?

Fernando de Moraes - The drop in subway use was more pronounced and the recovery slower. In EMTU intercity buses, there was also a sharp decline. Paid CPTM-bus integrations have already surpassed 2019, but the positive delta of CPTM alone is greater. Free fare integrations have not yet returned.

Lyvia Fischer - During the pandemic, was any integration area more affected?

Fernando de Moraes - Yes, especially integrations with the subway. For example, the Luz tunnel, which is normally very busy, was visibly emptier. Today, it has returned to being a bottleneck, with flow similar to pre-pandemic levels.

Lyvia Fischer - How do these supply and demand patterns affect other infrastructure sectors, such as health, education, and social assistance?

Fernando de Moraes - We maintained supply to primarily serve essential areas, such as health. Satisfaction surveys showed record positive evaluations during the period, as emptier trains increased comfort. Health professionals made up a large share of demand.

Lyvia Fischer - Was there variation by region of the city of São Paulo?

Fernando de Moraes - Yes. Lines such as Line 7 show high dependence on trains, as without them, most users would have no other option. There are differences according to regional profiles: Line 10, for example, serves an industrial area and had a lower return of free fares.

Lyvia Fischer - And regarding passenger profiles?

Fernando de Moraes - Historically, the majority are women. In 2020, they accounted for up to 60% of total passengers. Many are the main economic providers of their families, working in essential services, which guided CPTM's specific actions for this group.

Lyvia Fischer - And regarding impacts on specific groups, such as employees with comorbidities, elderly, and crew members?

Fernando de Moraes - There was compulsory leave for risk groups, greatly reducing the operational staff. Administrative employees were reassigned to help at stations. Even those who were not part of risk groups ended up getting infected, generating absences and requiring additional effort from the remaining team. Keeping service close to normal was a major challenge.

This interview is the result of a collaborative process between the ICOLMA Project research team and experts from critical sectors, which culminated in a workshop on Critical Infrastructure in September 2023. The objective was to elucidate the impacts of changes in the transportation system during the COVID-19 pandemic on health, education, social assistance, food, and nutrition systems, which are considered fundamental to the security of marginalized families' livelihoods. These interrelationships are portrayed more comprehensively in my master's research, which investigates the indirect impacts of changes in mobility on the livelihoods of women and female-headed households in São Paulo, using the Criticality Assessment methodology.

Acknowledgments: This study was financed, in part, by the São Paulo Research Foundation (FAPESP), Brasil. Process Number. 2021/07554-8, 2022/08402-0, 2023/17054-8, 2023/09825-4, 2024/05779-0, and with support from the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel – Brazil (CAPES), CAPES DS 2023 Master's Scholarship.



Do lockdown à ação comunitária: Petunia Ntombifuthi Mabuza e a campanha Asivikelane em Phomolong, Tshwane, África do Sul



Priscila Izar*



Petunia Ntombifuthi Mabuza**

Nesta entrevista, Petunia Ntombifuthi Mabuza, moradora e liderança comunitária em Phomolong, Tshwane, e facilitadora comunitária da campanha Asivikelane, conversou com Priscila Izar, do Centro de Estudos de Urbanismo e Ambiente Construído (Centre for Urbanism and Built Environment Studies - CUBES) e Departamento de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade de Witwatersrand (Wits), África do Sul, sobre sua experiência durante a pandemia de COVID-19 e posteriormente.

Priscila Izar e Petunia Ntombifuthi Mabuza trabalham juntas desde 2022, no âmbito da pesquisa de pós-doutorado de Priscila na Universidade Wits. Construído em parceria com moradores e lideranças locais, o trabalho investiga o ativismo e as lutas das mulheres em territórios periféricos de cidades africanas em perspectiva feminista, com base em experiências em Tshwane, África do Sul, e Dar es Salaam, Tanzânia (Izar, 2025). Elas também colaboram em projetos coletivos financiados pela Urban Studies Foundation (USF) e pela Volvo Research and Educational Foundations (VREF) (Izar et al., 2025; Rubin et al., 2025).

Phomolong é um assentamento informal com população estimada entre 10 e 15 mil pessoas, próximo à township Mamelodi, no leste da cidade de Tshwane. A Asivikelane é uma coalizão de organizações não governamentais que trabalham em parceria com moradores de assentamentos informais para melhorar a prestação de serviços básicos em suas comunidades em toda a África do Sul (<https://asivikelane.org/>). Projetos e iniciativas da Asivikelane em Phomolong se desenvolvem por meio do engajamento de voluntários e facilitadores da comunidade, coordenados por Petúnia, e de organizações como a Planact (<https://www.planact.org.za/>) e a Tshwane Leadership Foundation - TLF (<https://tlf.org.za/>)

Priscila Izar: Obrigada por esta entrevista, Petunia. Por favor, conte-me um pouco sobre você.

Petunia Ntombifuthi Mabuza: Meu nome é Petunia Ntombifuthi Mabuza. Tenho 45 anos. Sou mãe solo, ativista comunitária e facilitadora comunitária da Asivikelane. Minha comunidade se chama Phomolong. Phomolong é muito grande e é dividida em seções: há a seção A, seção B, seção C e os barracos da C. A seção A foi formalizada desde 2017. A Cidade de Tshwane instalou rede

DOI: <https://doi.org/10.36942/dialogossocioambientais.v8i24.1457>

* University of Witwatersrand; ** PlanAct

de esgoto e eletricidade lá, mas o trabalho ainda não foi concluído. Muitas pessoas ainda não têm água em casa, tampouco banheiros. Na seção A, a prefeitura fornece banheiros químicos, já que ainda não há rede permanente de água e esgoto. Mas nas outras partes de Phomolong não há serviços, porque essas áreas ainda não foram formalizadas.

Coordeno cerca de 200 voluntários que trabalham com saneamento em Phomolong. Comecei esse tipo de trabalho em 2019, pouco antes da Covid. Durante a pandemia, trabalhamos ainda mais para melhorar nossa situação, que era muito ruim. Primeiro, trabalhamos com água e banheiros químicos. Agora estamos atuando na gestão de resíduos. Hoje limpamos o bairro e construímos hortas e jardins. Também trabalhamos com segurança. Esses são projetos que ajudei a criar porque vi que havia grandes lacunas na comunidade.

Priscila Izar: Como você começou esse tipo de trabalho?

Petunia Ntombifuthi Mabuza: Mudei-me para Phomolong em 2003 com minha mãe. Viemos de Mpumalanga. Minha mãe procurava emprego em Tshwane, e eu queria estudar teatro. Fomos para Phomolong porque lá a gente podia morar num barraco, sem pagar aluguel. Alguns anos depois, minha mãe voltou para Mpumalanga, mas eu fiquei. Morei em Phomolong até 2023, depois me mudei para a Seção 6 de Mamelodi, um local próximo que possui infraestrutura básica e serviços. Eu estava cansada de viver em Phomolong. Quando chovia, passávamos a noite acordadas porque a casa podia encher de água. Mas não parei de trabalhar em Phomolong, continuo atuando lá, como antes.

Quando meu primeiro filho nasceu, eu trabalhava e tentava seguir na atuação, mas não deu certo. Decidi fazer outra coisa e fui trabalhar no Centro Comunitário Stanza Bopape. Lá aprendi sobre trabalho comunitário e me apaixonei. Depois fui para a organização Asikhulume, que me indicou para a Planact.

Em 2019, participei do EPWP [Programa de Expansão de Trabalhos Públicos], onde limpávamos ruas e fazíamos outros serviços. Quando começou a pandemia, todos tiveram que ficar em casa. Voltei para a casa da minha mãe em Mpumalanga, mas depois fomos chamadas de volta para limpar ruas, pois era considerado trabalho essencial durante a pandemia de COVID-19. Nós éramos essenciais.

Por causa da COVID, ninguém estava vindo para os nossos bairros. Phomolong parecia uma cidade fantasma, ninguém vinha falar conosco. E a condição dos banheiros químicos era muito ruim. As unidades estavam sujas. Alguns dos banheiros eram feitos de um material plástico que ficava muito quente, então as pessoas sentiam como se estivessem sufocando.

Então a Planact me ligou e perguntou se eu queria trabalhar com eles, e eu disse, claro, eu posso trabalhar com vocês. [Na época, a Planact estava envolvida na construção da Asivikelane, em parceria com outras organizações. Nos territórios, a campanha foi implementada com base no trabalho de facilitadores comunitários, como Petúnia, e de moradores/voluntários.] Quando me juntei à Planact e Asivikelane, eles me pediram para verificar se havia água na nossa comunidade e se os banheiros estavam sendo limpos. Formamos um grupo de voluntários e começamos a tirar fotos dos banheiros e de todos os problemas que víamos no bairro. Recebíamos um pequeno valor para comprar dados móveis para enviar as fotos [para os parceiros da Asivikelane]. Eles utilizavam nossas fotos para pressionar o governo a melhorar nossa situação. Também andávamos pela comunidade para saber se as pessoas estavam satisfeitas com o nível dos serviços prestados. Muitos moradores reclamavam que os banheiros não eram bons e tinham um cheiro terrível.

Quando a prefeitura de Tshwane recebeu esses dados, começou a se engajar mais conosco e a

responsabilizar os prestadores de serviço. Depois disso, fizemos uma auditoria social e mostramos que os banheiros químicos que tínhamos aqui não funcionavam para nossa comunidade. Foi depois dessa auditoria social que a prefeitura trocou nossos banheiros. Eles trouxeram banheiros melhores e garantiram que fossem limpos toda semana. Instalaram alguns banheiros especiais para pessoas com necessidades especiais, que precisam de cadeiras de rodas. Depois, também instalaram redes de água. Mas esses serviços estão apenas na Seção A, a área que está sendo formalizada. Perguntamos a eles: por que não dar banheiros para as outras pessoas? E eles disseram que é porque essas áreas não são permanentes. Há um plano para desenvolver e formalizar quase todo o bairro de Phomolong, mas ainda estamos esperando, e isso não está acontecendo.

Priscila Izar: Então você diria que as condições de saneamento em Phomolong, pelo menos na Seção A, melhoraram durante a pandemia de COVID-19?

Petunia Ntombifuthi Mabuza: As coisas estavam indo bem agora com a água e os banheiros químicos, mas com o lixo, estávamos tendo dificuldades.

Priscila Izar: Quando nos conhecemos, em 2022, havia várias lixões em Phomolong. Você estava procurando maneiras de limpar essas áreas. O que aconteceu?

Petunia Ntombifuthi Mabuza: Algo aconteceu durante a pandemia, que o lixo aumentou em todos os lugares. O manejo de resíduos não estava funcionando como deveria. Mesmo nas áreas formalizadas, naqueles enormes aterros, não estava funcionando. Então, as pessoas decidiram jogar lixo em qualquer lugar. Alguns decidiram começar a jogar lixo em Phomolong. E então, quando as pessoas daqui viram que outros estavam jogando lixo em Phomolong, elas também começaram a jogar. Nós também estávamos jogando. O lixo acumulou muito. Porque, antes da pandemia, não tínhamos lixões em Phomolong. Lembro que tínhamos um campo de futebol e um campo de netball para as crianças. Mas depois não tínhamos mais isso, precisávamos começar de novo. E então, quando eu chamava os caminhões de coleta de lixo, eles não vinham ou, quando vinham, eles não retiravam todo o lixo.

Eu queria que algo acontecesse em Phomolong porque as pessoas estavam ficando doentes com aqueles enormes lixões. Eu queria que vissem que nosso lugar não estava bom, estava muito sujo. Então, com a Asivikelane, começamos a focar no lixo. Tshwane se tornou um polo de manejo de resíduos para a Asivikelane, focando em Phomolong. Fomos convidadas para uma grande reunião com o gabinete do prefeito e o Departamento de Manejo de Resíduos. Então, eles disseram: ok, vamos sentar, nos dê ideias. Foi isso que disseram quando nos reunimos com eles. E disseram: vamos começar uma estratégia para tornar Phomolong um lugar livre de lixo. Mas eu era a única falando com eles. Então, eu disse: se vocês nos derem tempo e trabalharem conosco, verão que isso pode acontecer. Eu dei minhas ideias. Disse: eu vou trazer o meu próprio pessoal, e vocês podem começar a trabalhar conosco. Porque em Phomolong temos a TLF, temos a Planact. A TLF trouxe o Fundo de Emprego Social para pagar os voluntários por parte do trabalho comunitário. [O Fundo Social de Emprego - SEF - é um programa nacional que utiliza investimentos públicos diretos para apoiar oportunidades de emprego nos bairros].

Começamos a trabalhar na limpeza e eles viram que o que estávamos dizendo era verdade. E então eu ficava pressionando para que trouxessem os caminhões para remover o lixo. E quando os caminhões vinham, eu os pressionava para fazerem o trabalho direito. Se quisessem sair mais cedo, eu dizia: ok, tudo bem, vocês podem ir, mas eu vou ligar para o chefe de vocês. Então começou a funcionar. Começou a funcionar assim porque estávamos acompanhando aqueles caminhões. E

agora os motoristas de caminhão me conhecem também e não fazem mais o serviço pela metade. Fizemos mais do que deveríamos com o lixo. Agora temos hortas e jardins, temos pessoas que estão reciclando. Fizemos muito desde que começamos a trabalhar com o lixo.

Priscila Izar: Como você relaciona o que está acontecendo hoje em Phomolong com os tempos da pandemia de COVID-19?

Petunia Ntombifuthi Mabuza: Hoje, o que estamos fazendo em Phomolong não é mais relacionado com a COVID-19. É relacionado com serviços básicos em assentamentos informais. Mas, tudo isso começou quando a COVID começou, e eu não acho que a Prefeitura de Tshwane estaria trabalhando conosco ou querendo fazer o que está fazendo agora na comunidade de Phomolong, se isso não tivesse acontecido.

Priscila Izar: Muito obrigada, Petunia.

Petunia Ntombifuthi Mabuza: Obrigada, Priscila e Sandra [Professora Sandra Momm], por essa oportunidade de contar minha história.

Agradecimentos: Este estudo foi financiado pela University of the Witwatersrand por uma bolsa de pós doutorado no Centre for Urbanism and Built Environment Studies (CUBES) e no Departamento de Arquitetura e Urbanismo, bem como pela Urban Studies Foundation (International Seminar Series award) e a Volvo Research and Educational Foundations (Walking as a Mode of Transport research award).

REFERÊNCIAS

IZAR, Priscila. Peripheral feminisms: women's activism and struggle in Dar es Salaam's fast changing self-built territories, *Gender, Place & Culture*, 2025. DOI: 10.1080/0966369X.2025.2573353

IZAR, Priscila; SANTORO, Paula Freire; MBUYA, Elinorata. Feminilizando as lutas urbanas: corpos, territórios e políticas na produção de espaços periféricos. Relatório final. Johannesburg: University of the Witwatersrand, 2025. Disponível em: https://www.wits.ac.za/media/wits-university/faculties-and-schools/-engineering-and-the-built-environment/research-entities/cubes/documents/feminising-urban-struggles_report2025.pdf. Acesso em: 15 out. 2025.

RUBIN, Margot; CHARLTON, Sarah; HALLIGEY, Alex; IZAR, Priscila; NYITI, Albert. Inequality in Walking the 24 Hour City: Temporality, Intersectionality and the Embodied Experience in Dar es Salaam, Tshwane and Cardiff. [S. l.]: Cardiff University, 2025. E-book. Disponível em: <https://www.cardiff.ac.uk/research/explore/find-a-project/view/2917666-walking-the-24-hour-city-temporality,-intersectionality-and-the-embodied-experience-in-dar-es-salaam,-tshwane-and-cardiff>. Acesso em: 15 out. 2025.

From lockdown to community action: Petunia Ntombifuthi Mabuza and the Asivikelane campaign in Phomolong, Tshwane, South Africa



Priscila Izar*



Petunia Ntombifuthi Mabuza**

In this interview, Petunia Ntombifuthi Mabuza, a resident and community activist in Phomolong, Tshwane, and community facilitator for the Asivikelane Campaign, spoke to Priscila Izar, from the Centre for Urbanism and Built Environment Studies (CUBES) and the School of Architecture and Planning at the University of the Witwatersrand (Wits) in South Africa, about her experience during the COVID-19 pandemic and afterwards.

Priscila Izar and Petunia Ntombifuthi Mabuza have been working together since 2022, through Priscila's postdoctoral research work at Wits University. Constructed in partnership with residents and local leadership, the research investigates women's activism and struggles in peripheral territories of African cities through a feminist lens, based on experiences in Tshwane, South Africa and Dar es Salaam, Tanzania (Izar, 2025). They also collaborate on collective projects funded by the Urban Studies Foundation (USF) and Volvo Research and Educational Foundations (VREF) (Izar et al, 2025; Rubin et al, 2025).

Phomolong is an informal settlement with an estimated population of 10 to 15 thousand people, adjacent to the Mamelodi township in the East of the city of Tshwane. Asivikelane is a coalition of non-governmental organizations working in partnership with residents of informal settlements to improve delivery of basic services in their communities across South Africa (<https://asivikelane.org/>). Projects and initiatives under Asivikelane in Phomolong unfold through the engagement of community volunteers, whom Petunia coordinates, and organizations such as Planact (<https://www.planact.org.za/>) and the Tshwane Leadership Foundation - TLF (<https://tlf.org.za/>).

Priscila Izar: Thank you for this interview, Petunia. Please tell me a bit about yourself.

Petunia Ntombifuthi Mabuza: My name is Petunia Ntombifuthi Mabuza. I'm 45 years old. I am a single parent. I am a community activist and community facilitator of Asivikelane. My community is called Phomolong. Phomolong is very big, it is separated into sections, there is section A, section B, section C and C - shacks. Section A has been formalized since 2017. The City of Tshwane has installed sewer lines and electricity there, but the work is not completed

DOI: <https://doi.org/10.36942/dialogossocioambientais.v8i24.1457>

* University of Witwatersrand; ** PlanAct

yet. A lot of people don't have water at their houses yet, and don't have toilets. In sector A, the City brings in chemical toilets to the residents, while there is no permanent infrastructure. But in the other parts of Phomolong there are no services, because these areas are not being formalized yet.

I lead close to 200 volunteers to work in sanitation in Phomolong. I started doing this type of work in 2019, just before COVID. Then, during COVID, we worked even more to improve our situation, which was very bad. First, we worked on water and chemical toilets. Now we are working with waste management. Today we are cleaning the neighborhood and making gardens. We are also working with security. These are projects that I helped create in our community because I saw a big gap there.

Priscila Izar: How did you get involved in this type of work?

Petunia Ntombifuthi Mabuza: I moved to Phomolong in 2003, with my mother. We were coming from Mpumalanga. My mom was looking for a job in Tshwane and I wanted to study acting. We went to Phomolong because we could live in a shack, without paying rent. A few years later, she went back to her home in Mpumalanga, but I stayed. I lived in Phomolong until 2023, then I moved nearby to Mamelodi Section 6, where there is basic infrastructure and services. I was tired of living in Phomolong. When it rained, we would be up all night because our house could be filled up with water. But I didn't stop working in Phomolong, I continue to work there, the same way I did before.

When my first child was born, I was working and trying to be involved in acting, but it didn't work. So, I decided to start something else. I went to work at the Stanza Bopape Community Center. This is when I learned about community work and I loved it, I didn't want to stop anymore. After that I went to the Asikhulume organization, and they were the ones who referred me to Planact.

In 2019, I was part of EPWP [Expanded Public Works Programme]. We cleaned streets and did other jobs. Then when COVID started, you remember, everyone had to stay home. I went back to my mother's place in Mpumalanga, but then we were called to come and do street cleaning, because this was essential work during COVID. We were essentials.

Because of COVID, no one was coming into our neighborhoods. Phomolong was like a ghost town, nobody came to talk to us. And the condition of the chemical toilets was very bad. The units were dirty. Some of the toilets were made of a plastic material that got very hot, so people felt like they were suffocating.

Then Planact called me and asked if I wanted to work with them, and I said, sure, I can work with you. [At the time Planact was working in partnership with other organizations to set up Asivikelane. The campaign was implemented locally through the work of Community Facilitators like Petunia, and residents]. When I joined Planact and Asivikelane, they asked me to check if water was being delivered in our community and if the toilets were being cleaned. We formed a group of volunteers and started taking photos of toilets, and all the problems that we saw in the neighborhood. We were given a little bit of money to buy data to send the photos [to Asivikelane's partners]. They used our photos to put pressure on the government to improve our situation. We also went around the community to find out if they were satisfied with the level of services provided. Many residents were complaining that the toilets were not good and had a terrible smell.

When the City of Tshwane got this data, they started to engage with us and to hold the service providers accountable. After that, we did a social audit, and we showed that the chemical toilets that we had here did not work for our community. It was after our social audit that the City of Tshwane changed our toilets. They brought better toilets and made sure that the toilets were

cleaned every week. They installed some special toilets for people with special needs, who need wheelchairs. Then, they also brought water. But these services are only in the area that is being formalized. We asked them, why not give other people toilets? And they said that's because they are not permanent. There is a plan to develop and formalize Phomolong almost completely, but we are still waiting, and it is not happening.

Priscila Izar: So would you say that the sanitation conditions in Phomolong, at least in Section A, improved during the COVID pandemic?

Petunia Ntombifuthi Mabuza: Things were going well now in water and the chemical toilets, but in waste, we were struggling.

Priscila Izar: When we first met, in 2022, there were large dump sites in Phomolong. You were looking for ways to clean up these areas. What happened?

Petunia Ntombifuthi Mabuza: Something happened during the pandemic that waste increased everywhere. The waste management was not working as it was supposed to. Even in the formalized areas, in those massive dumpsites, they were not working. So, people decided to dump it everywhere. Others, they decided to start dumping in Phomolong. And then, when the people here saw others were dumping in Phomolong, they started dumping too. We were also dumping. It grew so massively. Because, before the pandemic, we didn't have massive dump sites in Phomolong. I remember we had a soccer field and a netball field for the kids. But after we didn't have that, we needed to start again. And then when I called the waste collectors, they didn't come, or they came but did not remove all the waste.

I wanted something to happen in Phomolong because people were getting sick with those massive dump sites. I wanted them to see that our place was not nice, it was very dirty. Then, with Asivikelane, we started to focus on waste. Tshwane became a waste hub for Asivikelane, and Phomolong became a waste hub for the City of Tshwane's Waste Department. We were invited to a big meeting with the Mayor's office and the Waste Department. So, they said, okay, let's sit down, give us ideas. That's what they said when we met with them. And they said, let us start a strategy to make Phomolong a waste free place. But I was the only one speaking to them. So, I said, if you give us time and work with us you will see that this is going to happen. I gave them my ideas. I said, I will bring my own people, and you can start working with them. Because in Phomolong we have TLF, we have Planact. TLF brought the Social Employment Fund to pay volunteers for some of the community work [Social Employment Fund - SEF - is a national program that uses direct public investments to support local employment opportunities].

We started working on cleaning and they saw that what we were saying was true. And then I was pushing them to bring the trucks to remove the trash. And when the trucks came, I was pushing them to do their work right. If they wanted to leave early, I would say, okay, it is fine, you can leave, but I am going to call your boss. So, it started working. It started working like that because we were following those trucks. And now the truck drivers, they know me.

We did more than we were supposed to do with the waste. Now we've got gardens, we've got people who are recycling. We have done so much since we started working with waste.

Priscila Izar: How do you relate what is happening today in Phomolong with the times during the Covid Pandemic?

Petunia Ntombifuthi Mabuza: Today, what we are doing in Phomolong, is no longer about COVID-19. It is about basic services in informal settlements. But, all of this started when Covid started, and I don't think that the City of Tshwane would be working with us or wanting to do what they are doing right now in the community of Phomolong, if that hadn't happened.

Priscila Izar: Thank you so much, Petunia.

Petunia Ntombifuthi Mabuza: Thank you, Priscila and Sandra [Professor Sandra Momm], for this opportunity to tell my story.

Acknowledgments: This study was funded by the University of the Witwatersrand through a Centennial Postdoctoral Fellowship at the Centre for Urbanism and Built Environment Studies (CUBES), School of Architecture and Planning, as well as by the Urban Studies Foundation (International Seminar Series award) and the Volvo Research and Educational Foundation (Walking as a Mode of Transport research award).

References

IZAR, Priscila. Peripheral feminisms: women's activism and struggle in Dar es Salaam's fast changing self-built territories, *Gender, Place & Culture*, 2025. DOI: 10.1080/0966369X.2025.2573353

IZAR, Priscila; SANTORO, Paula Freire; MBUYA, Elinorata. Feminising urban struggles: bodies, territories and policies in the production of peripheral spaces. Final Report. Johannesburg: University of the Witwatersrand, 2025. Available from: https://www.wits.ac.za/media/wits-university/faculties-and-schools/-engineering-and-the-built-environment/research-entities/cubes/documents/feminising-urban-struggles_report2025.pdf. Accessed on: 15 Oct. 2025.

RUBIN, Margot; CHARLTON, Sarah; HALLIGEY, Alex; IZAR, Priscila; NYITI, Albert. Inequality in Walking the 24 Hour City: Temporality, Intersectionality and the Embodied Experience in Dar es Salaam, Tshwane and Cardiff. [S. l.]: Cardiff University, 2025. E-book. Available from: <https://www.cardiff.ac.uk/research/explore/find-a-project/view/2917666-walking-the-24-hour-city-temporality,-intersectionality-and-the-embodied-experience-in-dar-es-salaam,-tshwane-and-cardiff>. Accessed on: 15 Oct. 2025.

A pandemia de COVID-19 e o movimento de moradia



Letícia Ueda Vella*



Graça Xavier**



Neuma Silva de Oliveira Cruz***

Estas entrevistas integram um conjunto de duas conversas realizadas no âmbito do Projeto ICOLMA, cujo objetivo foi compreender o papel do movimento de moradia no enfrentamento da pandemia de COVID-19. A primeira foi realizada com Graça Xavier, coordenadora do Movimento de Moradia da Região Sudeste e filiada à União dos Movimentos de Moradia da Grande São Paulo e Interior, bem como à União Nacional por Moradia Popular. A segunda entrevista foi conduzida com Neuma Silva de Oliveira Cruz, secretária do Movimento de Moradia do Centro (MMC).

As trajetórias e atuações de ambas são fundamentais para compreender as estratégias adotadas pelos movimentos populares diante dos desafios impostos pela crise sanitária. As entrevistas foram realizadas por Letícia Ueda Vella, mestranda e pesquisadora do Projeto ICOLMA.

Letícia Ueda Vella entrevista Graça Xavier

Letícia Ueda: Como você avalia o papel do movimento de moradia durante a pandemia de COVID-19 e quais estratégias foram adotadas para proteger moradoras/es das ocupações, incluindo o acompanhamento de casos de contaminação?

Graça Xavier: O movimento de moradia teve papel fundamental na época do Covid, da pandemia, principalmente no acolhimento às famílias pobres e periféricas, em especial as mulheres e as mulheres negras. Naquele momento todos, na televisão, nos grandes meios de comunicação, diziam “fiquem em casa, lavem as mãos”. E essas pessoas, na grande maioria, não tinham nem casa para ficar e viviam em cinco, seis pessoas nos barracos e muito menos água

DOI: <https://doi.org/10.36942/dialogossocioambientais.v8i24.1458>

*Universidade Federal do ABC (UFABC); **Movimento de Moradia da Região Sudeste; *** Movimento de Moradia do Centro de São Paulo(MMC)

para lavar a mão.

Então, o que o movimento de moradia fez na época da pandemia? Nós fizemos toda uma campanha de arrecadação de alimentos, mas não só de alimentos, mas de produtos de higiene também, como álcool gel, Lysoform, sabão, sabonete, detergente, desinfetante, para que as pessoas pudessem ter acesso a tudo isso que os grandes meios de comunicação e o capitalismo induziam as pessoas a terem naquele momento.

Mais que isso! Nós desencadeamos não só a campanha para arrecadação desses alimentos, mas também uma campanha para que pudesse ter doações de água em alguns pontos específicos e que se pudesse colocar em alguns lugares torneiras com água potável, para que as pessoas que vivem em situação de rua, as comunidades que não tinham onde morar pudessem de verdade conseguir acessar a água para poder lavar as mãos e também beber nas suas próprias casas.

Então o movimento de moradia, ele foi atuando estrategicamente para atender a população menos favorecida do período de pandemia.

Letícia Ueda: Quais medidas concretas foram tomadas para evitar que o vírus se espalhasse dentro das ocupações (por exemplo, higiene, isolamento, comunicação)?

Graça Xavier: Toda essa atuação dos movimentos na arrecadação e doação de cesta básicas de alimentos, de materiais de higiene, inclusive de água potável. Durante todo esse processo, a gente também foi produzindo material e divulgando para que as pessoas pudessem se proteger, né? Não só dentro da própria casa, mas também nas ruas quando eles fossem buscar doações ou até mesmo atrás do seu próprio trabalho, do trabalho para ter o próprio sustento. Então, a gente sempre no diálogo: fica pelo menos dois metros de distância da outra pessoa, né? As pessoas tinham dificuldade de entendimento. A gente fazia, parava no local, abria o braço e falava olha, não pode encostar no outro. Então isso é mais ou menos dois metros de distância um do outro para quem tiver com vírus não contamine. Fizemos também a doação de máscara e produzimos máscara na época. Para que? Para doar para as pessoas que não tinha condições de comprar as máscaras para poder evitar ficar próximo do outro.

Os movimentos populares tiveram um papel fundamental, principalmente na orientação com a população que não tem acesso à internet, às comunicações, aos grandes meios de comunicação por falta de energia elétrica ou falta de internet gratuita. Então, os movimentos populares produziam material simples em linguagem popular e distribuíam nas comunidades, orientando a usar máscara e procurar não ficar em locais de aglomeração, sendo que a grande maioria das pessoas que vivem nos barracos e não teriam nem como fazer isso. Vivem nos barracos quatro ou cinco pessoas, em poucos metros quadrados, super pequeno, então de uma certa forma elas nem conseguiriam manter a distância, mas mesmo assim a gente orientava, mesmo dentro de casa, a usar máscara e proteger as pessoas que tivessem mais debilitadas. Por exemplo, as pessoas que tivessem doenças como diabetes, pressão alta, as pessoas mais idosas, as crianças, as mulheres gestantes. Então, a gente orientava nesse sentido.

Uma outra questão que nós tivemos um papel fundamental foi na orientação ao combate de violência doméstica, violência dentro da própria casa com relação às mulheres, porque aí ficaram muito mais tempo dentro de casa, as mulheres e os homens e os parceiros. O fato de estar dentro de casa com mais tempo de convivência fez com que o índice de violência doméstica e de feminicídio aumentassem muito na época da pandemia. Então, esse foi um outro trabalho que a Secretaria de Mulheres dos movimentos populares da União dos Movimentos de Moradia,

da União Nacional por Moradia Popular e da Associação dos Movimentos de Moradia da Região Sudeste: orientar e conscientizar que teria que denunciar, correr atrás de medida protetiva. E nesse sentido, a gente sabe que as delegacias hoje não estão preparadas para atender as mulheres com o acolhimento devido, humanizado. Então, a gente teve também esse outro trabalho: humanizar, né? Um atendimento humanizado às mulheres vítimas de violência dentro das suas próprias casas.

Letícia Ueda: Quais foram as maiores dificuldades enfrentadas pelo movimento nesse período em relação à saúde das/os moradoras/es?

Graça Xavier: Uma das maiores dificuldades dos movimentos populares foi conseguir desempenhar esse papel de formação, de conscientização e, ao mesmo tempo, buscar apoio para a população das comunidades, dos territórios, mas também apoiar as próprias lideranças. Para quem não sabe, as lideranças de movimentos populares não têm salário, elas têm que trabalhar e esse trabalho é desenvolvido voluntariamente. Então, são todos trabalhos voluntários. A gente dedica tempo, parte do nosso tempo de trabalho, ao trabalho voluntário nas comunidades. Então, essas mesmas lideranças que tinham que sair também para buscar trabalho para o seu próprio sustento, teriam também que desenvolver e desempenhar um outro papel de formação, de conscientização e de orientação para que o aumento de contaminação nas comunidades dos territórios das periferias com a população pobre não se agravasse cada vez mais. Essa é uma questão.

A outra é a falta de informação que também levava a uma série de desinformação na própria comunidade. Então eles não faziam nem o teste primeiro, para poder testar se a pessoa estava com Covid mesmo ou não. Mesmo que você não tivesse, que você tivesse qualquer outra doença e suspeitasse que era Covid, você já ia para o próprio local do Covid. Ou seja, se você não estava contaminado, você ia ficar contaminado.

O negacionismo. O negacionismo o tempo todo por parte do Poder Público e do governo federal, do governo Jair Bolsonaro, mas também dos seus aliados, dos municípios e dos estados acabou contaminando e levando muita gente à morte. Tanto que foram milhares de pessoas, ou melhor, centenas de pessoas mortas, né? Pelo negacionismo do presidente da República, Jair Bolsonaro, e os seus aliados nos municípios e nos Estados. Para nós, para os movimentos populares, na nossa avaliação, nós acreditamos que eles foram genocidas por não atender as famílias como deveria ser, como deveriam ter sido atendidas, inclusive com relação à vacinação, à campanha de vacinação, à adesão à vacinação, contra o Covid.

Letícia Ueda: De que forma as políticas internas nas ocupações se diferenciam ou se contrapõem às políticas do governo, especialmente diante da postura de negação da pandemia?

Graça Xavier: Conscientização e orientação às famílias pobres que vivem no nosso país, eu tenho certeza que o índice de mortalidade seria muito maior.

Se dependesse do presidente da República da época, que era o Jair Bolsonaro e os seus aliados dos municípios e dos Estados, porque as políticas públicas municipais, estaduais e federal deixaram a desejar. Ou seja, não cumpriam o papel que deveriam cumprir, principalmente com relação aos atendimentos, à orientação e à conscientização.

Então, os movimentos populares tiveram um papel fundamental nesse momento tão difícil da vida da população pobre do nosso país. Não só com relação às campanhas, mas principalmente produzindo material, produzindo live, produzindo materiais de linguagem simples para poder orientar e conscientizar a população mais pobre que não tem acesso às políticas públicas, não

consegue acessar, mesmo garantida na Constituição Federal do nosso país.

Não conseguem acessar as políticas públicas no mesmo formato que as pessoas de classe mais alta acessariam. Então, eu diria que a pandemia teve cor, teve gênero e teve classe, né? Quanto mais pobre, muito mais pessoas morreram pelo fato da própria classe social, de fazer parte dessa classe social incluída como operários, trabalhadores e trabalhadoras do nosso país.

Letícia Ueda: Houve apoio de outros movimentos sociais, entidades ou profissionais de saúde para enfrentar a pandemia nas ocupações?

Graça Xavier: Os movimentos populares, nesse momento tão difícil, foi o momento em que os movimentos populares se unificaram e deram as mãos juntas no combate à pandemia. Principalmente, denunciemos o negacionismo por parte do poder público durante todo o processo de pandemia. Então, mais uma vez eu digo que os movimentos populares, as entidades, os profissionais de saúde para enfrentar a pandemia nas ocupações foram fundamentais.

Foram fundamentais nesse momento tão difícil para poder conseguir unificar os trabalhos nas comunidades e, principalmente, buscar apoio de fora, externo, para dentro das ocupações, não só com busca de alimentação, mas também de conscientização e formação. Senão, teriam morrido muito mais pessoas pobres nas comunidades, porque os governos foram insuficientes, foram ausentes.

Eu diria que na pandemia mostrou sua verdadeira cara, a luta de classe. Se não tivesse de fato a população pobre se unido e contra todas as coisas que estavam ocorrendo teriam morrido muito mais pessoas. Teria havido muito mais pessoas a óbitos. Se não tivesse toda essa unificação dos movimentos populares nas comunidades, nos territórios onde vive a grande maioria da população, pobres e negras, nas periferias, que é o único local que sobrou depois da “libertação” que nos roubaram ao nosso trabalho e nos deixaram sem terra e sem trabalho, depois da “libertação da escravidão”, da abolição, nos levaram, nos roubaram não só as nossas vidas que foram anos e anos.

Por isso, é importante a gente trabalhar com a reparação de danos como cotas e daí por diante, né? A população até hoje ainda sente na pele o processo de escravidão do Brasil, que quando nos libertaram, nos deixaram sem terra e sem trabalho e sem acesso à educação. Então, até hoje nós ainda lutamos muito para que possamos conseguir ter uma vida digna e competir de igual para igual. Ainda vai demorar muito tempo para nós conseguirmos competir de igual para igual.

Então, ainda dizer que nessa pandemia o racismo estrutural, o racismo ambiental ainda foi muito forte durante todo esse processo de COVID-19. E se estende, né? Tanto que o próprio governo negacionista da época tratava com muita nitidez e fazia questão de dizer em alto e bom som que não gostava de negros, que não gostava de pessoas gordas e daí por diante, de gays e lésbicas. E essas pessoas foram as que mais sofreram durante o processo de pandemia.

Então, graças aos movimentos populares, às instituições, às universidades, às igrejas comprometidas, às igrejas principalmente de comunidades eclesiais de base comprometidas, que deram a mão a essa população pobre e que conseguiram trabalhar mesmo com todas as dificuldades. Foi um trabalho unificado contra os despejos forçados, contra os despejos administrativos.

Então, foi um trabalho assim árduo, muito árduo, por parte da população e principalmente das mulheres líderes nas comunidades, que o trabalho das mulheres mais uma vez triplicou com relação aos cuidados nas comunidades, nas periferias, nas associações e daí por diante.

Letícia Ueda: Você entende que as mulheres das ocupações foram afetadas de maneira diferenciada

pela pandemia? Se sim, quais estratégias específicas foram utilizadas pelo movimento para apoiá-las?

Graça Xavier: Nós, mulheres, somos afetadas diretamente nas ocupações, nas periferias, nos bairros neste período de pandemia. E o nosso trabalho triplicou porque não só tínhamos que buscar emprego, de buscar trabalho para se manter, mas também nos doarmos nos trabalhos de cuidados nas comunidades para poder garantir que as pessoas estrategicamente tivessem o atendimento e se mantivessem nos seus locais.

Tanto que desenvolvemos a campanha Despejo Zero na época da pandemia. Um trabalho belíssimo, unificado, com as universidades, com os institutos e várias lideranças de movimentos populares. A grande maioria das pessoas que tocaram a campanha Despejo Zero, inclusive as pesquisas desenvolvidas, porque o governo negacionista foi tão pesado que nem dados do IBGE na época eles soltaram, nem dados do IBGE, para poder manter isso escondido.

Então, a quantidade de despejos forçados durante a madrugada, as madrugadas na calada das noites. Os prefeitos negacionistas iam despejando, o chamado despejo administrativo. Eles falavam “hoje eu vou despejar tanto”. Aí na calada da noite da madrugada, iam despejando as famílias nas ocupações. Depois, os despejos via judiciário, né? Então foram vários despejos da época, deixando mulheres grávidas com crianças na rua, mães solas.

Então, assim, foi um momento sobre o qual nós teríamos que fazer uma verdadeira reflexão de danos causados na época da pandemia. O fato de na época ter passado por um governo que não dava a mínima para a população brasileira, não estava nem aí para a população brasileira.

As mulheres foram fundamentais nesse processo não só de pesquisa, mas de buscar o sustento para as famílias, de realizar denúncia da violência doméstica dentro da própria casa, da violência doméstica, da violência patrimonial, de vários tipos de violência, combatendo o feminicídio, combatendo a todos os tipos de violações de direito dentro da casa, mas também das ruas. Violações de direito não só dentro da casa, mas também pela própria estrutura do poder público, das delegacias, dos hospitais e daí por diante, nos prontos socorros.

Então, nós, mulheres, fomos fundamentais nesse processo de pandemia e continuaremos firmes e fortes no combate a todos os tipos de violência, mas também incidindo nas políticas públicas para as mulheres menos favorecidas do nosso país, como no programa Minha Casa Minha Vida, atendimento às mulheres vítimas de violência com 100% de subsídio.

Nós conseguimos trabalhar com várias mulheres, ensinando como trabalhar no formato virtual para poder conseguir e manter o emprego, manter o sustento e ao mesmo tempo levando formação e conscientização para que as mulheres pudessem se manter e ter o mínimo de dignidade possível.

Então, nós sempre trabalhamos com uma frase que é: “a moradia é a porta de entrada para todos os outros direitos”. A partir da moradia digna, nós entendemos e compreendemos que todas as mulheres vão entender a sua verdadeira luta de classe e continuar lutando para que mais mulheres consigam não só ter a moradia, mas ter o acesso à educação, à saúde de qualidade, para

que possamos juntas viver com dignidade.

Eu sempre falo o seguinte: “se uma mulher é capaz de mudar o mundo, imagina todas nós mulheres juntas, mudamos e transformamos a sociedade brasileira”.

Acredito que é muito importante a gente lembrar esse processo de escravidão no Brasil, em que nos roubaram a nossa vida, nos roubaram nossa identidade, nos roubaram e nos impediram o nosso crescimento enquanto ser humano. Nos impediram de acessar todas as políticas públicas no mesmo formato, no mesmo modelo que qualquer ser humano que vive no nosso país.

Então, eu acredito que as mulheres negras e a população negra foram as mais atingidas na época da pandemia não só no Brasil, mas fora do Brasil também. A população indígena, as populações pobres foram as mais afetadas diretamente na pandemia, com ressalva onde existem os movimentos fortes e os trabalhos fortes das comunidades e principalmente ressaltando o trabalho das mulheres com relação aos cuidados.

Se não houvesse esse trabalho eu acredito que muito mais pessoas teriam vindo a óbito com relação à pandemia de COVID-19. Continuaremos firmes e fortes lutando para que mais mulheres entendam e compreendam a verdadeira luta de classe para que a gente consiga ir defendendo a classe dos trabalhadores e trabalhadoras, sempre mantendo firme, não deixando ser corrompida pela direita ou pela extrema direita no nosso país, mas também no mundo.

Letícia Ueda Vella entrevista Neuma Silva de Oliveira Cruz

Letícia Ueda: Como você avalia o papel do movimento de moradia durante a pandemia de COVID-19 e quais estratégias foram adotadas para proteger moradoras/es das ocupações, incluindo o acompanhamento de casos de contaminação?

Neuma Cruz: O movimento teve um papel fundamental na vida dos moradores, esclarecendo dúvidas, incentivando as medidas de segurança, informando sobre as medidas econômicas do governo, entre outras.

Letícia Ueda: Quais medidas concretas foram tomadas para evitar que o vírus se espalhasse dentro das ocupações (por exemplo, higiene, isolamento, comunicação)?

Neuma Cruz: Obrigatoriamente, uso de máscaras, orientação para evitar aglomerações nas áreas comuns, distribuição de máscaras e álcool em gel, além de informativos e cartazes em todos os espaços. Também houve distribuição de cestas básicas e de material de limpeza. Foram instaladas pias na entrada das ocupações para que os moradores pudessem fazer sua higiene antes de entrar.

Letícia Ueda: Quais foram as maiores dificuldades enfrentadas pelo movimento

nesse período em relação à saúde das/os moradoras/es?

Neuma Cruz: O movimento sempre foi fiel à ciência. Dessa forma, as medidas tomadas nas ocupações não utilizaram nem incentivaram nenhuma medida negacionista. O movimento sempre foi opositor ao negacionismo.

Letícia Ueda: De que forma as políticas internas nas ocupações se diferenciaram ou se contrapuseram às políticas do governo, especialmente diante da postura de negação da pandemia?

Neuma Cruz: Incentivando a vacinação, fazendo falas concretas de que a vacina salva vidas e se posicionando contra o negacionismo.

Letícia Ueda: Houve apoio de outros movimentos sociais, entidades ou profissionais de saúde para enfrentar a pandemia nas ocupações?

Neuma Cruz: Sim. Houve movimentos que trocavam informações e ajuda. Os profissionais da saúde ajudavam no que era possível diante de toda a calamidade que estavam passando.

Letícia Ueda: Você entende que as mulheres das ocupações foram afetadas de maneira diferenciada pela pandemia? Se sim, quais estratégias específicas foram utilizadas pelo movimento para apoiá-las?

Neuma Cruz: Sim. Como em todas as situações, as mulheres são as mais afetadas. Todavia, durante todo o desconhecido, o movimento trabalhou com as informações que tinha diante do estado de calamidade, distribuindo máscaras, álcool, material de limpeza, entre outros.

Conclusão

As entrevistas com Graça Xavier e Neuma Silva evidenciam o papel decisivo dos movimentos de moradia na proteção das populações vulneráveis durante a pandemia de COVID-19. Em um contexto em que o Estado negava a gravidade da crise sanitária e falhava em oferecer medidas de prevenção e apoio, os movimentos assumiram a responsabilidade de organizar campanhas de arrecadação e distribuição de alimentos, materiais de higiene, máscaras e até água potável, além de orientar a população sobre cuidados básicos e a importância da vacinação. Essa atuação se mostrou essencial para conter a propagação do vírus e para oferecer dignidade às famílias que, muitas vezes, não dispunham de condições mínimas de moradia e saneamento.

Outro ponto central revelado nas entrevistas é o impacto diferenciado da pandemia sobre as mulheres das ocupações. Foram elas que mais sofreram com a sobrecarga de cuidados, com o aumento da violência doméstica e

com os despejos forçados, mas também foram protagonistas na resistência e na organização comunitária. As lideranças femininas estiveram à frente de campanhas como o Despejo Zero, das redes de solidariedade e da criação de espaços de conscientização sobre direitos e proteção contra violências. Assim, os movimentos de moradia, conduzidos em grande parte por mulheres, não apenas substituíram o papel do Estado ausente, mas também reafirmaram a moradia como porta de entrada para todos os demais direitos, conectando a luta pelo território à luta pela vida.

Agradecimentos: Este estudo foi financiado, em parte, pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processo nº 2021/07554-8, 2022/08402-0 e com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Bolsa de Mestrado CAPES DS 2023 e 2024.

COVID-19 and the housing movement



Leticia Ueda Vella*



Graça Xavier**



Neuma Silva de Oliveira Cruz***

These interviews are part of a set of two conversations carried out within the scope of the ICOLMA Project, which aimed to understand the role of the housing movement in facing the COVID-19 pandemic. The first was conducted with Graça Xavier, coordinator of the Housing Movement of the Southeast Region and affiliated with the Union of Housing Movements of Greater São Paulo and Interior, as well as the National Union for Popular Housing. The second interview was conducted with Neuma Silva de Oliveira Cruz, secretary of the Housing Movement of the Center (MMC).

The trajectories and actions of both are fundamental to understanding the strategies adopted by popular movements in response to the challenges imposed by the health crisis. The interviews were conducted by Leticia Ueda Vella, master's student and researcher in the ICOLMA Project.

Letícia Ueda Vella interviews Graça Xavier

Letícia Ueda: How do you evaluate the role of the housing movement during the COVID-19 pandemic and what strategies were adopted to protect residents of the occupations, including the monitoring of contamination cases?

Graça Xavier: The housing movement played a fundamental role at the time of Covid, of the pandemic, especially in welcoming poor and peripheral families, particularly women and Black women. At that time, everyone on television, in the mainstream media, kept saying "stay home, wash your hands." And these

DOI: <https://doi.org/10.36942/dialogossocioambientais.v8i24.1458>

*Universidade Federal do ABC (UFABC); **Movimento de Moradia da Região Sudeste; *** Movimento de Moradia do Centro de São Paulo(MMC)

people, for the most part, did not even have a home to stay in and lived with five or six people in shacks, much less water to wash their hands.

So, what did the housing movement do at the time of the pandemic? We organized an entire campaign to collect food, but not only food, also hygiene products such as hand sanitizer, disinfectant, soap, detergent, and other supplies, so that people could have access to everything the media and capitalism induced people to need at that time.

Beyond that, we not only organized a campaign to collect these supplies, but also one to ensure water donations at specific points and to install taps with potable water in some places, so that unhoused people and communities without adequate housing could actually access water to wash their hands and also to drink in their own homes.

So the housing movement acted strategically to serve the least favored population during the pandemic.

Letícia Ueda: What concrete measures were taken to prevent the virus from spreading inside the occupations (for example, hygiene, isolation, communication)?

Graça Xavier: All this work of collecting and donating food baskets, hygiene supplies, and even potable water. During this entire process, we were also producing and distributing materials so that people could protect themselves—not only inside their own homes but also on the streets when they went to collect donations or even to seek work to sustain themselves. So, we were always dialoguing: keep at least two meters away from others. People had trouble understanding this, so we would stop in a spot, spread our arms, and say, “Look, you cannot touch the other person. This is about two meters.” We also donated masks and produced masks at that time to give to those who could not afford to buy them.

Popular movements played a fundamental role, especially in providing guidance to populations without access to the internet, communications, or mainstream media due to lack of electricity or free internet. So, popular movements produced simple, easy-to-understand materials and distributed them in the communities, instructing people to use masks and avoid crowds.

Even though families lived four or five people in tiny shacks, making distancing nearly impossible, we still encouraged people—even at home—to wear masks and protect those most vulnerable, such as people with diabetes, high blood pressure, older adults, children, and pregnant women.

Another key role we played was addressing domestic violence. With women and men confined together at home for longer periods, rates of domestic violence and femicide skyrocketed during the pandemic. That is why the Women’s Secretariat of the Housing Movements worked to raise awareness and advise women to denounce and seek protective measures, even though we know police stations are not prepared to provide the necessary humane support. We sought to humanize the care for women victims of violence inside

their own homes.

Letícia Ueda: What were the biggest difficulties faced by the movement in relation to residents' health during this period?

Graça Xavier: One of the biggest difficulties for popular movements was carrying out this work of awareness and training while also providing support for community residents and for the leaders themselves. For those who don't know, leaders of popular movements do not receive a salary-our work is voluntary. So these same leaders, while needing to work for their own survival, also had to dedicate time to community organizing to reduce contamination in poor territories and peripheral communities.

Another difficulty was misinformation and lack of clear information, even in health centers, where people with suspected Covid were all grouped together without even being tested first, which often caused contamination.

And then there was the denialism. Denialism all the time from the federal government under Jair Bolsonaro, as well as from allied states and municipalities. This denialism caused many deaths. In our view, these authorities were genocidal for failing to support families as they should have, including in vaccination campaigns and public adherence to vaccination.

Letícia Ueda: How did the internal policies within the occupations differ from or oppose government policies, especially given the denialist stance?

Graça Xavier: Our work of awareness and orientation with poor families was crucial. If it had depended on the president at the time, Jair Bolsonaro, and his allies, mortality would have been much higher.

Public policies-municipal, state, and federal-failed to fulfill their role, especially in terms of providing guidance and care. Popular movements, on the other hand, produced lives, produced simple materials to raise awareness, and organized communities that otherwise would not have had access to public policies, even though they are guaranteed by the Constitution.

The pandemic, I would say, had a color, a gender, and a class. The poorer people were, the more they died.

Letícia Ueda: Was there support from other social movements, entities, or health professionals to face the pandemic within the occupations?

Graça Xavier: Yes. Popular movements came together and joined forces to fight the pandemic, denouncing denialism and uniting communities. Universities, churches (especially grassroots ecclesial communities), institutions, and health professionals provided fundamental support. It was an arduous, collective effort, particularly by women leaders, to prevent evictions, ensure food, and build networks of solidarity.

This highlighted structural racism and inequality: Black, Indigenous, LGBTQ+, fat, and poor populations were most affected. The pandemic revealed the face

of class struggle, but thanks to the resistance of movements, many lives were saved.

Letícia Ueda: Do you believe women in the occupations were affected differently by the pandemic? If so, what strategies were used to support them?

Graça Xavier: Yes, women were directly affected. Our workload tripled, since we had to both seek jobs for survival and take on caregiving roles in communities. Women played a central role in campaigns like Despejo Zero (Zero Evictions), in denunciations of domestic violence, and in supporting other women in maintaining livelihoods through virtual work and training.

We always said: “Housing is the gateway to all other rights.” From decent housing, women can access education, health, and dignity. Women were, and continue to be, key in resisting violence and fighting for public policies like subsidized housing for victims of violence.

As I often say: “If one woman can change the world, imagine all of us together—we transform Brazilian society.”

Letícia Ueda Vella interviews Neuma Silva de Oliveira Cruz

Letícia Ueda: How do you evaluate the role of the housing movement during the COVID-19 pandemic and what strategies were adopted to protect residents of the occupations, including monitoring contamination cases?

Neuma Cruz: The movement played a fundamental role in residents’ lives, clarifying doubts, encouraging safety measures, and informing people about government economic measures, among other things.

Letícia Ueda: What concrete measures were taken to prevent the virus from spreading inside the occupations (for example, hygiene, isolation, communication)?

Neuma Cruz: Mandatory mask use, guidance to avoid crowds in common areas, distribution of masks and hand sanitizer, as well as posters and leaflets everywhere. We also distributed food baskets and cleaning supplies. Sinks were installed at occupation entrances so residents could clean their hands before entering.

Letícia Ueda: What were the biggest challenges regarding residents’ health?

Neuma Cruz: The movement always remained faithful to science. The measures taken inside occupations never used or encouraged denialist practices. The movement was always opposed to denialism.

Letícia Ueda: How did internal policies within the occupations differ from or oppose government policies, given the denialist stance?

Neuma Cruz: By encouraging vaccination, making clear statements that vaccines save lives, and positioning against denialism.

Letícia Ueda: Was there support from other movements, entities, or health professionals?

Neuma Cruz: Yes. There were movements exchanging information and assistance. Health professionals helped as much as possible, despite the calamity they faced.

Letícia Ueda: Were women affected differently by the pandemic? What strategies were used to support them?

Neuma Cruz: Yes. As in all situations, women are the most affected. During this uncertain period, the movement worked with the information available in the midst of the state of calamity, distributing masks, sanitizer, cleaning supplies, and more.

Conclusions

The interviews with Graça Xavier and Neuma Silva highlight the decisive role of housing movements in protecting vulnerable populations during the COVID-19 pandemic. At a time when the State denied the severity of the health crisis and failed to provide preventive measures and support, the movements took on the responsibility of organizing donation campaigns for food, hygiene products, masks, and even potable water, while educating communities about basic care and the importance of vaccination. This work was essential to contain virus transmission and to provide dignity to families often lacking minimal housing and sanitation conditions.

Another key point revealed is the differentiated impact of the pandemic on women in occupations. They bore the greatest burden of caregiving, suffered increased domestic violence, and faced forced evictions, yet they were also protagonists in community resistance and organization. Women leaders spearheaded initiatives like Despejo Zero, solidarity networks, and awareness campaigns on rights and protection against violence. Thus, housing movements, largely led by women, not only replaced an absent State but also reaffirmed housing as the gateway to all other rights, connecting the struggle for territory to the struggle for life.

Acknowledgments: This study was financed, in part, by the São Paulo Research Foundation (FAPESP), Brasil. Process Number. 2021/07554-8, 2022/08402-0 and with the support of the Brazilian Federal Agency for Support and Evaluation of Graduate Education (CAPES), CAPES DS Master's Scholarship 2023 and 2024.



JOVENS QUE PESQUI SAM

Repensando os modos de vida em tempos de pandemia e desigualdade urbana



Pedro Henrique
Campello Torres*



Bruna Brauer**



Beatriz Milz**



Dorcas Nyamai***

* Universidade Estadual Paulista (UNESP); ** Universidade Federal do ABC (UFABC); *** TU Dortmund

DOI: <https://doi.org/10.36942/dialogossocioambientais.v8i24.1459>

Palavras-chave: COVID-19; modos de vida; urbanização; juventude; acesso.

Resumo: A pandemia de COVID-19 aprofundou as desigualdades urbanas, afetando de forma crítica os modos de vida de grupos marginalizados. Este texto discute a relevância de adaptar o sustainable livelihoods framework à análise urbana, considerando vulnerabilidades moldadas por gênero, geração, migração e informalidade. Com base em dados do projeto ICOLMA, mostramos como moradores de periferias urbanas do Sul Global reorganizaram suas estratégias de sobrevivência diante das restrições de mobilidade e do colapso no acesso a serviços básicos.

Introdução

Os efeitos da pandemia de COVID-19 vão além das questões de saúde e impactaram drasticamente os modos de vida urbanos, especialmente das populações marginalizadas. Este texto propõe uma reinterpretação do conceito de sustainable livelihoods (Chambers e Conway, 1992), tradicionalmente aplicado a contextos rurais, para explorar as dinâmicas de sobrevivência nas cidades do Sul Global durante e após a pandemia. O objetivo é examinar como essa estrutura pode nos ajudar a compreender as formas pelas quais moradores de áreas urbanas precárias acessam o trabalho, circulam pela cidade e constroem segurança econômica em meio a crises interconectadas.

Modos de vida urbanos em tempos de colapso

O conceito de modos de vida refere-se aos recursos, capacidades e atividades necessárias para garantir a subsistência. Em contextos urbanos, esses

meios estão profundamente conectados ao acesso à mobilidade, à renda informal, aos sistemas comunitários de apoio e às políticas urbanas. Durante a pandemia, medidas de contenção como quarentenas, fechamento de escolas e comércios e restrições ao transporte público afetaram diretamente a capacidade de milhões de pessoas de se sustentarem.

Os dados do projeto ICOLMA (Torres et al., 2025a; Torres et al., 2025b) mostram que, em diferentes cidades, jovens migrantes, mulheres negras e trabalhadores informais enfrentaram cortes abruptos em suas fontes de renda e no acesso a serviços básicos. Em São Paulo, os resultados apontam para a suspensão de pequenos negócios, a interrupção do trabalho doméstico remunerado e a necessidade de recorrer a redes locais de solidariedade para garantir a segurança alimentar.

Adaptação, resiliência e reinvenção cotidiana

Apesar dessas perdas, observamos também um conjunto de respostas adaptativas e criativas. Em alguns territórios, comunidades se organizaram para produzir alimentos, criar redes de apoio online e desenvolver novas formas de geração de renda por meio de plataformas digitais. No entanto, essas estratégias nem sempre foram reconhecidas pelas políticas públicas, o que evidencia a necessidade de ampliar a compreensão institucional sobre os modos de vida urbanos.

O uso adaptado do livelihoods framework, ao considerar os capitais social, humano e cultural, permite reconhecer que a sobrevivência urbana é negociada entre formalidade e informalidade, entre o Estado e a comunidade. Essa abordagem também ajuda a compreender os impactos diferenciais da pandemia a partir das lentes de gênero, idade, classe e territorialidade.

Considerações finais

Adaptar o conceito de modos de vida ao contexto urbano é essencial para captar a complexidade das crises enfrentadas globalmente, especialmente no Sul Global. A pandemia mostrou que os modos de vida urbanos não dependem apenas de empregos e serviços, mas também de redes comunitárias, infraestrutura de mobilidade e acesso digital. Reconhecer essas dinâmicas é fundamental para construir políticas mais justas e responsivas.

Agradecimentos: O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processo nº 2021/07554-8, 2022/08402-0, 2022/15121-7, 2023/09825-4, 2024/05779-0 e com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), nº de processo 88887.986726/2024-00.

Referências

CHAMBERS, Robert; CONWAY, Gordon. Sustainable rural livelihoods: practical concepts for the 21st century. Brighton: Institute of Development Studies, 1992. (IDS Discussion Paper, n. 296).

TORRES, P. H. C.; BRAUER, B.; MILZ, B.; TARTALHA, T. Planejamento territorial e modos de vida em tempos de crise: um estudo exploratório sobre três cidades durante a COVID-19 a partir do livelihood framework. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, 21., 2025, Curitiba. Anais: Realize Editora, 2025. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/122976>. Acesso em: 21 ago. 2025.

TORRES, P. et al. Reframing the sustainable livelihoods framework in urban crisis contexts: mobility, health, natural capital and the impacts of the COVID-19 pandemic in São Paulo City (Brazil). Artigo submetido para publicação. 2025.



Rethinking livelihoods in times of pandemic and urban inequality



Pedro Henrique
Campello Torres*



Bruna Brauer**



Beatriz Milz**



Dorcas Nyamai***

* Universidade Estadual Paulista (UNESP); ** Universidade Federal do ABC (UFABC); *** TU Dortmund

DOI: <https://doi.org/10.36942/dialogossocioambientais.v8i24.1459>

Keywords: Recycling; Circularity; Plastic; Limits; Recyclable Waste Pickers

Abstract: The COVID-19 pandemic has deepened urban inequalities, critically affecting the livelihoods of marginalized groups. This text discusses the relevance of adapting the sustainable livelihoods framework to urban analysis, considering vulnerabilities shaped by gender, generation, migration and informality. Drawing on data from the ICOLMA project, we show how residents in urban peripheries of the Global South reshape their survival strategies amid mobility restrictions and collapsing access to basic services.

Introduction

The effects of the COVID-19 pandemic go beyond health issues and have drastically impacted urban livelihoods, especially for marginalized populations. This text proposes a reinterpretation of the concept of sustainable livelihoods (Chambers & Conway, 1992), traditionally applied to rural contexts, to explore survival dynamics in cities of the Global South during and after the pandemic. The aim is to examine how this framework can help us understand the ways in which residents of precarious urban areas access work, move around the city and build economic security amid interconnected crises.

Urban livelihoods in times of collapse

The concept of livelihoods refers to the resources, capabilities and activities needed to secure subsistence. In urban contexts, these livelihoods are deeply

connected to access to mobility, informal income, community support systems and urban policies. During the pandemic, containment measures such as lockdowns, the closing of schools and businesses, and the restriction of public transport directly affected the capacity of millions of people to sustain themselves.

Data from the ICOLMA project (Torres et al., 2025a; Torres et al., 2025b) show that in different cities, young migrants, Black women and informal workers faced abrupt cuts in their income sources and access to basic services. In São Paulo, the results point to the suspension of small businesses, interruption of paid domestic work and the need to rely on local solidarity networks to ensure food security.

Adaptation, resilience and everyday reinvention

Despite these losses, we also observe a set of adaptive and creative responses. In some territories, communities reorganized to produce food, create online support networks and develop new ways of generating income through digital platforms. However, these strategies were not always recognized by public policies, which highlights the need to broaden the institutional understanding of urban livelihoods.

The adapted use of the livelihoods framework, by considering social, human and cultural capitals, makes it possible to recognize that urban survival is negotiated between formality and informality, between the State and the community. This approach also helps to understand the differential impacts of the pandemic through lenses of gender, age, class and territoriality.

Final considerations

Adapting the concept of livelihoods to the urban context is essential to capture the complexity of the crises faced worldwide, especially in the Global South. The pandemic has shown that urban livelihoods do not depend only on jobs and services, but also on community networks, mobility infrastructure and digital access. Recognizing these dynamics is crucial for building fairer and more responsive policies.

Acknowledgments: This study was financed, in part, by the São Paulo Research Foundation (FAPESP), Brasil. Process Number. 2021/07554-8, 2022/08402-0, 2023/17054-8, 2023/09825-4, 2024/05779-0, with the support of the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel (CAPES), process number 88887.986726/2024-00.

References

CHAMBERS, Robert; CONWAY, Gordon. Sustainable rural livelihoods: practical concepts for the 21st century. Brighton: Institute of Development Studies, 1992. (IDS Discussion Paper, n. 296).

TORRES, P. H. C. et al. Territorial planning and livelihoods in times of crisis: an exploratory study on three cities during COVID-19 from the livelihood framework. In: NATIONAL MEETING OF THE NATIONAL ASSOCIATION FOR GRADUATE STUDIES AND RESEARCH IN URBAN AND REGIONAL PLANNING, 21., 2025, Curitiba. Proceedings: Realize Editora, 2025. Available from: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/122976>. Access in: 21 Aug. 2025.

TORRES, P. et al. Reframing the sustainable livelihoods framework in urban crisis contexts: mobility, health, natural capital and the impacts of the COVID-19 pandemic in São Paulo City (Brazil). Manuscript submitted for publication. 2025.



Análise de criticidade: ferramenta para um mundo em disrupção



Lyvia Nascimento
Cirqueira Fischer*



Tanja Schnitfinke**



Bruna Brauer*

Resumo: O artigo explora a aplicação da metodologia de Análise de Criticidade, adaptada para investigar os impactos do COVID-19 nos modos de vida de grupos marginalizados em três contextos urbanos: Cidade do Cabo (África do Sul), Região do Ruhr (Alemanha) e São Paulo (Brasil). A pesquisa utilizou a avaliação participativa da criticidade para elucidar os efeitos em cascata das alterações de mobilidade no acesso às infraestruturas críticas das cidades, resultantes de perturbações nos sistemas de transporte durante a pandemia. A partir de representações em efeito cascata, procurou-se demonstrar as interdependências entre sistemas urbanos e as possíveis reações em cadeias desencadeadas por alterações no transporte, impactando o acesso a serviços essenciais do cotidiano como educação, saúde, assistência social, alimentação e nutrição.

Introdução

A acessibilidade urbana pode ser medida pela facilidade com que as pessoas acessam os lugares das oportunidades. Ela é função tanto da distribuição espacial dos lugares como da organização dos sistemas de transportes urbanos, elementos fundamentais para garantir que os indivíduos consigam chegar ao seu local de trabalho e acessar serviços essenciais para manutenção dos seus modos de vida (Pereira et al., 2019). Assim, a conectividade de um lugar é resultado de uma dinâmica complexa que combina distribuição geográfica das atividades e organização do sistema de transporte.

Sabemos que nem todas as pessoas têm as mesmas condições de acessos aos lugares das oportunidades, os grupos sociais marginalizados, como as mulheres, os idosos e a população de baixa renda sentem mais profundamente essas desigualdades (Pereira et al., 2019). Quando situadas nas periferias urbanas do Sul Global devido à falta de oportunidades econômicas e de transporte, essa realidade ainda é pior, durante a vivência da pandemia de

* Universidade Federal do ABC (UFABC); ** TU Dortmund;

DOI: <https://doi.org/10.36942/dialogossocioambientais.v8i24.1461>

Palavras-chave: Avaliação de Criticidade; COVID-19; Interdependências; Acessibilidade; Grupos marginalizados.

COVID-19. Os problemas de acessibilidade aumentaram principalmente por causa das medidas de distanciamento social adotadas pelos governos para conter a disseminação do coronavírus. Em muitos países, os sistemas de transportes foram afetados, acarretando efeitos potenciais sobre a mobilidade e a capacidade das pessoas acessarem serviços críticos.

Em São Paulo, como medida emergencial, a Secretaria Municipal de Mobilidade e Transporte instituiu novas regras para execução dos serviços de transporte coletivo de passageiros, obrigando a São Paulo Transportes S/A (SPTrans), em conjunto com as concessionárias de transporte coletivo, a adequarem a frota de ônibus em relação à nova demanda (São Paulo, 2020), prejudicando sobretudo aquelas pessoas que vivem em áreas de baixa renda, geralmente distantes dos centros urbanos onde estão concentrados os bens e serviços.

A Criticidade Sistêmica e os Efeitos em Cascata

As principais consequências negativas de um mega evento externo como o da pandemia sobre os modos de vida decorrem de falhas ou interrupções no funcionamento de uma Infraestrutura Crítica (IC), porque esses sistemas de infraestruturas podem ser entendidos como serviços interconectados e essenciais para a manutenção das funções vitais da sociedade.

Nesse sentido, o comprometimento de um único serviço tem potencial de amplificar riscos e gerar repercussões em todo o sistema (Kruse; Schmitt; Greiving, 2021). É por isso que dizemos que a infraestrutura de transporte pode ser entendida como um sistema crítico, pois a sua perturbação afeta direta e indiretamente o acesso a outras infraestruturas essenciais, como saúde, educação e assistência social.

As novas regras de transporte no período da pandemia impactou a mobilidade espacial, dificultando e até impedindo o acesso das pessoas a serviços essenciais para manutenção dos seus modos de vida. Para avaliar a dimensão dessas consequências, foi empregada a abordagem de Avaliação de Criticidade, concentrando-se no impacto público causado por essas alterações, com ênfase no acesso aos serviços de educação, saúde, assistência social, alimentação e nutrição.

A criticidade mede o grau de importância de uma infraestrutura, considerando o impacto que uma falha ou interrupção nessa infraestrutura teria no fornecimento de bens e serviços para a sociedade. No caso deste estudo, a análise de criticidade procurou demonstrar o peso das consequências que uma interrupção ou falha no sistema de transporte pode ter no acesso de grupos marginalizados aos serviços essenciais em um momento de crise, como a pandemia. Por serem sistemas altamente interconectados, falhas ou perturbações em uma única IC, podem desencadear efeitos em cascata, comprometendo o funcionamento de múltiplos serviços essenciais (Kruse; Schmitt; Greiving, 2021).

Para melhor compreender os efeitos provocados pela restrição da mobilidade sobre outros sistemas interconectados, foi empregado um esquema de diagramas de efeito em cascata para elucidar os impactos das perturbações da mobilidade sobre os sistemas de saúde, educação, assistência social, alimentação e nutrição, considerados fundamentais para a segurança e bem estar de famílias marginalizadas.

O desenvolvimento desse esquema envolveu ampla revisão bibliográfica sobre interdependências de ICs, além de entrevistas com especialistas representantes de setores críticos. As informações levantadas foram representadas numa estrutura de cadeias de efeito em cascata (Figura 1), para demonstrar os impactos sobre os usuários e funcionários das ICs cuja causa tem origem

nas alterações do sistema de mobilidade e nas consequentes reações desencadeadas sobre as respectivas ICs.

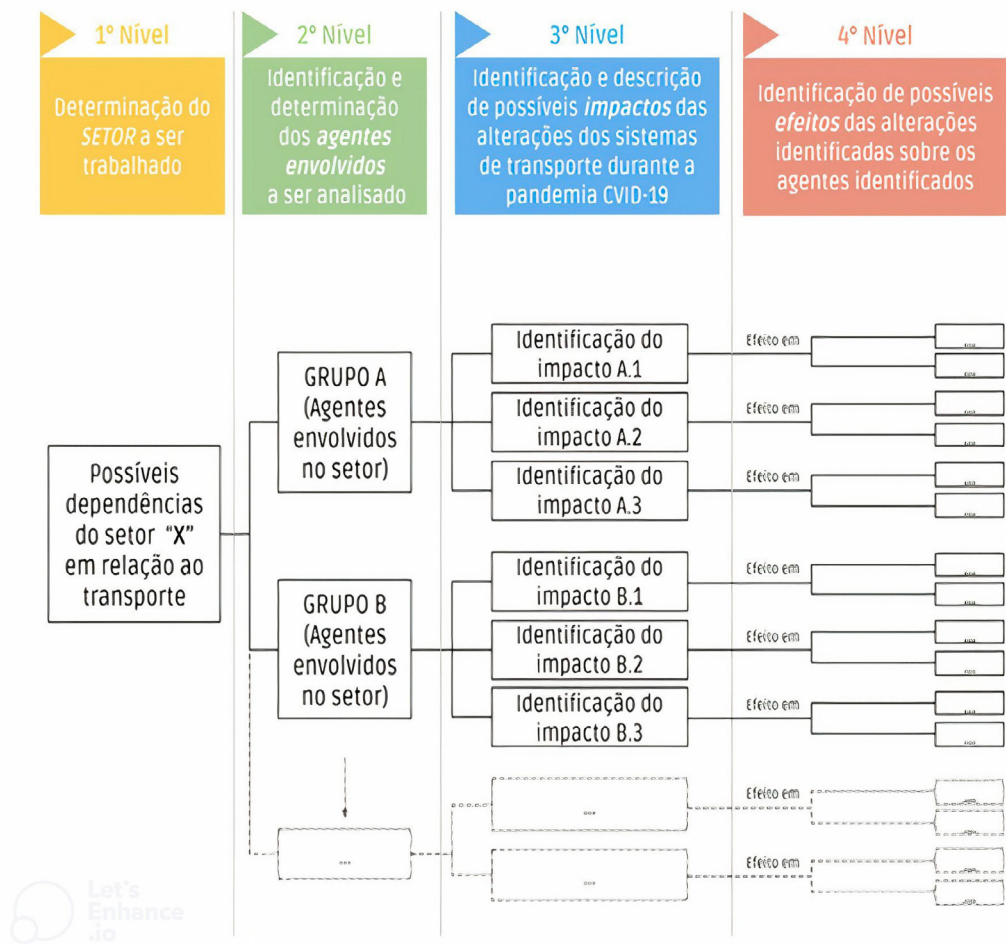


Figura 1. Exemplo da estrutura de efeito em cascata
Fonte: elaborado por Bruna Brauer, agosto de 2024.

As análises demonstraram que durante a pandemia, o setor de assistência social, infraestrutura essencial para garantir a segurança das populações vulneráveis, sobretudo em momentos de crise, foi severamente impactada (Fischer et al., 2025). No contexto brasileiro, por exemplo, esse serviço foi interrompido nos trens e nas estações da cidade de São Paulo que ofereciam acolhimento às vítimas de importunação sexual.

As reflexões também deixam claras que as medidas de transporte possuem grande relevância política no contexto escolar. Elas podem refletir não apenas no processo de aprendizagem mas também na garantia de segurança alimentar. Nesse sentido, chegar na escola não assegura somente a continuidade dos estudos, mas atende às necessidades alimentares de crianças e jovens que

vivem em situação de extrema vulnerabilidade, muitos dos quais dependem da merenda escolar para garantir suas refeições diárias.

Em São Paulo, por exemplo, uma das primeiras medidas de transporte da pandemia foi a suspensão das cotas de gratuidade e meia tarifa para estudantes. Ainda que as escolas permanecessem em funcionamento, tal medida impactaria diretamente não apenas o ensino e aprendizagem de crianças e jovens marginalizados, mas também sua alimentação e nutrição, uma vez que a escola exerce um papel essencial de proteção social.

Esses exemplos evidenciam os profundos impactos das perturbações em setores de infraestruturas críticas nos modos de vida de grupos marginalizados. Alterações nos sistemas de transportes aparentemente isoladas, produzem efeitos abrangentes sobre a vida cotidiana (Schnittfinke et al., 2024). O transporte público cumpre um papel fundamental no acesso aos serviços de saúde, alimentação, educação e assistência social. Quando esses sistemas sofrem impactos - inclusive decorrentes de decisões políticas -, são os grupos marginalizados que enfrentam, de forma desproporcional, maiores consequências em seu dia a dia.

Agradecimentos: O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processo nº 2021/07554-8, 2022/08402-0 e com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), Bolsa Mestrado CAPES DS 2023.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FISCHER, L. N. C.; BRAUER, B.; TERRA, M. F.; ZIONI, S.; SCHNITTFINKE, T. Repercussões da pandemia de COVID-19 no acesso às infraestruturas críticas na cidade de São Paulo a partir da perspectiva do sistema de transporte público. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, 21., 2025, Curitiba. Anais [...]. Curitiba: Realize Editora, 2025. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/122592..> Acesso em: 21 ago. 2025.

KRUSE, P. M.; SCHMITT, H. C.; GREIVING, S. Criticidade sistêmica: um novo conceito de avaliação para o aprimoramento da base empírica da proteção de infraestruturas críticas. *European Journal for Security Research*, [s. l.], v. 6, p. 149–171, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1007/s41125-021-00074-0>

PEREIRA, R. Justiça distributiva e equidade no transporte: legado dos megaeventos e desigualdades no acesso a oportunidades no Rio de Janeiro. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2019.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Mobilidade e Transporte. Portaria SMT nº 81, de 24 de março de 2020. Estabelece regras temporárias e emergenciais necessárias à plena implementação do Serviço de Transporte Coletivo Público de Passageiros. Diário Oficial da Cidade de São Paulo, São Paulo, 24 mar. 2020.

SCHNITTFINKE, T. et al. Criticality assessment and cascading effects: impacts of COVID-19 disruptions in public transport on marginalized groups in Dortmund, Germany, São Paulo, Brazil, and Cape Town, South Africa. *Journal of Surveillance, Security and Safety*, v. 5, n. 3, p. 140–159, 2024. DOI: <https://doi.org/10.20517/jsss.2024.11>

Criticality Analysis: A tool for a world in disruption



Lyvia Nascimento
Cirqueira Fischer*



Tanja Schnitfinke**



Bruna Brauer*

Abstract: The article explores the application of the Criticality Analysis methodology, adapted to investigate the impacts of COVID-19 on the livelihoods of marginalized groups in three urban contexts: Cape Town (South Africa), the Ruhr Region (Germany), and São Paulo (Brazil). The research employed participatory criticality assessment to elucidate the cascading effects of mobility disruptions on access to critical urban infrastructures, resulting from disturbances in transportation systems during the pandemic. Through cascading effect representations, the study sought to demonstrate the interdependencies among urban systems and the possible chain reactions triggered by changes in transport, impacting access to essential everyday services such as education, health, social assistance, food, and nutrition.

Introduction

Urban accessibility can be measured by the ease with which people reach places of opportunity. It is a function of both the spatial distribution of places and the organization of urban transport systems, fundamental elements to ensure that individuals can reach their workplaces and access essential services for maintaining their livelihoods (Pereira et al., 2019). Thus, the connectivity of a place results from a complex dynamic combining the geographic distribution of activities and the organization of the transport system.

We know that not everyone has the same conditions of access to places of opportunity. Marginalized social groups, such as women, the elderly, and low-income populations, feel these inequalities more acutely (Pereira et al., 2019). When located in the urban peripheries of the Global South due to a lack of economic and transport opportunities, this reality is even worse during the COVID-19 pandemic. Accessibility problems increased mainly due to the social distancing measures adopted by governments to contain the spread of the coronavirus. In many countries, transport systems were

* Universidade Federal do ABC (UFABC); ** TU Dortmund;

DOI: <https://doi.org/10.36942/dialogossocioambientais.v8i24.1461>

Keywords: Criticality Assessment, COVID-19, Interdependencies, Accessibility, Marginalized Groups.

affected, causing potential effects on mobility and people's ability to access critical services.

In São Paulo, as an emergency measure, the Municipal Secretariat for Mobility and Transport established new rules for the execution of public passenger transport services, requiring São Paulo Transportes S/A (SPTrans), together with collective transport concessionaires, to adjust the bus fleet according to new demand (São Paulo, 2020). This mainly harmed those living in low-income areas, usually far from urban centers where goods and services are concentrated.

Systemic Criticality and Cascading Effects

The main negative consequences of a major external event such as the pandemic on livelihoods stem from failures or interruptions in the functioning of Critical Infrastructure (CI), since these infrastructure systems can be understood as interconnected services essential for maintaining society's vital functions.

In this sense, the disruption of a single service has the potential to amplify risks and generate repercussions across the system (Kruse; Schmitt; Greiving, 2021). This is why transport infrastructure can be understood as a critical system, as its disturbance directly and indirectly affects access to other essential infrastructures, such as health, education, and social assistance.

The new transport rules during the pandemic affected spatial mobility, hindering or even preventing people's access to essential services necessary to maintain their livelihoods. To assess the magnitude of these consequences, the Criticality Assessment approach was employed, focusing on the public impact caused by these changes, with emphasis on access to education, health, social assistance, food, and nutrition services.

Criticality measures the degree of importance of an infrastructure, considering the impact that a failure or disruption in this infrastructure would have on the provision of goods and services for society. In this study, criticality analysis sought to demonstrate the weight of the consequences that a disruption or failure in the transport system can have on marginalized groups' access to essential services in a moment of crisis, such as the pandemic. Being highly interconnected systems, failures or disturbances in a single CI can trigger cascading effects, compromising the functioning of multiple essential services (Kruse; Schmitt; Greiving, 2021).

To better understand the effects of mobility restrictions on other interconnected systems, a scheme of cascading effect diagrams was employed to elucidate the impacts of mobility disruptions on health, education, social assistance, food, and nutrition systems, considered fundamental for the security and well-being of marginalized families.

The development of this scheme involved an extensive literature review on CI interdependencies, as well as interviews with specialists representing critical sectors. The information collected was represented in a cascading effect chain structure (Figure 1), to demonstrate the impacts on CI users and workers whose causes originated in changes to the mobility system and in the consequent reactions triggered on respective CIs.

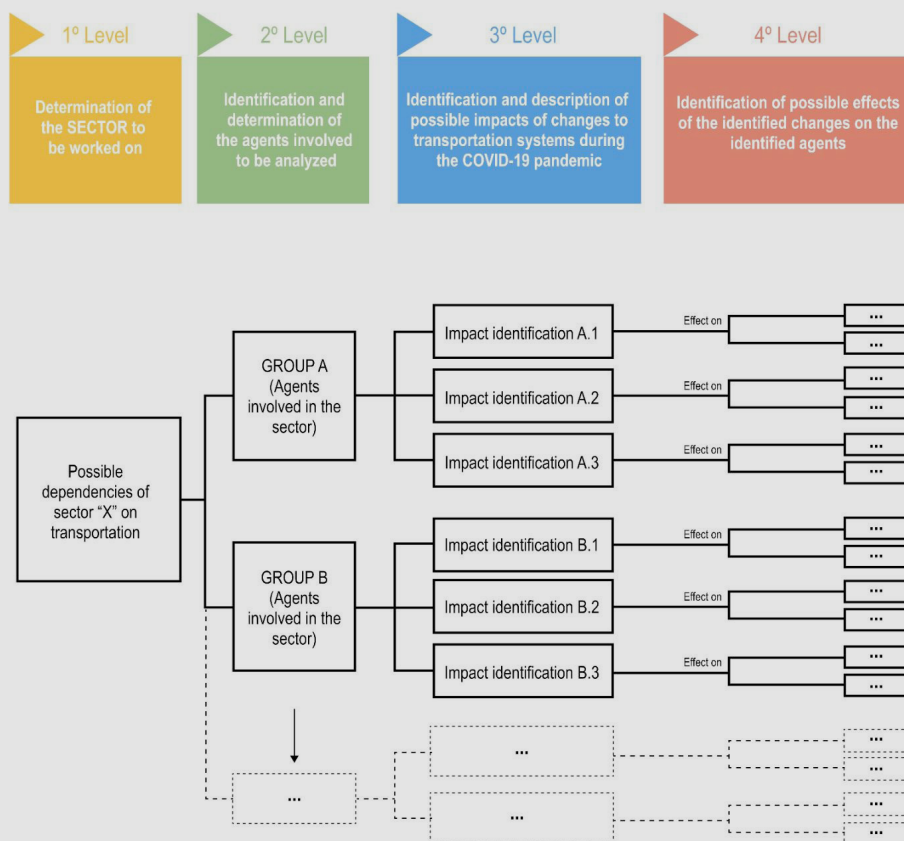


Figure 1. Example of cascading effect structure

Source: prepared by Bruna Brauer, August 2024.

The analyses showed that during the pandemic, the social assistance sector, an essential infrastructure to ensure the security of vulnerable populations, especially in times of crisis, was severely affected (Fischer et al., 2025). In the Brazilian context, for example, this service was interrupted on trains and in São Paulo stations that offered assistance to victims of sexual harassment.

The reflections also make it clear that transport measures have great political relevance in the school context. They can affect not only the learning process but also the guarantee of food security. In this sense, going to school ensures not only the continuity of studies but also meets the nutritional needs of children and young people living in extreme vulnerability, many of whom depend on school meals for their daily food.

In São Paulo, for example, one of the first transport measures of the pandemic was the suspension of free fare quotas and half-fares for students. Even if schools remained open, such a measure would directly affect not only the teaching and learning of marginalized children and young people but also their food and nutrition, since schools play an essential role in social protection.

These examples highlight the profound impacts of disruptions in critical infrastructure sectors on the livelihoods of marginalized groups. Seemingly isolated changes in transport systems produce broad effects on everyday life (Schnittfinke et al., 2024). Public transportation plays a fundamental role in access to health, food, education, and social assistance services. When these

systems are impacted - including as a result of political decisions -, it is marginalized groups that disproportionately face the greatest consequences in their daily lives.

Acknowledgments: This study was financed, in part, by the São Paulo Research Foundation (FAPESP), Brasil. Process Number. 2021/07554-8, 2022/08402-0 and with support from the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel – Brazil (CAPES), CAPES DS 2023 Master’s Scholarship.

References

FISCHER, L. N. C.; BRAUER, B.; TERRA, M. F.; ZIONI, S.; SCHNITTFINKE, T. Repercussões da pandemia de COVID-19 no acesso às infraestruturas críticas na cidade de São Paulo a partir da perspectiva do sistema de transporte público. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, 21., 2025, Curitiba. Anais [...]. Curitiba: Realize Editora, 2025. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/122592..> Acesso em: 21 ago. 2025.

KRUSE, P. M.; SCHMITT, H. C.; GREIVING, S. Criticidade sistêmica: um novo conceito de avaliação para o aprimoramento da base empírica da proteção de infraestruturas críticas. *European Journal for Security Research*, [s. l.], v. 6, p. 149–171, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1007/s41125-021-00074-0>

PEREIRA, R. Justiça distributiva e equidade no transporte: legado dos megaeventos e desigualdades no acesso a oportunidades no Rio de Janeiro. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2019.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Mobilidade e Transporte. Portaria SMT nº 81, de 24 de março de 2020. Estabelece regras temporárias e emergenciais necessárias à plena implementação do Serviço de Transporte Coletivo Público de Passageiros. Diário Oficial da Cidade de São Paulo, São Paulo, 24 mar. 2020.

SCHNITTFINKE, T. et al. Criticality assessment and cascading effects: impacts of COVID-19 disruptions in public transport on marginalized groups in Dortmund, Germany, São Paulo, Brazil, and Cape Town, South Africa. *Journal of Surveillance, Security and Safety*, v. 5, n. 3, p. 140–159, 2024. DOI: <https://doi.org/10.20517/jsss.2024.11>

Desafios e Lições de uma Pesquisa Baseada em Mapas



Beatriz Milz*



Gabriel Machado Araujo*



Kgomotso Mosikare**



Mojalefa Patrick Makitle***

* Universidade Federal do ABC (UFABC); ** University of Cape Town; *** University of the Western Cape

DOI: <https://doi.org/10.36942/dialogossocioambientais.v8i24.1462>

Palavras-chave: mobilidade urbana; limpeza de dados; desigualdade social; COVID-19.

Resumo: Este texto apresenta desafios e estratégias de uma pesquisa baseada em mapas conduzida em São Paulo, Cidade do Cabo e Dortmund, no âmbito do projeto ICOLMA. Utilizando a plataforma Maptionnaire, coletamos dados geoespaciais sobre como a pandemia de COVID-19 impactou a mobilidade e o acesso de grupos marginalizados. O texto destaca questões relacionadas a custo, qualidade dos dados e conectividade. Também mostramos como as rodas de conversa ajudaram a criar um ambiente mais acolhedor para o compartilhamento de informações sensíveis.

Introdução

No projeto ICOLMA, utilizamos uma ferramenta de pesquisa baseada em mapas chamada Maptionnaire para coletar dados geoespaciais dos participantes. Este texto resume nossas experiências com o uso dessa ferramenta, incluindo desafios técnicos e sociais. O questionário baseado em mapa pedia que as participantes marcassem locais onde moravam, trabalhavam, estudavam, recebiam atendimento de saúde, faziam tarefas diárias (por exemplo, supermercado) e realizavam atividades sociais. As perguntas foram feitas referentes à três momentos: antes da pandemia (2019), durante o primeiro ano da pandemia (2020) e no momento da pesquisa (2023-2024). No total, coletamos 305 respostas válidas nas três cidades. No entanto, enfrentamos diversas barreiras durante o trabalho de campo.

Principais descobertas e desafios

Uma grande dificuldade foi a falta de estabilidade da internet em algumas áreas. O software só permitia salvar as respostas após a conclusão total, então conexões instáveis levavam à perda de dados. Isso afetou as taxas de resposta e obrigou alguns participantes a reiniciarem todo o processo. Outro desafio foi o custo: o Maptionnaire é uma ferramenta cara, com custo inicial de US\$950 por mês (Kytä et al., 2023). Esse valor é difícil de sustentar para equipes de pesquisa com orçamentos limitados, especialmente no Sul Global. Após o fim da licença, o acesso à plataforma foi interrompido. Essa situação aponta para a necessidade de alternativas mais acessíveis e de código aberto em futuros projetos de pesquisa.

A limpeza dos dados foi complexa, pois os arquivos exportados vinham em múltiplas tabelas. A equipe construiu um processo de limpeza reprodutível em R (R Core Team, 2024) e desenvolveu um painel interno (Figura 1) para ajudar na visualização dos dados. Isso exigiu habilidades técnicas avançadas, o que pode ser uma barreira para outras equipes sem essa expertise.

O que fez diferença: diálogo em grupo e confiança local

Em São Paulo, antes de aplicar o questionário individualmente, realizamos rodas de conversa com mulheres das comunidades locais (Vella et al., 2025). Após participarem dessas discussões, muitas mulheres se sentiram mais à vontade para responder a perguntas pessoais, incluindo aquelas

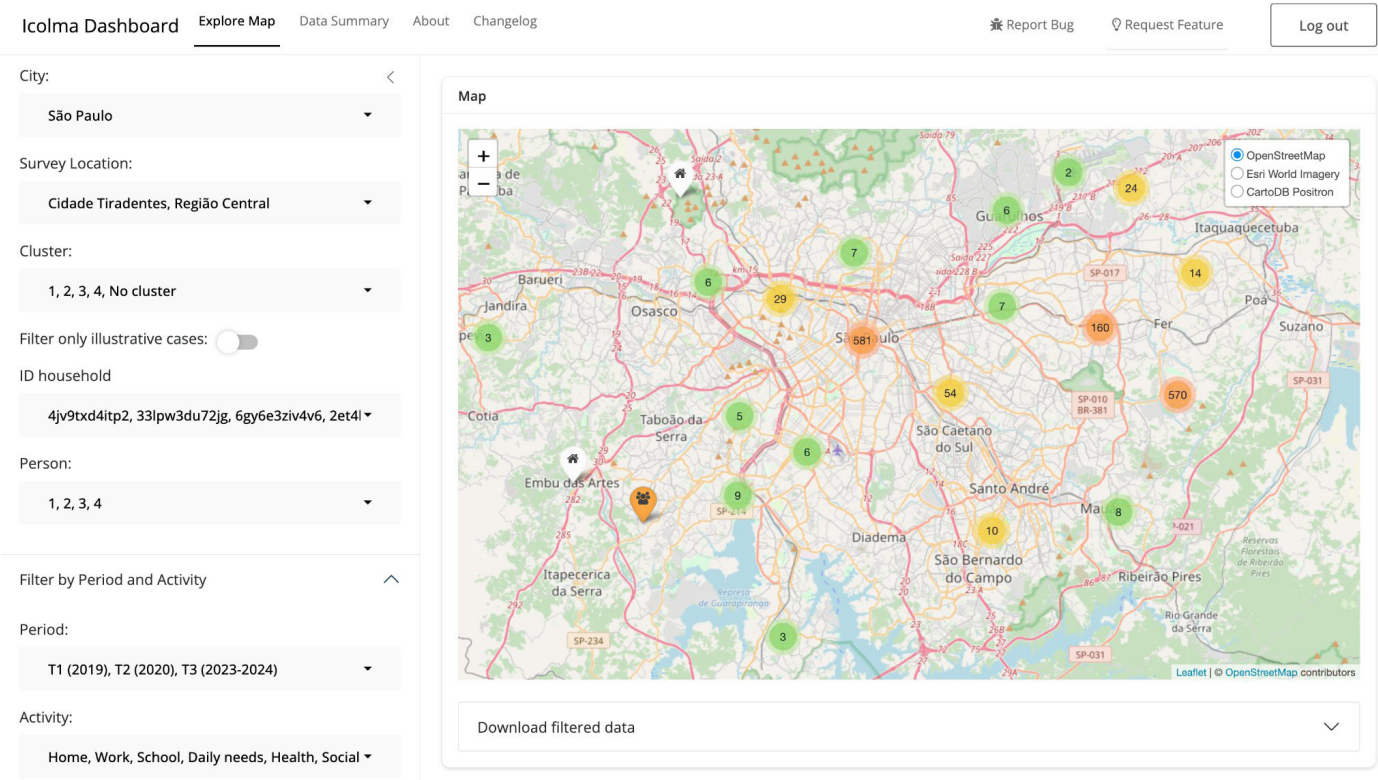


Figura 1. Captura de tela do Painel Interno desenvolvido para o projeto ICOLMA.
Fonte: os autores, 2025.

relacionadas à renda, violência ou saúde mental. A presença de assistentes sociais e lideranças locais também foi fundamental para criar um ambiente seguro de participação.

Em Cidade Tiradentes, por exemplo, uma das pesquisadoras já possuía fortes vínculos com a comunidade e com centros de apoio locais para mulheres. Essa familiaridade ajudou a abrir portas e promover um diálogo respeitoso e significativo. As estratégias de amostragem em bola de neve e o engajamento de lideranças locais foram essenciais para alcançar mais participantes.



Figura 2. Roda de conversa em Cidade Tiradentes, SP.

Fonte: acervo do projeto ICOLMA - Equipe Brasil.

Reflexões finais

Trabalhar com pesquisas baseadas em mapas em contextos urbanos desiguais exige mais do que ferramentas técnicas. Requer atenção às dinâmicas sociais de confiança, acesso e escuta. Nossa experiência no projeto ICOLMA mostra que combinar ferramentas geoespaciais com diálogo em grupo, redes locais e práticas abertas pode gerar pesquisas mais significativas e inclusivas. Esperamos que essas lições apoiem outros pesquisadores que buscam produzir pesquisas socialmente engajadas utilizando tecnologias de mapeamento.

Agradecimentos: O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processo nº 2021/07554-8, 2022/08402-0, 2023/17054-8, 2024/05779-0 e com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES/CNPq), Bolsa de Mestrado CAPES DS 2024 e 2026.

Referências

KYTTÄ, M.; FAGERHOLM, N.; HAUSNER, V. H.; BROBERG, A. Maptionnaire. In: BURNETT, C. M. (org.). Evaluating participatory mapping software. Cham: Springer, 2023. DOI: https://doi.org/10.1007/978-3-031-19594-5_4

R CORE TEAM. R: a language and environment for statistical computing. Vienna: R Foundation for Statistical Computing, 2024. Disponível em: <https://www.R-project.org/>

VELLA, L. U.; MOMM, S.; BEZERRA SILVA, A.; FISCHER, L. N. C.; MACHADO, G. A. Pressupostos e estratégias utilizados no projeto ICOLMA sobre o impacto da pandemia na mobilidade e modos de vida da cidade de São Paulo: uma perspectiva feminista de pesquisa. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, XXI., 2025, Campina Grande. Anais [...]. Campina Grande: Realize Editora, 2025. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/122565>. Acesso em: 21 ago. 2025.

Challenges and Lessons from a Map-Based Survey



Beatriz Milz*



Gabriel Machado Araujo*



Kgomotso Mosikare**



Mojalefa Patrick Makitle***

Abstract: This text presents challenges and strategies from a map-based survey conducted in São Paulo, Cape Town and Dortmund, within the ICOLMA project. Using the Maptionnaire platform, we collected geospatial data on how the COVID-19 pandemic impacted mobility and access for marginalized groups. The study highlights issues with cost, data quality and connectivity. We also show how group discussions helped create a more welcoming environment for sharing sensitive information.

Introduction

In the ICOLMA project, we used a map-based survey tool called Maptionnaire to collect geospatial data from the respondents.

This text summarizes our experiences using this tool, including technical and social challenges. The map-based questionnaire asked participants to mark locations where they lived, worked, studied, received health care, did daily errands (ex. supermarket) and did social activities. They did this for three moments: before the pandemic (2019), during the first year of the pandemic (2020), and at the time of the survey (2023-2024). In total, we collected 305 valid responses across the three cities. However, we faced several barriers during fieldwork.

Main findings and challenges

One major difficulty was the lack of internet stability in some areas. The software only allowed saving responses after full completion, so unstable

* Universidade Federal do ABC (UFABC) ; **University of Cape Town; *** University of the Western Cape

DOI: <https://doi.org/10.36942/dialogossocioambientais.v8i24.1462>

Keywords: urban mobility; data cleaning; social inequality; COVID-19.

connections led to data loss. This affected response rates and meant some participants had to restart the entire process. Another challenge was the cost: Maptionnaire is an expensive tool, with a starting cost of USD 950 per month (Kyttä et al., 2023). This price is difficult to afford for research teams with limited budgets, especially in the Global South. After the license ended, access to the platform was cut off. This situation points to the need for more affordable and open-source alternatives in future research projects.

Cleaning the data was complex, as the exported files came in multiple tables. The team built a reproducible cleaning process in R (R Core Team, 2024) and developed an internal dashboard (Figure 1) to help visualize the data. This required advanced technical skills, which may be a barrier for other teams without such expertise.

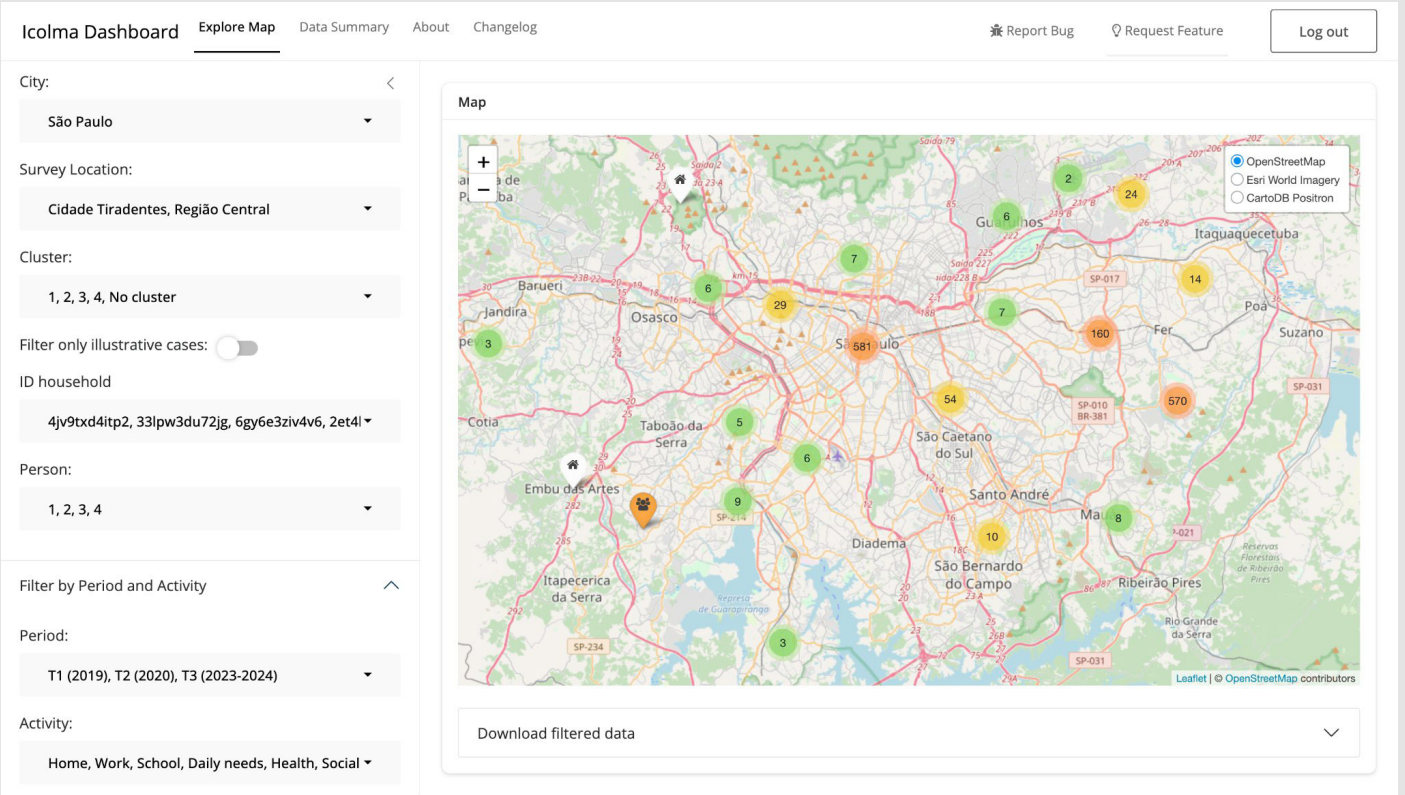


Figure 1. Screenshot from the Internal Dashboard, developed for the project ICOLMA.
Source: the authors, 2025.

What made a difference: group dialogue and local trust

In São Paulo, before applying the questionnaire individually, we held some group conversations with women from the local communities (Vella et al. 2025). After participating in these discussions, many women felt more comfortable responding to personal questions, including those related to income, violence or mental health. The presence of social workers and local leaders also made a big difference in creating a safe space for participation.

In Cidade Tiradentes, for example, one of the researchers already had strong ties to the community and local support centers for women. This familiarity helped open doors and foster respectful, meaningful dialogue. Snowball sampling and local leadership were key strategies for reaching more participants.



Figure 2. Discussion circle in Cidade Tiradentes, São Paulo.

Source: archive from project ICOLMA - Team Brazil.

Final reflections

Working with map-based surveys in unequal urban contexts demands more than technical tools. It requires attention to the social dynamics of trust, access and listening. Our experience in the ICOLMA project shows that combining geospatial tools with group dialogue, local networks and open-source practices can lead to more meaningful and inclusive research.

We hope these lessons support others who aim to produce socially engaged research using mapping technologies.

Acknowledgments: This study was financed, in part, by the São Paulo Research Foundation (FAPESP), Brasil. Process Number 2021/07554-8, 2022/08402-0, 2023/17054-8, 2024/05779-0, and with the support of the Brazilian Federal Agency for Support and Evaluation of Graduate Education (CAPES/CNPq), CAPES DS Master's Scholarship 2024 and 2026.

References

KYTTÄ, M.; FAGERHOLM, N.; HAUSNER, V. H.; BROBERG, A. Maptionnaire. In: BURNETT, C. M. (org.). Evaluating participatory mapping software. Cham: Springer, 2023. DOI: https://doi.org/10.1007/978-3-031-19594-5_4

R CORE TEAM. R: a language and environment for statistical computing. Vienna: R Foundation for Statistical Computing, 2024. Available from: <https://www.R-project.org/>

VELLA, L. U.; MOMM, S.; BEZERRA SILVA, A.; FISCHER, L. N. C.; MACHADO, G. A. Pressupostos e estratégias utilizados no projeto ICOLMA sobre o impacto da pandemia na mobilidade e modos de vida da cidade de São Paulo: uma perspectiva feminista de pesquisa. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, XXI., 2025, Curitiba. Anais [...]. Campina Grande: Realize Editora, 2025. Available from: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/122565>. Access in: 21 ago. 2025.

Trabalho de campo e Análise Temática no Projeto ICOLMA: Lições e estratégias na aplicação do questionário com Maptionnaire



Gabriel Machado
Araujo*



Letícia Ueda Vella*



Mojalefa Patrick
Makille**



Tanja Schnitfinke***



Beatriz Milz*

* Universidade Federal do ABC (UFABC); **University of the Western Cape; ***TU Dortmund;

DOI: <https://doi.org/10.36942/dialogossocioambientais.v8i24.1465>

Palavras-chave: Maptionnaire; metodologias de entrevista; análise temática.

Resumo: Este artigo discute o trabalho de campo e as estratégias metodológicas do projeto ICOLMA em São Paulo, Cidade do Cabo e Dortmund. Examina o processo de testes e adaptação cultural do questionário com Maptionnaire, a organização e formação das equipes de pesquisa e a aplicação de métodos mistos em campo. Dá atenção especial ao uso da Análise Temática, destacando suas potencialidades, limitações e os ajustes necessários para captar realidades locais. O capítulo enfatiza a importância de metodologias flexíveis, engajamento comunitário e codificação sensível ao contexto em pesquisas com grupos vulneráveis durante a pandemia de COVID-19

Introdução

De agosto de 2023 a maio de 2024, ocorreu a etapa de trabalho de campo do Projeto ICOLMA. O principal objetivo foi compreender, em diferentes contextos nacionais, como grupos vulneráveis vivenciaram a pandemia em suas dimensões espaciais, emocionais, econômicas e políticas. Este capítulo enfoca as experiências das equipes de pesquisa de São Paulo, Cidade do Cabo e Dortmund, com ênfase no uso da Análise Temática como abordagem metodológica transversal das respostas.

Equipe de pesquisa e coordenação de campo em São Paulo

A equipe de São Paulo foi composta por Gabriel Machado e Bruna Brauer (mestrandos, turma 2024), Lyvia Fischer e Letícia Ueda Vella (mestrandas,

turma 2023), Mariana Bomfim Sousa Ferreira (mestranda) e três bolsistas de treinamento técnico financiadas pela FAPESP: Aline Bezerra (mestranda, turma 2025), Claudilene Ines de Araujo e Silva e Luciana Busquets Fernandes da Silva, ambas integrantes do coletivo de base Promotoras Legais Populares (PLPs).

A equipe foi coordenada pela Pesquisadora Principal Sandra Momm, da Universidade Federal do ABC (UFABC). Ao longo dos nove meses de bolsa (1º de agosto de 2023 a 30 de abril de 2024), a equipe atuou de forma colaborativa, integrando formação técnica, engajamento territorial e articulação política.



Figura 1. Treinamento da equipe de entrevistas de São Paulo no Laboratório de Planejamento Territorial (LAPLAN) - UFABC.

Fonte: arquivo do projeto ICOLMA - Equipe Brasil no LAPLAN, 2024.

Etapas iniciais: Teste piloto e adaptação cultural

O questionário, desenvolvido na plataforma Maptionnaire, foi testado em julho de 2023. As entrevistas piloto foram realizadas com trabalhadoras domésticas conhecidas da equipe, com consentimento prévio e durante o horário de trabalho remunerado. Esse piloto controlado foi fundamental para estimar a duração média (1h15) e identificar desafios de tradução e adaptação cultural, uma vez que o instrumento original havia sido elaborado em inglês. Traduzir a linguagem e o significado exigiu ajustes importantes para garantir clareza e adequação cultural.

Recursos de campo e formação técnica

Com recursos do projeto, foram adquiridos cinco tablets com planos de dados para uso em campo. Foram realizadas duas formações técnicas: a primeira focou na tradução coletiva e simulações de entrevistas em papel; a segunda consistiu em uma demonstração completa da plataforma Maptionnaire, com simulação de uma entrevista digital. Essas formações foram essenciais para alinhar procedimentos e promover aprendizagem colaborativa.

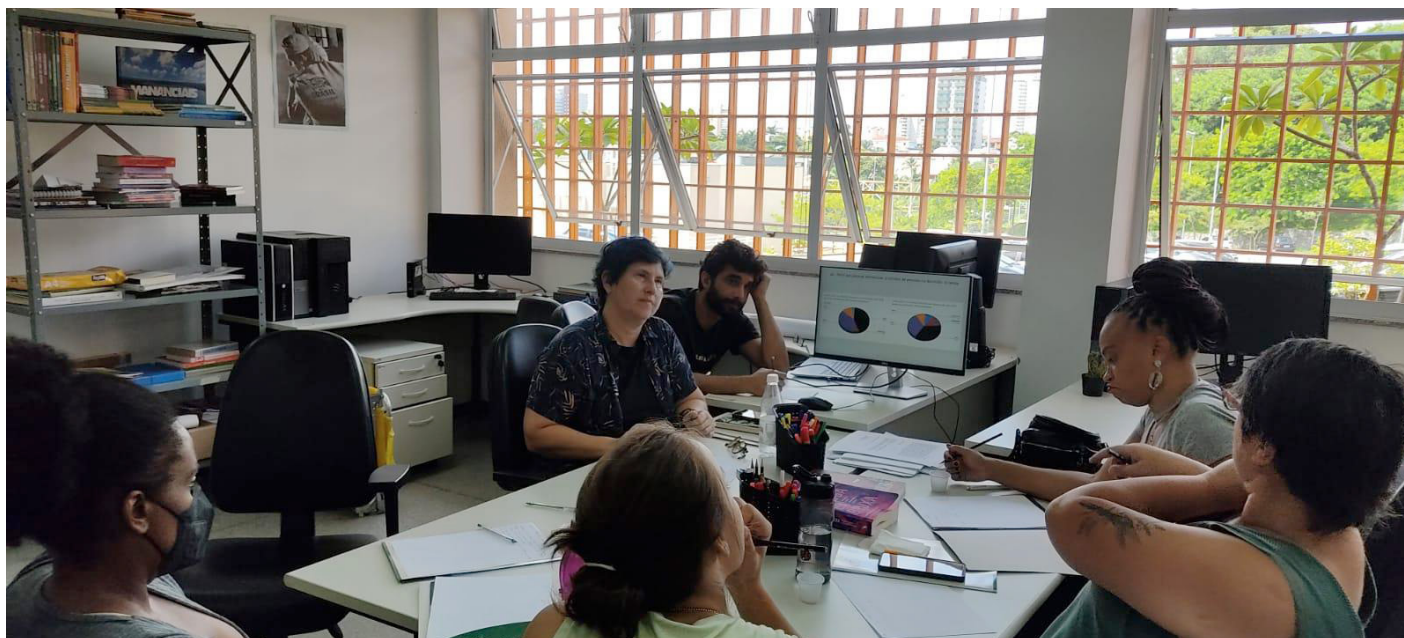
Estratégias metodológicas e de aplicação em campo

As estratégias de aplicação variaram conforme o território e o perfil das participantes. Além das entrevistas individuais, foram realizadas conversas em grupo e sessões participativas. A combinação de métodos individuais, coletivos e mistos enriqueceu significativamente os dados, especialmente em temas sensíveis como renda familiar, violências (simbólica, psicológica, doméstica) e trabalho de cuidado durante a pandemia. O papel das pesquisadoras oriundas das Promotoras Legais Populares (PLPs) foi crucial para a mediação comunitária, construção de confiança e criação de espaços de escuta profunda e respeitosa.

Em São Paulo, foi alcançada a meta de entrevistas com a participação ativa das bolsistas locais (113 entrevistas). Esses esforços territorializados incluíram discussões em grupo, entrevistas individuais e outras atividades de campo. Essa abordagem permitiu o reconhecimento de subjetividades e de narrativas transformadoras, marcadas por emoções, memória e estratégias de enfrentamento. Ao término da fase de seis meses de campo, foi realizada uma reunião online para registrar e refletir sobre o processo. Esse material serviu como base para publicações posteriores (Vella et al., 2025).

Figura 1. Encontro para organização das entrevistas na etapa final em São Paulo.

Fonte: arquivo do projeto ICOLMA - Equipe Brasil no LAPLAN, 2025.



Reflexões sobre a análise temática: potencialidades e limitações

A análise temática (Braun & Clarke, 2006) mostrou-se oportuna para codificar e interpretar respostas abertas, sendo adotada como metodologia compartilhada entre os países participantes.

No entanto, a equipe brasileira identificou descompassos entre as categorias analíticas propostas e as narrativas locais. Uma revisão comparativa entre os códigos revelou a ausência de temas-chave para o contexto brasileiro, como:

- Negacionismo em políticas públicas;
- Interrupção de ensino superior;
- Trabalho compulsório durante a quarentena;
- Insegurança alimentar e violência urbana;
- Sobrecarga em serviços essenciais;
- Falhas de acesso à saúde e insatisfação com os serviços.

Em resposta, a equipe propôs novas categorias (negacionismo, trabalho de cuidado, interrupção de serviços médicos, violência urbana) e revisões de códigos existentes para melhor refletir as realidades locais. Essas discrepâncias geraram efeitos em cascata no processo analítico, evidenciando a necessidade de uma abordagem flexível e sensível ao contexto. A experiência brasileira com a Análise Temática envolveu tradução contínua - não apenas de linguagem, mas também de metodologia e epistemologia. Ao final do processo, realizou-se uma reunião online de sistematização, registrada como parte da memória institucional do projeto. Esse material subsidiou publicações posteriores e reforçou a noção de que a análise temática, mais do que uma técnica de codificação, é uma prática situada de escuta, que reconhece a complexidade das vidas marcadas pela pandemia - em seu luto, resistência e reinvenção.

Agradecimentos: Este estudo foi financiado, em parte, pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processo nº 2021/07554-8, 2022/08402-0 e com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Bolsa de Mestrado CAPES DS 2023, 2024, 2025 e 2026.

Referências

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, v. 3, n. 2, p. 77–101, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1191/1478088706qp0630a>.

VELLA, L. U.; MOMM, S.; BEZERRA SILVA, A.; FISCHER, L. N. C.; MACHADO, G. A. Pressupostos e estratégias utilizados no projeto ICOLMA sobre o impacto da pandemia na mobilidade e modos de vida da cidade de São Paulo: uma perspectiva feminista de pesquisa. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, 21., 2025, Campina Grande. Anais... Campina Grande: Realize Editora, 2025. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/122565>. Acesso em: 21 ago. 2025.

Fieldwork and Thematic Analysis in the ICOLMA Project: Lessons and Strategies in the Application of the Maptionnaire Questionnaire



Gabriel Machado Araujo*



Leticia Ueda Vella*



Mojalefa Patrick Makille**



Tanja Schnitfinke***



Beatriz Milz*

* Universidade Federal do ABC (UFABC); **University of the Western Cape; ***TU Dortmund;

DOI: <https://doi.org/10.36942/dialogossocioambientais.v8i24.1465>

Keywords: Maptionnaire; Interview Methodologies; thematic analysis.

Abstract: This article discusses the fieldwork and methodological strategies of the ICOLMA project in São Paulo, Cape Town, and Dortmund. It examines the piloting and cultural adaptation of the Maptionnaire questionnaire, the organization and training of research teams, and the application of mixed methods in the field. Particular attention is given to the use of Thematic Analysis, highlighting its strengths, limitations, and the adjustments required to capture local realities. The chapter emphasizes the importance of flexible methodologies, community engagement, and context-sensitive coding in research on vulnerable groups during the COVID-19 pandemic.

Introduction

From August 2023 to May 2024, the fieldwork stage of the international project ICOLMA. The main objective was to understand, across different national contexts, how vulnerable groups experienced the pandemic in its spatial, emotional, economic, and political dimensions. This chapter focuses on the experiences of the research teams from São Paulo, Cape Town, and Dortmund, emphasizing the use of Thematic Analysis as a transversal methodological approach for interviews.

Research Team and Field Coordination in São Paulo

The São Paulo team included Gabriel Machado and Bruna Brauer (Master's students, cohort 2024), Lyvia Fischer and Letícia Ueda Vella (Master's students,

cohort 2023), Mariana Bomfim Sousa Ferreira (Master's students) and three technical training fellows funded by FAPESP: Aline Bezerra Silva (Master's student, cohort 2025), Claudilene Ines de Araujo e Silva and Luciana Busquets Fernandes da Silva, both members of the community-based collective Promotoras Legais Populares (PLPs). The team was coordinated by Principal Investigator San Momm from the Federal University of ABC (UFABC). Throughout the nine-month grant period (August 1, 2023 - April 30, 2024), the team operated collaboratively, integrating technical training, territorial engagement, and political articulation.



Figure 1. Training for the São Paulo interview team at Territorial Planning Laboratory (LAPLAN) - UFABC.
Source: archive from project ICOLMA - Team Brazil in LAPLAN, 2024.

Initial Stages: Piloting and Cultural Adaptation

The questionnaire, designed in Maptionnaire, was piloted in July 2023. Initial interviews were conducted with domestic workers known to the research team, with prior consent and during paid work hours. This controlled pilot was crucial to estimating the average duration (1 hour and 15 minutes) and identifying challenges related to translation and cultural adaptation, since the original instrument was developed in English. Translating both language and meaning required significant adjustments to ensure clarity and cultural fit.

Field Resources and Technical Training

With project funds, five tablets equipped with data plans were acquired for field use. Two technical training sessions were conducted: the first focused on group translation and simulated paper-based interviews; the second was a complete walkthrough of the Maptionnaire platform, simulating a full digital interview. These training sessions were essential for aligning procedures and fostering collaborative learning.

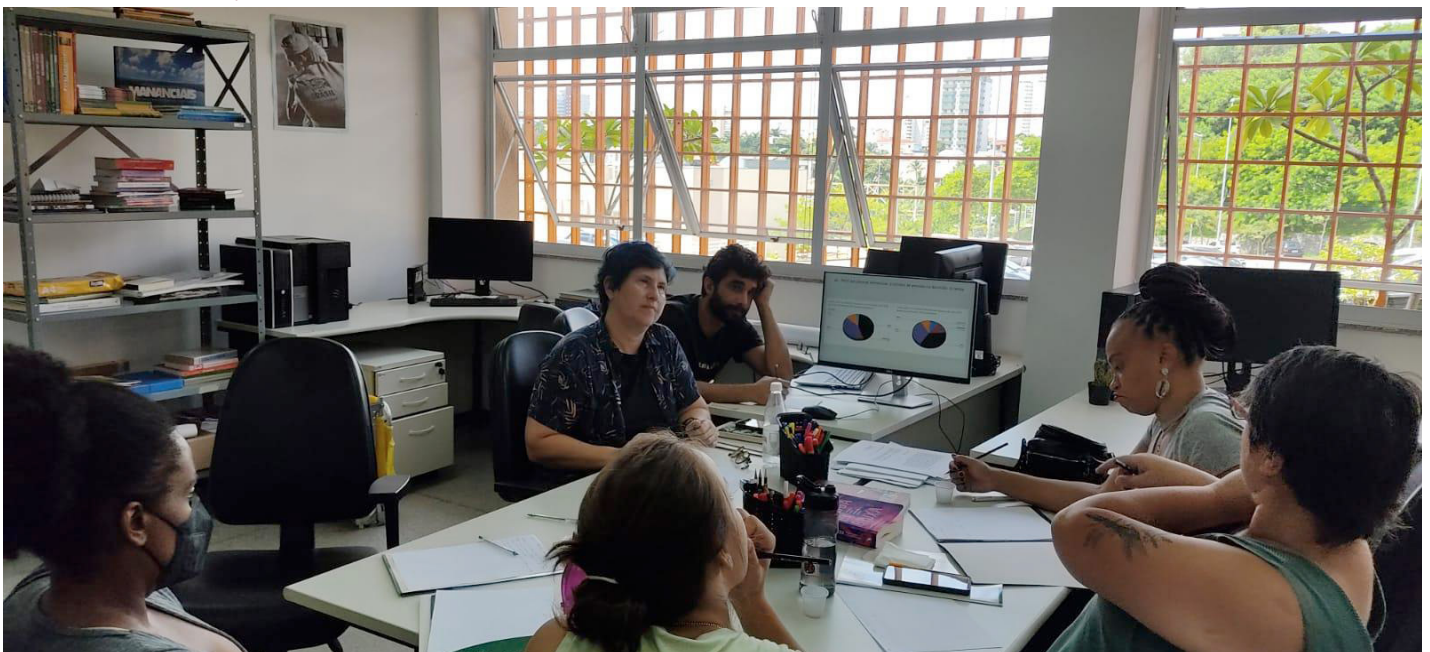
Training and methodological strategies for the field work

Application strategies varied according to each territory and the profile of participants. In addition to individual interviews, group conversations and participatory sessions were held. The combination of individual, collective, and mixed methods greatly enriched the data collected, especially concerning sensitive topics such as household income, various forms of violence (symbolic, psychological, domestic), and care work during the pandemic. The role of researchers from the Popular Legal Promoters (PLPs) in community mediation was crucial in building trust and fostering spaces for deep and respectful listening.

In São Paulo, we reached our interview targets through the active participation of locally based research fellows (113 interviews). These territorialized efforts included group discussions, one-on-one interviews, and other field activities. This approach enabled the recognition of subjectivities and highly unique, transformative accounts of pandemic experiences marked by emotional resonance, memory work, and coping strategies. At the conclusion of the six-month fieldwork phase, we held an online meeting to record and reflect on the process. This material later served as a key source of inspiration and groundwork for further publications (Vella et al., 2025).

Figure 2. Interview summary and organization for the final stretch of interviews in São Paulo.

Source: archive from project ICOLMA - Team Brazil in LAPLAN, 2025.



Reflections on Thematic Analysis: Strengths and Limitations

Thematic analysis (Braun & Clarke, 2006) proved to be appropriate for coding, organizing, and interpreting open-ended responses, and was adopted as a shared methodology among the participating countries. However, the Brazilian team encountered several mismatches between the proposed analytical categories and the local narratives. A comparative review between the codes revealed the absence of key themes for the Brazilian context, such as:

- Denialism in public policy;
- Higher education interruption;
- Compulsory labor during lockdowns;
- Food insecurity and urban violence;
- Overwork in essential services;
- Healthcare access failures and dissatisfaction with services.

In response, the team proposed new categories (Denialism, Care Work, Medical Service Interruption, Urban Violence) and revisions of existing codes to better reflect local realities. These discrepancies produced a cascading effect in the analytical process, highlighting the need for a flexible and context-sensitive approach. The Brazilian experience with Thematic Analysis involved ongoing translation - not only of language, but also of methodology and epistemology. At the end of the process, an online systematization meeting was held and recorded as part of the project's institutional memory. This material informed subsequent publications and reinforced the notion that thematic analysis, beyond being a coding technique, is a situated listening practice, one that recognizes the complexity of lives shaped by the pandemic, in their grief, resistance, and reinvention.

Acknowledgments: Acknowledgments: This study was financed, in part, by the São Paulo Research Foundation (FAPESP), Brasil. Process Number. 2021/07554-8, 2022/08402-0 and with the support of the Brazilian Federal Agency for Support and Evaluation of Graduate Education (CAPES), CAPES DS Master's Scholarship 2023, 2024, 2025 and 2026.

References

- BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, v. 3, n. 2, p. 77–101, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>.
- VELLA, L. U.; MOMM, S.; BEZERRA SILVA, A.; FISCHER, L. N. C.; MACHADO, G. A. Pressupostos e estratégias utilizados no projeto ICOLMA sobre o impacto da pandemia na mobilidade e modos de vida da cidade de São Paulo: uma perspectiva feminista de pesquisa. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, 21., 2025, Campina Grande. Anais... Campina Grande: Realize Editora, 2025. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/122565>. Acesso em: 21 ago. 2025.

Pesquisa Além das Fronteiras: Nossa Jornada como Pesquisadoras em Início de Carreira em um Projeto Transnacional



Ana Lia Leonel*



Dorcas Nyamai Nthoki**

Resumo: Este artigo reflete sobre a experiência de duas pesquisadoras em início de carreira que participam de projetos de pesquisa internacionais focados nas dinâmicas urbanas pós-pandemia: Impacto da COVID-19 no modo de vida, mobilidade e acessibilidade dos grupos marginalizados (ICOLMA) e Planejamento em comparação global em um cenário pós-pandêmico (PROPASP). Ele explora como o trabalho entre África do Sul, Brasil e Alemanha moldou nossa compreensão da pesquisa comparativa, promoveu a colaboração e criou oportunidades de desenvolvimento profissional. Em vez de focar nos resultados, compartilhamos os bastidores do processo - destacando inovações metodológicas, intercâmbio cultural e o valor da construção de conhecimento além das fronteiras.

Introdução

O projeto ICOLMA (Impacto da COVID-19 no modo de vida, mobilidade e acessibilidade dos grupos marginalizados em Cidade do Cabo, São Paulo, e Região do Ruhr) não foi apenas um projeto de pesquisa; tornou-se uma oportunidade de vivenciar uma pesquisa colaborativa em um grupo diverso e transnacional. Como jovens pesquisadoras, fomos convidadas a integrar uma equipe que trabalhou em três continentes, envolvendo mais de 25 pesquisadores de três universidades. Foi uma chance de observar de perto como a pandemia afetou as pessoas de maneiras diferentes, especialmente aquelas já marginalizadas na sociedade.

O objetivo foi compreender como a pandemia impactou a mobilidade das pessoas, o acesso a serviços e oportunidades, em particular, de grupos marginalizados. Mas, muito cedo, percebemos que até mesmo termos compartilhados - como "marginalização" - tinham significados muito diferentes em contextos distintos. O trabalho não era apenas sobre coleta de dados. Tratava-se de uma negociação complexa de conceitos, métodos e ferramentas entre diferentes tradições acadêmicas. Exigia abertura a perspectivas diversas e, acima de tudo, nos ensinou o quanto essa complexidade pode ser valiosa.

* Universidade Federal do ABC (UFABC); **TU Dortmund

DOI: <https://doi.org/10.36942/dialogossocioambientais.v8i24.1482>

Palavras-chave: Pesquisa transnacional; Estudos urbanos comparativos; Pesquisadoras em início de carreira; Colaboração internacional

Neste artigo, queremos compartilhar não o que pesquisamos, mas como vivenciamos o processo de construção de conhecimento em um contexto internacional. Desde inúmeras reuniões online até visitas de campo presenciais, da escrita colaborativa à navegação em sistemas de financiamento - queremos refletir sobre os caminhos que percorremos e as muitas lições aprendidas ao longo do percurso.

Construindo a pesquisa a partir de diferentes realidades

Um dos aspectos mais enriquecedores do projeto foi justamente o desafio de construir um quadro de pesquisa entre diferentes contextos. Cidade do Cabo, São Paulo e a Região do Ruhr são moldadas por estruturas socioespaciais, sistemas de governança e legados históricos distintos. Essas diferenças influenciaram como abordamos as questões, interpretamos conceitos e selecionamos métodos.

Essa diversidade, em vez de ser uma limitação, tornou-se uma poderosa oportunidade de aprendizado. Como jovens pesquisadoras, isso nos obrigou a reavaliar constantemente nossas suposições e a nos engajar em conversas profundas sobre os fundamentos do nosso trabalho. Trabalhar em uma equipe internacional significou não apenas coordenar fusos horários ou calendários institucionais - mas também aprender a ouvir, adaptar e contribuir de forma significativa em um grupo com perspectivas divergentes.

O ritmo de trabalho foi pautado por reuniões online regulares, incluindo sessões mensais que nos ajudaram a manter o alinhamento. Mas, além da estrutura, a experiência de gerenciar e participar do fluxo de trabalho de uma equipe de pesquisa que abrangia realidades locais tão diversas moldou a forma como agora pensamos sobre o próprio fazer científico.

Colaboração na Prática

Os intercâmbios presenciais adicionaram uma profundidade completamente diferente ao projeto. Por meio do ICOLMA, tivemos a oportunidade de viajar para visitas de campo nas três áreas de estudo. Essas visitas foram momentos para conhecer os contextos locais e uns aos outros e outras, observar, discutir e refletir em conjunto. Estar fisicamente presente, caminhar pelos bairros, visitar universidades e organizações comunitárias trouxe um novo nível de compreensão e conexão.

Cada uma de nós teve experiências diferentes, dependendo de nossos papéis no projeto. Uma viajou para a Alemanha para encontrar colegas na TU Dortmund, e a outra participou das visitas de pesquisa na África do Sul e no Brasil. Essas viagens foram mais do que obrigações acadêmicas - ajudaram-nos a construir redes, compreender os contextos institucionais e desenvolver colaborações de longo prazo. Também nos mostraram a importância das conversas informais e da curiosidade mútua ao realizar pesquisas internacionais.

O contraste entre a colaboração online e presencial ficou evidente. Enquanto as ferramentas digitais foram essenciais para manter o projeto em andamento, as visitas de campo nos deram a chance de participar de discussões com mais nuances e abertas. Foi nessas conversas mais longas - às vezes exaustivas - que as ideias realmente tomaram forma.

De um projeto ao outro

Durante o ICOLMA, tornou-se evidente que comparar cidades com estruturas tão diferentes exigia um quadro metodológico mais robusto. Foi assim que surgiu um segundo projeto - o PROPASP (Planejamento em comparação global em um cenário pós-pandêmico: teorias, metodologias e estratégias para comparar casos metropolitanos). Construído em parceria entre pesquisadores da Universidade Federal do ABC (UFABC) e da TU Dortmund, o PROPASP tinha como objetivo desenvolver um quadro comparativo.

Financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e pelo Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD) por meio de uma chamada bilateral de cooperação de pesquisa entre São Paulo e Alemanha, o PROPASP reflete como a colaboração acadêmica também depende de apoio institucional e oportunidades de financiamento. Esses programas nos permitiram expandir o trabalho, viajar internacionalmente e aprofundar as conexões entre as equipes de pesquisa.

Embora o PROPASP envolvesse diretamente apenas São Paulo e Dortmund, o projeto permaneceu intimamente ligado ao ICOLMA. Seu principal objetivo foi produzir um conjunto de critérios analíticos para possibilitar comparações significativas entre as três cidades. Isso foi desenvolvido por meio de uma meta-análise qualitativa da literatura sobre planejamento comparativo em contextos metropolitanos pós-pandêmicos. Em vez de trabalhar apenas com estudos já publicados, conduzimos uma meta-análise ativa - sistematizando achados e construindo descritores enquanto o ICOLMA ainda estava em andamento (Momm et al, artigo submetido).

Essa metodologia culminou na apresentação de um quadro comparativo em um grande workshop presencial do ICOLMA em Dortmund (Figura 1), com representantes dos três países. Juntos e juntas, validamos e refinamos a estrutura, criando uma base compartilhada para comparar resultados entre contextos.



Figura 1. Workshop presencial do ICOLMA em Dortmund, 25 a 29 de novembro de 2024.

Fonte: Foto por Tanja Schnitfinke, 2025.

Engajamentos Locais, Impactos Mais Amplos

Embora a pesquisa fosse predominantemente acadêmica, a conexão com instituições e comunidades em cada cidade adicionou outra camada à experiência. Em Dortmund, o projeto levou a uma relação próxima com a administração municipal, incluindo o Departamento de Assuntos da Juventude e o Departamento de Sociologia, que posteriormente apoiaram esforços de coleta de dados. Em São Paulo, a equipe de pesquisa também se envolveu com autoridades dos departamentos de Transporte e Saúde, e com movimentos de mulheres chefes de família em áreas marginalizadas. Isso fortaleceu as conexões com a universidade e pesquisadores locais - muitos dos quais agora desenvolvem estudos relacionados. Esses engajamentos locais não apenas apoiaram nossa pesquisa, mas também contribuíram para tornar nosso trabalho mais fundamentado e impactante.

Reflexões Finais

Participar do ICOLMA - e, depois, do PROPASP - foi uma experiência formativa. Como pesquisadoras em início de carreira, não fomos apenas observadoras, mas participantes ativas na forma como a pesquisa internacional é conduzida. Aprendemos a navegar em esquemas de financiamento, a trabalhar com pessoas de diferentes disciplinas e origens, e a transformar desafios - conceituais, práticos, culturais - em momentos de crescimento.

Esse caminho nos mostrou que a pesquisa não é apenas sobre entregar resultados. Também é sobre o processo: sobre aprender a formular perguntas em conjunto, a ouvir outras realidades e a construir conhecimento que seja ao mesmo tempo rigoroso e enraizado nas complexidades do mundo real.

E talvez, mais importante, aprendemos que a pesquisa não precisa ser solitária. Ela se beneficia por ser coletiva, dinâmica e transformadora - especialmente quando construída sobre confiança, curiosidade e colaboração além das fronteiras.

Agradecimentos: O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processo nº 2019/18462-7, 2021/07554-8, 2022/01660-3, 2022/08402-0.

Referências

Momm, S.; Lionel, A. L.; Nyamai, D. Schramm, S. et al. Strategies and methods for comparing planning systems and spatial dynamics in a post-pandemic scenario from a global and decolonial perspective. Artigo submetido, 2025.

Research Across Borders: Our Journey as Early Career Researchers in a Transnational Project



Ana Lia Leonel*



Dorcas Nyamai Nthoki**

Abstract: This article reflects on the experience of two early-career researchers participating in international research projects focused on post-pandemic urban dynamics: "Impact of COVID-19 on Accessibility, Mobility, and Livelihoods of Marginalised Groups in Cape Town, São Paulo, and the Ruhr Area (ICOLMA) and "Planning within global comparison in a post-pandemic scenario" (PROPASP). It explores how working across South Africa, Brazil, and Germany shaped our understanding of comparative research, fostered collaboration, and created opportunities for professional development. Rather than focusing on results, we share the behind-the-scenes processes - highlighting methodological innovations, cultural exchange, and the value of building knowledge across borders.

Introduction

The ICOLMA project (Impact of COVID-19 on Accessibility, Mobility, and Livelihoods of Marginalised Groups in Cape Town, São Paulo, and the Ruhr Area) was not just a research project; it became an opportunity to experience collaborative research in a diverse, transnational group. As young researchers, we were invited into a team working across three continents, involving over 25 researchers from three universities. It was a chance to witness up close how the pandemic affected people differently, especially those already on the margins of society.

The goal was to understand how the pandemic impacted people's mobility, access to services and opportunities in particular, marginalised groups. But very early on, we realized that even shared terms - such as "marginalisation" - carried very different meanings in different contexts. The work was not only about collecting data. It was about complex negotiation of concepts, methods, and tools across different academic traditions. It required openness to diverse perspectives and, above all, it taught us how valuable this complexity can be.

* Universidade Federal do ABC (UFABC); **TU Dortmund

DOI: <https://doi.org/10.36942/dialogossocioambientais.v8i24.1482>

Keywords: Transnational research; Comparative urban studies; Early-career researchers; International collaboration

In this article, we want to share not what we researched, but how we experienced the process of building knowledge in an international context. From countless online meetings to in-person field visits, from writing collaboratively to navigating funding systems - we want to reflect on the paths we have taken and the many lessons learned along the way.

Building Research from Different Realities

One of the most enriching aspects of the project was precisely the challenge of constructing a research framework across different contexts. Cape Town, São Paulo, and the Ruhr Area are shaped by distinct socio-spatial structures, governance systems, and historical legacies. These differences influenced how we approached questions, interpreted concepts, and selected methods.

This diversity, rather than being a limitation, became a powerful learning opportunity. As young scholars, it forced us to constantly re-evaluate our assumptions and to engage in deep conversations about the foundations of our work. Working within an international team meant not just coordinating across time zones or institutional calendars - but also learning how to listen, adapt, and contribute meaningfully in a group where perspectives diverged.

The work rhythm was grounded in regular online meetings, including monthly Jour Fixe sessions that helped us stay aligned. But beyond structure, the experience of managing and participating in the workflow of a research team that spanned such diverse local realities shaped the way we now think about doing research itself.

Collaboration in Practice

In-person exchanges added a completely different depth to the project. Through ICOLMA, we had the opportunity to travel for field visits in the three case study areas. These visits were moments to get to know the local contexts and each other, to observe, discuss, and reflect together. Being physically present, walking through the neighbourhoods, visiting universities and community organizations, brought a new level of insight and connection.

Each of us had different experiences depending on our roles in the project. One of us travelled to Germany to meet colleagues at TU Dortmund, and the other joined research visits to South Africa and Brazil. These trips were more than academic obligations - they helped us build networks, understand institutional settings, and develop long-term collaborations. They also showed us how important informal conversations and mutual curiosity are when doing international research.

The contrast between online and in-person collaboration became clear. While digital tools were essential for keeping the project on track, field visits gave us the chance to engage in more nuanced and open-ended discussions. It was in those longer, sometimes exhausting, conversations that ideas really took shape.

From One Project to Another

During ICOLMA, it became evident that comparing cities with such different structures required a more robust methodological framework. That is how a second project - PROPASP (entitled "Planning within global comparison in a post-pandemic scenario: theories, methodologies, and strategies to compare metropolitan cases") - was initiated. Built in partnership between researchers from the Federal University of ABC (UFABC) and TU Dortmund, PROPASP aimed to develop a comparative framework.

Funded by the São Paulo Research Foundation (FAPESP) and German Academic Exchange Service (DAAD) through a bilateral call for research cooperation between São Paulo and Germany, PROPASP reflects how academic collaboration also depends on institutional support and funding opportunities. These programs allowed us to expand our work, travel internationally, and deepen connections between research teams.

Although PROPASP involved only São Paulo and Dortmund directly, the project remained closely linked to ICOLMA. Its main goal was to produce a set of analytical criteria to enable meaningful comparison among the three cities. This was developed through a qualitative meta-analysis of literature on comparative planning in post-pandemic metropolitan contexts. Instead of working only with already published studies, we conducted an active meta-analysis - systematizing findings and building descriptors while ICOLMA was still ongoing (Momm et al, paper submitted).

This methodology culminated in the presentation of a comparative framework at a large in-person ICOLMA workshop in Dortmund (Figure 1), attended by representatives from all three countries. Together, we validated and refined the structure, creating a shared base for comparing results across contexts.



Figure 1. ICOLMA Meeting in Dortmund, 25th - 29th Nov 2024.

Source: photo by Tanja Schnittfinke, 2025.

Local Engagements, Broader Impacts

While our research was mostly academic, the connection with institutions and communities in each city added another layer to the experience. In Dortmund, the project led to a close relationship with the city administration, including the Youth Affairs Department and the Sociology Department, which later supported our data collection efforts. In São Paulo, the research team also engaged with authorities from the Transport and Health departments and with women-led households social movements in marginalized areas. This fostered connections with the university and local researchers - many of whom are now developing related studies. These local engagements not only supported our research but also contributed to making our work more grounded and impactful.

Final Reflections

Participating in ICOLMA - and later, in PROPASP - has been a formative experience. As early-career researchers, we were not just observers but active participants in shaping how international research is done. We learned how to navigate funding schemes, how to work with people from different disciplines and backgrounds, and how to turn challenges - conceptual, practical, cultural - into moments of growth.

This path showed us that research is not only about delivering results. It is also about the process: about learning how to ask questions together, how to listen to other realities, and how to build knowledge that is both rigorous and rooted in real-world complexities.

And perhaps most importantly, we learned that research does not have to be solitary. It benefits from being collective, dynamic, and transformative - especially when built on trust, curiosity, and collaboration across borders.

Acknowledgments: This study was financed, in part, by the São Paulo Research Foundation (FAPESP), Brasil. Process Number 2019/18462-7, 2021/07554-8, 2022/01660-3, 2022/08402-0.

References

Momm, S.; Lionel, A. L.; Nyamai, D. Schramm, S. et al. Strategies and methods for comparing planning systems and spatial dynamics in a post-pandemic scenario from a global and decolonial perspective. Paper submitted, 2025.

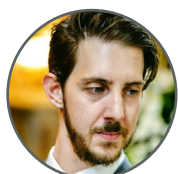
PANEX-Youth: resiliência e desafios na alimentação, educação e lazer de jovens nas periferias urbanas



Yorman Pare-des-Marquez*



Luciana Bizzotto*



Leonardo Rafael Muzumeci*



Ingrid Batista Vieira*



Leandro Luiz Giatti*

* Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP/USP);

DOI: <https://doi.org/10.36942/dialogossocioambientais.v8i24.1470>

Palavras-chave: Periferias urbanas; COVID-19; insegurança alimentar; educação; lazer.

Resumo: O projeto PANEX-Youth investigou como jovens de comunidades periféricas urbanas de São Paulo, especialmente Heliópolis e Paraisópolis, se adaptaram aos desafios impostos pela pandemia de COVID-19. Utilizando metodologias participativas, a pesquisa revelou estratégias de resiliência diante do aprofundamento das desigualdades sociais, insegurança alimentar, dificuldades educacionais, restrições ao lazer e impactos na saúde mental. A atuação comunitária e o protagonismo juvenil destacaram-se como fundamentais para enfrentar a crise, apontando caminhos para políticas públicas mais inclusivas e sustentáveis.

Introdução

A pandemia de COVID-19 aprofundou desigualdades sociais e econômicas já presentes, especialmente nas periferias urbanas do Brasil. Esse cenário foi agravado pela postura negacionista do governo federal, que desacreditou a ciência, desestimulou medidas de proteção, campanhas de vacinação e desestruturou sistemas públicos de resposta à crise. Apesar do risco epidemiológico direto ser menor para os jovens, eles foram profundamente impactados pelas consequências sociais, econômicas e psicológicas: escolas fechadas por longos períodos, aumento do desemprego, insegurança alimentar e restrição ao acesso a espaços públicos. Além disso, os jovens enfrentaram superexposição a incertezas, ruptura de laços sociais e adultização, resultando em aumento excessivo de responsabilidades.

O projeto PANEX-Youth, fruto de colaboração entre universidades do Brasil, Reino Unido e África do Sul, buscou compreender como jovens de 10 a 24 anos se adaptaram aos impactos da pandemia, com foco no nexo entre alimentação, educação e lazer. Por meio de metodologias participativas, como cursos de extensão universitária e oficinas em Heliópolis e Paraisópolis, a pesquisa deu voz a uma população frequentemente invisibilizada nas políticas públicas (Bizzotto et al., 2023).

Este artigo analisa as experiências desses jovens durante a pandemia,

destacando estratégias de adaptação e organização comunitária emergidas nos territórios. Serão discutidos os efeitos das políticas governamentais sobre essas populações e as lições aprendidas para fortalecer a resiliência diante de futuras crises.

Desenvolvimento

O contexto de negação e aprofundamento da desproteção social no Brasil, especialmente entre 2019 e 2022, foi marcado por um governo de extrema direita. A postura negacionista e o descrédito à ciência dificultaram respostas coordenadas e deixaram a população - sobretudo as comunidades periféricas, mais dependentes de políticas públicas - sem apoio estatal (Bizzoto et al., 2025). A esse cenário se soma a um aprofundamento da polarização política, que gerou aderência popular a tais medidas e discursos. A soma destes fatores resultou em milhares de mortes evitáveis (Giatti et al., 2021).

Para os jovens, esta crise trouxe diversos desafios sociais, econômicos, educacionais e mentais. Seus direitos foram negados pelo fechamento prolongado das escolas, aumento do desemprego, queda da renda familiar e alta dos preços dos alimentos, resultando em fome e insegurança alimentar (Giatti et al., 2021).

A pandemia recolocou o Brasil no mapa da fome da Organização das Nações Unidas (ONU). Em 2022, mais de 33 milhões de brasileiros viviam em situação de fome. Famílias de baixa renda, mulheres e população negra, historicamente marginalizadas e que configuram a maior parte da população que vive em favelas e comunidades urbanas, foram as mais afetadas. O fechamento das escolas agravou o problema, pois a merenda escolar era, para muitos, a principal refeição do dia.

A crise também expôs falhas estruturais do sistema alimentar brasileiro e o impacto do agronegócio. Embora o Brasil seja grande exportador de alimentos, o foco nas exportações fez com que, internamente, os preços dos alimentos básicos aumentassem, prejudicando ainda mais o poder de compra da população de baixa renda (Schneider et al., 2020). Jovens participantes do PANEX-Youth relataram perceber um caráter proposital do governo federal no crescimento dessa insegurança alimentar, como forma de dizimação da população mais pobre.

Além disso, o modelo industrial de produção de proteína animal revelou condições precárias em frigoríficos, que se tornaram focos de contaminação por COVID-19. Agricultores familiares, dependentes de cadeias curtas e mercados locais, sofreram com restrições comerciais e ausência de apoio governamental (Schneider et al., 2020). O aumento do consumo de ultraprocessados em detrimento de alimentos frescos, impulsionado pela queda de renda e facilidade de acesso, também agravou problemas de saúde (Giatti et al., 2021).

O auxílio emergencial do governo, embora tenha beneficiado milhões, foi insuficiente diante da escalada dos preços. Enquanto isso, o agronegócio, focado na exportação, viu sua demanda internacional crescer, sem que isso se traduzisse em melhoria da segurança alimentar interna (Schneider et al., 2020).

Para jovens e suas famílias em favelas, produtos básicos ficaram mais caros e menos acessíveis, aprofundando a insegurança alimentar já acentuada pela perda de renda e pela ineficácia das políticas públicas. Com isso, pode-se dizer que as decisões políticas e comerciais em escala global tiveram impacto direto na mesa destas famílias em São Paulo, evidenciando a interconexão sistêmica das crises.

Outro eixo de forte impacto na vida dos jovens foi a educação. As escolas permaneceram

fechadas por mais de 40 semanas, comprometendo o acesso à educação e alimentação escolar. A implementação do ensino remoto enfrentou múltiplas barreiras (três quartos dos usuários de classe baixa acessavam a internet exclusivamente pelo celular e apenas 12% possuíam computadores) (Giatti et al., 2021).

Pressões adicionais relacionadas à necessidade de trabalhar e cuidar da família comprometeram o acesso à educação de muitos jovens. A fragilidade dos vínculos aluno-professor agravou-se no contexto do isolamento social. Para muitos, a escola representava não só aprendizado formal, mas socialização, segurança alimentar e proteção contra violência doméstica.

O acesso a espaços de lazer, já escasso em bairros periféricos, foi ainda mais comprometido com o fechamento de parques e praças durante a pandemia. Crianças e jovens, ao buscar alternativas, se voltaram para o uso intensivo de dispositivos digitais, redes sociais e jogos eletrônicos como formas de socialização e entretenimento.

Emergiram também estratégias de resistência, como manutenção de encontros em espaços não autorizados, continuidade de atividades culturais como o funk e ocupação de lajes e ruas para brincadeiras. Essas práticas, embora arriscadas no contexto de emergência sanitária, revelaram a necessidade fundamental dos jovens por socialização e movimento, especialmente em moradias superlotadas e recursos limitados.

Adaptações juvenis e resposta comunitária

Diante da omissão estatal, periferias urbanas se mobilizaram com notável capacidade de adaptação, formando amplas redes de solidariedade, cuidado e proteção (Circuito Urbano, 2023). Os jovens tiveram papel importante nessas iniciativas, muitas vezes assumindo liderança na distribuição de alimentos e máscaras protetoras e na disseminação de informações de saúde. Jovens também relataram combate à desinformação nas redes sociais, atuando em grupos de aplicativos com familiares e divulgando pesquisas sobre a realidade da pandemia em suas comunidades.

Destacam-se exemplos como a organização dos “presidentes de rua” em Paraisópolis, responsáveis pelo monitoramento da saúde e distribuição de recursos em grupos de 50 casas, além do Pavilhão G10 Favelas, que se transformou em centro logístico para distribuição de refeições e itens de higiene. A telemedicina foi uma solução inovadora adotada em alguns territórios. As mulheres demonstraram liderança fundamental na linha de frente dessas ações, na produção de marmitas e confecção de máscaras.

Essas redes de apoio não só ofereceram assistência material, mas também promoveram processos de aprendizagem, fortaleceram o capital social e cultivaram empatia e solidariedade, gerando entre os jovens sentimento de pertencimento e propósito em tempos de obscurantismo.

Desafios e recomendações para o futuro

Apesar do sucesso, as iniciativas comunitárias enfrentam desafios de sustentabilidade. A redução das doações após o primeiro ano de pandemia e a sobrecarga do trabalho voluntário, especialmente para as mulheres, levaram ao enfraquecimento ou encerramento de muitos projetos.

A saúde mental, especialmente entre crianças e adolescentes, ganhou destaque durante a pandemia, trazendo desafios significativos para as comunidades periféricas. Fatores como

interrupção das atividades escolares, falta de espaços de lazer e conflitos familiares contribuíram para o sofrimento psíquico dos jovens. Muitos enfrentaram desestímulo, perda de habilidades de socialização e medo de interagir após o retorno às atividades presenciais. Nesse contexto, é fundamental fortalecer o apoio institucional na promoção da saúde mental, por meio de práticas coletivas, suporte psicológico nas escolas e acesso a tratamentos especializados. O engajamento da rede comunitária e parcerias locais também se mostram essenciais para ampliar o acolhimento e a proteção socioemocional dos jovens em situação de vulnerabilidade.

É fundamental que governos aprendam com essas experiências. Políticas públicas sustentáveis e inclusivas devem reconhecer, valorizar e integrar o conhecimento local e o protagonismo juvenil. Um enfoque “nexo”, que conecte alimentação, educação e lazer, desponta como caminho promissor para enfrentar de forma integral os desafios das comunidades. Para isso, são necessários mecanismos permanentes de financiamento e apoio institucional, que permitam a profissionalização do trabalho comunitário e a continuidade dessas ações essenciais.

Nesse sentido, as recomendações resultantes das discussões do “Local Café”, realizadas em 07/02/2024 na Faculdade de Saúde Pública (Universidade de São Paulo) (Figura 1), foram sistematizadas em um mapa mental que resume os principais eixos de ação identificados pelos jovens e organizações participantes, refletindo as propostas coletivas para o enfrentamento dos desafios em alimentação, educação, lazer, saúde mental e fortalecimento do poder público nas periferias urbanas.

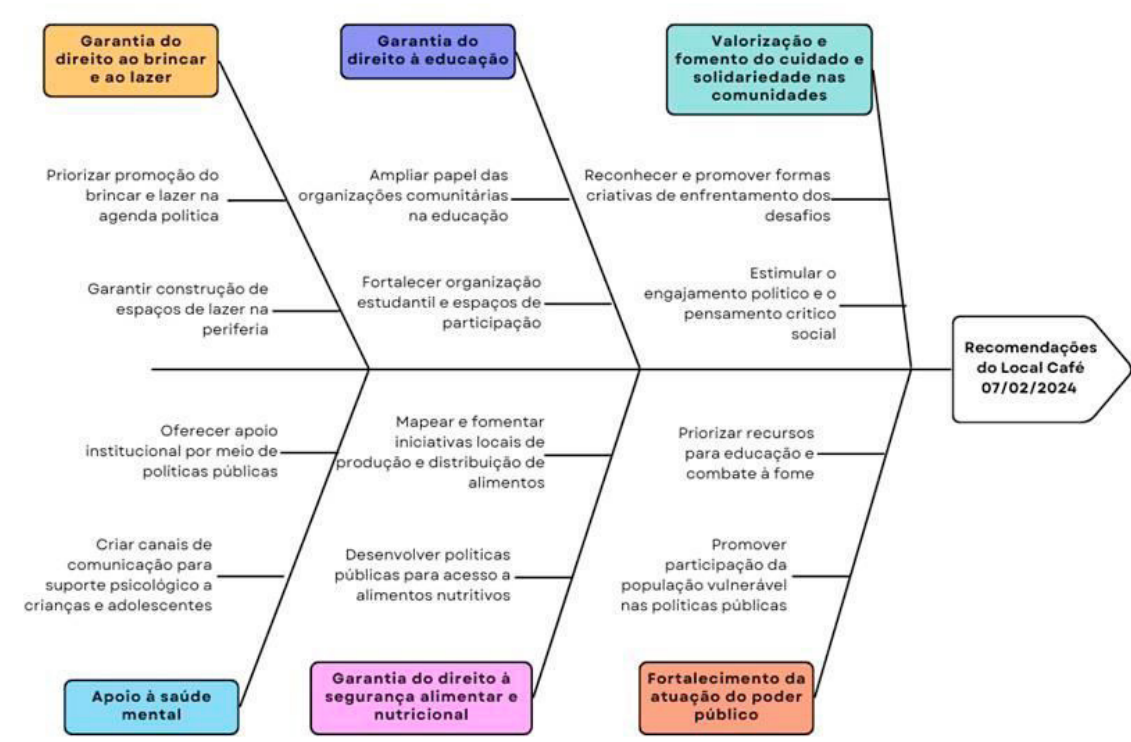


Figura 1. Recomendações do Local Café sobre resiliência e desafios na alimentação, educação, lazer e saúde mental de jovens nas periferias urbanas. Fonte: Síntese das discussões do Local Café, PANEX YOUTH (07/02/2024).

Conclusão

O projeto PANEX-Youth investigou como os jovens em periferias urbanas vulneráveis de São Paulo, como Heliópolis e Paraisópolis, se adaptaram à pandemia de COVID-19, momento que exacerbou desigualdades estruturais e negligenciou suas necessidades básicas. As comunidades enfrentam desafios significativos no acesso à educação, à alimentação e ao lazer, além de impactos graves na saúde mental, com relatos de ansiedade, depressão e isolamento social, agravados pelo aprofundamento da exclusão digital. No entanto, a resiliência dessas comunidades se manifestou através de redes de solidariedade, auto-organização e iniciativas locais, onde os jovens desempenharam papel crucial na linha de frente, demonstrando grande agência e empatia.

A metodologia participativa e qualitativa do projeto foi fundamental para dar voz aos jovens, grupo historicamente excluído das discussões e decisões políticas. Essa abordagem permitiu a cocriação de conhecimento, integrando perspectivas acadêmicas e não-acadêmicas, promovendo compreensão mais profunda e culturalmente sensível das realidades locais. Ao reconhecer e valorizar o conhecimento do território e o protagonismo juvenil, a pesquisa participativa não apenas registra experiências, mas também impulsiona reflexão, autoconfiança e mobilização para que as soluções sejam enraizadas nas necessidades das comunidades e sustentáveis para o enfrentamento de futuras crises.

Agradecimentos: O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil, Processos nº 2021/07399-2 e 2022/07771-1, e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Processo nº 314947/2021-3.

Referências

BIZZOTTO, L. M.; GIATTI, L. L.; MUSUMECI, L.; PAREDES, Y.; ANDRES, L. (org.). Adaptações de crianças e jovens à COVID-19 no Brasil: repercussões para educação, alimentação e lazer. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Saúde Pública, 2025. Disponível em: <https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/1643>. Acesso em: 22 ago. 2025.

BIZZOTTO, L. M.; PAREDES-MARQUEZ, Y.; MUSUMECI, L. R.; GIATTI, L. L. Reseña del Proyecto “PANEX-Youth: Adaptações de jovens em comunidades vulneráveis para sobreviver e recuperar da COVID-19”. Gicos, v. 8, n. 3, p. 8–12, 2023. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/003229708>. Acesso em: 22 ago. 2025.

CIRCUITO URBANO. A organização comunitária em territórios vulneráveis na pandemia. [S. l.: s. n.], 23 out. 2023. 1 vídeo (transmissão ao vivo). Publicado no YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oio6dx34mY4>. Acesso em: 22 ago. 2025.

GIATTI, L. L.; RIBEIRO, R. A.; NAVA, A. F. D.; GUTBERLET, J. Emerging complexities and rising omission: contrasts among socio-ecological contexts of infectious diseases, research and policy in Brazil. Genetics and Molecular Biology, v. 44, n. 1, supl. 1, e20200229, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1678-4685-GMB-2020-0229>.

SCHNEIDER, S.; CASSOL, A.; LEONARDI, A.; MARINHO, M. de M. Os efeitos da pandemia da COVID-19 sobre o agronegócio e a alimentação. Estudos Avançados, v. 34, n. 100, p. 167–188, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.34100.011>.

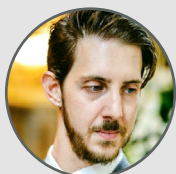
PANEX-Youth: resilience and challenges in food, education, and leisure among young people in urban peripheries



Yorman Paredes-Marquez*



Luciana Bizzotto*



Leonardo Rafael Muzumeci*



Ingrid Batista Vieira*



Leandro Luiz Giatti*

* Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP/USP);

DOI: <https://doi.org/10.36942/dialogossocioambientais.v8i24.1470>

Keywords: urban peripheries; COVID-19; food insecurity; education; leisure.

Abstract: The PANEX-Youth project investigated how young people from urban peripheral communities in São Paulo, especially Heliópolis and Paraisópolis, adapted to the challenges imposed by the COVID-19 pandemic. Using participatory methodologies, the research revealed resilience strategies in the face of deepening social inequalities, food insecurity, educational difficulties, restrictions on leisure, and mental health impacts. Community action and youth protagonism stood out as fundamental to confronting the crisis, pointing toward pathways for more inclusive and sustainable public policies.

Introduction

The COVID-19 pandemic deepened pre-existing social and economic inequalities, especially in Brazil's urban peripheries. This situation was aggravated by the federal government's denialist stance, which discredited science, discouraged protective measures and vaccination campaigns, and dismantled public crisis-response systems. Although the direct epidemiological risk was lower for youth, they were profoundly affected by the social, economic, and psychological consequences: prolonged school closures, rising unemployment, food insecurity, and restricted access to public spaces. In addition, young people faced overexposure to uncertainty, rupture of social ties, and premature adultification, resulting in excessive responsibilities.

The PANEX-Youth project, a collaboration among universities in Brazil, the United Kingdom, and South Africa, sought to understand how young people aged from 10 to 24 adapted to the pandemic's impacts, focusing on the nexus between food, education, and leisure. Through participatory methodologies, such as university extension courses and workshops in Heliópolis and Paraisópolis, the research gave voice to a population often rendered invisible

in public policies (Bizzoto et al., 2023).

This article analyzes the experiences of these young people during the pandemic, highlighting adaptation strategies and community organization that emerged in these territories. It also discusses the effects of governmental policies on these populations and the lessons learned to strengthen resilience in the face of future crises.

Development

The context of denial and the dismantling of social protection in Brazil, especially between 2019 and 2022, was marked by a far-right government. The denialist stance and discrediting of science hindered coordinated responses and left the population - particularly peripheral communities, which are more dependent on public policies - without state support (Bizzoto et al., 2025). This scenario was compounded by increased political polarization, which fostered popular adherence to such measures and discourses. Combined, these factors resulted in thousands of preventable deaths (Giatti et al., 2021).

For young people, this crisis generated multiple social, economic, educational, and mental challenges. Their rights were denied by prolonged school closures, rising unemployment, declining household income, and rising food prices, resulting in hunger and food insecurity (Giatti et al., 2021).

The pandemic placed Brazil back on the United Nations (UN) hunger map. By 2022, more than 33 million Brazilians lived in food insecurity. Low-income families, women, and Black populations, historically marginalized and comprising most of those living in favelas and urban communities, were the most affected. School closures worsened the problem, as school meals represented the main daily meal for many.

The crisis also exposed structural flaws in the Brazilian food system and the impacts of agribusiness. Although Brazil is a major food exporter, the focus on exports led to rising domestic prices for basic foods, further eroding the purchasing power of low-income households (Schneider et al., 2020). Young PANEX-Youth participants perceived the federal government's role in deliberately worsening food insecurity as a form of decimation of the poorest population.

Moreover, the industrial model of animal protein production revealed precarious conditions in slaughterhouses, which became hotspots for COVID-19 outbreaks. Family farmers, dependent on short supply chains and local markets, suffered from trade restrictions and lack of government support (Schneider et al., 2020). Increased consumption of ultra-processed foods, driven by falling incomes and easy access, worsened health problems (Giatti et al., 2021).

Although the government's emergency cash aid benefited millions, it was insufficient to offset rising prices. Meanwhile, agribusiness, focused on exports, experienced growing international demand without improvements in domestic food security (Schneider et al., 2020).

For young people and their families in favelas, basic goods became more expensive and less accessible, deepening food insecurity, already aggravated by income loss and ineffective public policies. Thus, political and commercial decisions at the global scale had direct impacts on the daily lives of families in São Paulo, evidencing the systemic interconnectedness of crises.

Another axis of strong impact in the lives of young people was education. Schools remained closed for more than 40 weeks, compromising access to education and school meals. The

implementation of remote learning faced multiple barriers (three quarters of low-class users accessed the internet exclusively by cell phone and only 12% had computers) (Giatti et al., 2021).

Additional pressures related to the need to work and take care of the family compromised the access to education of many young people. The fragility of student-teacher ties worsened in the context of social isolation. For many, school represented not only formal learning, but also socialization, food security, and protection against domestic violence.

The access to leisure spaces, already scarce in peripheral neighborhoods, was even more compromised with the closure of parks and squares during the pandemic. Children and young people, in seeking alternatives, turned to intensive use of digital devices, social networks, and electronic games as forms of socialization and entertainment.

Strategies of resistance also emerged, such as maintaining meetings in unauthorized spaces, continuity of cultural activities such as funk, and occupation of rooftops and streets for play. These practices, although risky in the context of a health emergency, revealed the fundamental need of young people for socialization and movement, especially in overcrowded housing and limited resources.

Youth adaptations and community response

In the face of state omission, urban peripheries mobilized with remarkable adaptability, forming broad networks of solidarity, care, and protection (Circuito Urbano, 2023). Young people played an important role in these initiatives, often assuming leadership in the distribution of food and protective masks and in the dissemination of health information. Young people also reported fighting misinformation on social networks, acting in social media groups with family members and disseminating research on the reality of the pandemic in their communities.

Examples stand out such as the organization of “street presidents” in Paraisópolis, responsible for health monitoring and distribution of resources in groups of 50 houses, in addition to the G10 Favelas Pavilion, which became a logistics center for the distribution of meals and hygiene items. Telemedicine was an innovative solution adopted in some territories. Women demonstrated fundamental leadership on the front line of these actions, in the production of meals and the making of masks.

These support networks not only offered material assistance, but also promoted learning processes, strengthened social capital, and cultivated empathy and solidarity, generating among young people a sense of belonging and purpose in times of obscurantism.

Challenges and recommendations for the future

Despite the success, community initiatives face sustainability challenges. The reduction of donations after the first year of the pandemic and the overload of volunteer work, especially for women, led to the weakening or closure of many projects.

Mental health, especially among children and adolescents, gained prominence during the pandemic, bringing significant challenges for peripheral communities. Factors such as the interruption of school activities, lack of leisure spaces, and family conflicts contributed to the psychic suffering of young people. Many faced discouragement, loss of socialization skills,

and fear of interacting after returning to in-person activities. In this context, it is essential to strengthen institutional support in the promotion of mental health, through collective practices, psychological support in schools, and access to specialized treatments. The engagement of the community network and local partnerships also proved essential to expand the reception and socio-emotional protection of young people in vulnerable situations.

It is essential that governments learn from these experiences. Sustainable and inclusive public policies must recognize, value, and integrate local knowledge and youth protagonism. A “nexus” approach, which connects food, education, and leisure, emerges as a promising way to integrally face the challenges of communities. For this, permanent financing mechanisms and institutional support are necessary, which allow the professionalization of community work and the continuity of these essential actions.

In this sense, the recommendations resulting from the discussions of the “Local Café”, held on July 2024 at the School of Public Health (University of São Paulo) (Figure 1), were systematized in a mind map that summarizes the main axes of action identified by young people and participating organizations, reflecting the collective proposals to face the challenges in food, education, leisure, mental health, and strengthening public power in urban peripheries.

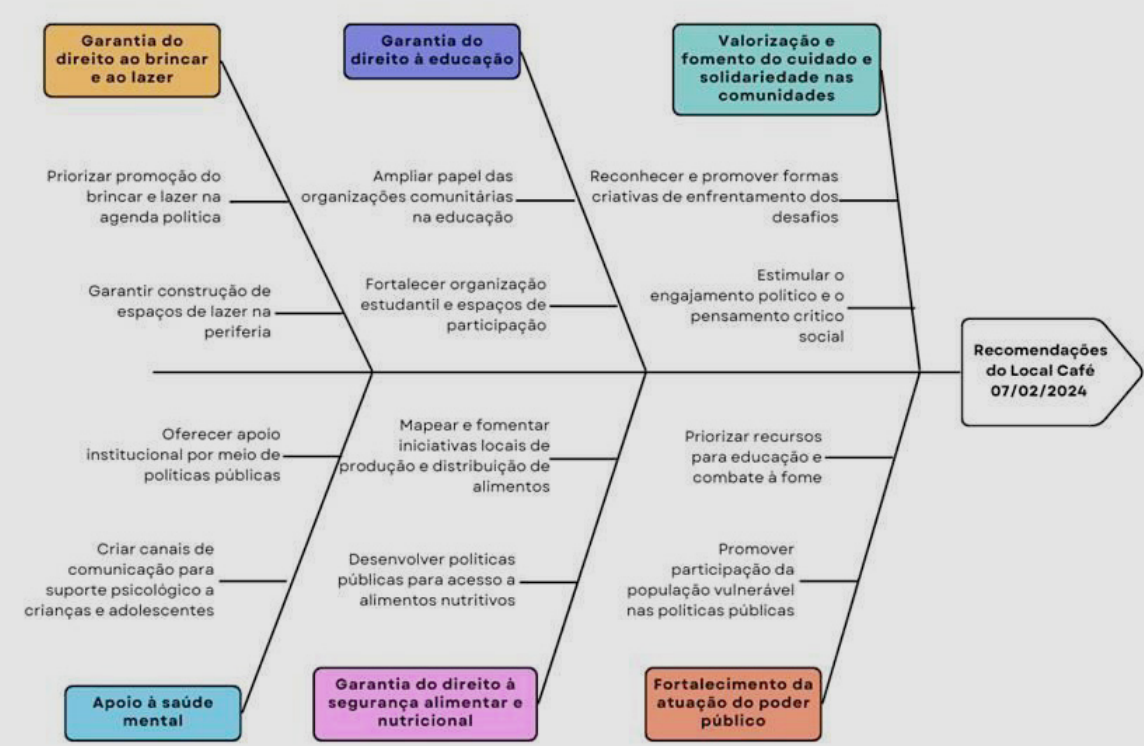


Figure 1. Recommendations of the Local Café on resilience and challenges in food, education, leisure, and mental health of young people in urban peripheries. Source: Synthesis of the discussions of the Local Café, PANEX YOUTH (July/2024).

Source: elaborated by the authors.

Conclusion

The PANEX-Youth project investigated how young people in vulnerable urban peripheries of São Paulo, such as Heliópolis and Paraisópolis, adapted to the COVID-19 pandemic, a moment that exacerbated structural inequalities and neglected their basic needs. Communities face significant challenges in access to education, food, and leisure, in addition to serious impacts on mental health, with reports of anxiety, depression, and social isolation, aggravated by the deepening of digital exclusion.

However, the resilience of these communities was manifested through solidarity networks, self-organization, and local initiatives, where young people played a crucial role on the front line, demonstrating great agency and empathy.

The participatory and qualitative methodology of the project was fundamental to give voice to young people, a group historically excluded from political discussions and decisions. This approach allowed the co-creation of knowledge, integrating academic and non-academic perspectives, promoting a deeper and culturally sensitive understanding of local realities. By recognizing and valuing territorial knowledge and youth protagonism, participatory research not only records experiences, but also drives reflection, self-confidence, and mobilization so that solutions are rooted in the needs of communities and sustainable for facing future crises.

Acknowledgments: This work was carried out with the support of the São Paulo Research Foundation (FAPESP), Brazil, Grant numbers 2021/07399-2 and 2022/07771-1, and the National Council for Scientific and Technological Development (CNPq), Grant number 314947/2021-3.

References

BIZZOTTO, L. M.; GIATTI, L. L.; MUSUMECI, L.; PAREDES, Y.; ANDRES, L. (eds.). Adaptations of children and youth to COVID-19 in Brazil: repercussions for education, food, and leisure. São Paulo: University of São Paulo, School of Public Health, 2025. Available at: <https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/1643>. Accessed on: Aug. 22, 2025.

BIZZOTTO, L. M.; PAREDES-MARQUEZ, Y.; MUSUMECI, L. R.; GIATTI, L. L. Review of the “PANEX-Youth Project: adaptations of young people in vulnerable communities to survive and recover from COVID-19.” *Gicos*, v. 8, n. 3, p. 8–12, 2023. Available at: <https://repositorio.usp.br/item/003229708>. Accessed on: Aug. 22, 2025.

CIRCUITO URBANO. Community organization in vulnerable territories during the pandemic. [S. l.: s. n.], Oct. 23, 2023. 1 video (live broadcast). Published on YouTube. Available at: <https://www.youtube.com/watch?v=oio6dx34mY4>. Accessed on: Aug. 22, 2025.

GIATTI, L. L.; RIBEIRO, R. A.; NAVA, A. F. D.; GUTBERLET, J. Emerging complexities and rising omission: contrasts among socio-ecological contexts of infectious diseases, research and policy in Brazil. *Genetics and Molecular Biology*, v. 44, n. 1, suppl. 1, e20200229, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1678-4685-GMB-2020-0229>.

SCHNEIDER, S.; CASSOL, A.; LEONARDI, A.; MARINHO, M. de M. The effects of the COVID-19 pandemic on agribusiness and food. *Estudos Avançados*, v. 34, n. 100, p. 167–188, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.34100.011>.



**ENG
AJA
MEN
TO**

Pandemia de COVID-19 e vivência de mulheres negras na periferia



Aline Bezerra Silva*

Resumo: Este texto explora as experiências de mulheres negras moradoras de Cidade Tiradentes (zona leste do município de São Paulo) durante a pandemia de COVID-19, destacando as dificuldades enfrentadas e a importância da solidariedade e resiliência. O texto aponta a sobrecarga de trabalho, a impossibilidade de isolamento social adequado e os impactos na saúde física e mental. Em conclusão, é ressaltado a importância da solidariedade, resiliência e autonomia das mulheres periféricas de Cidade Tiradentes, bem como a urgência de políticas públicas que considerem a perspectiva de gênero na reconstrução pós-pandemia.

Introdução

Durante a pandemia de COVID-19, além de valorizar as pequenas coisas da vida, pude constatar as diferenças e dificuldades enfrentadas pelas mulheres nas periferias, principalmente com relação às mulheres negras na Cidade Tiradentes. Com o isolamento social, precisei encontrar maneiras de manter minha subsistência e da minha família e tentar seguir a vida dentro do possível. Neste artigo, vou compartilhar minhas experiências e lições durante esse período desafiador.

Como Promotoras Legais Populares (PLP)¹, busquei apoio em um Centro de Defesa e de Convivência da Mulher - Casa Anastásia (CDCM)², espaço que já conhecia desde 2018, mas ao qual tive acesso de forma mais ativa apenas em 2020, durante a pandemia, estabelecendo uma conexão mais profunda com o território onde moro.

A Casa Anastásia é um centro de convivência e defesa da mulher, que tem como objetivo acolher mulheres em situação de violência, oferecendo atendimento psicossocial, orientação e encaminhamento jurídico quando necessário. Sua

* Universidade Federal do ABC (UFABC);

DOI: <https://doi.org/10.36942/dialogossocioambientais.v8i24.1471>

Palavras-chave: COVID-19; mulheres; periferia; Cidade Tiradentes; Cidade de São Paulo

1 Para mais informações sobre as PLPs acesse o link <https://promotoraslegaispopulares.org.br/>

2 Para mais informações acesse o site https://prefeitura.sp.gov.br/web/assistencia_social/w/rede_socio-assistencial/331256

atuação contribui para o fortalecimento dessas mulheres e de seus familiares, com o intuito de romper o ciclo de violência e promover o resgate da cidadania.

Porém, na pandemia, o CDCM viu a necessidade de ofertar atendimento não só a mulheres vítimas de violência, mas a todas as mulheres do território que de alguma maneira tiveram sua vida impactada pela pandemia. Por meio de um trabalho preventivo, foi oferecido um local de acolhimento para todas aquelas que se encontravam num momento de vulnerabilidade.

Construí uma rede de apoio juntamente com outras PLPs e o CDCM no território onde moro, Cidade Tiradentes. A partir desta rede, pude passar pela pandemia transformando o ambiente mais seguro dentro do possível. Através das PLPs, também tive acesso a informações sobre educação, direitos humanos, saúde e recursos que me ajudaram a superar as dificuldades enfrentadas durante o período.

Para nós, mulheres periféricas e principalmente mulheres negras, a pandemia trouxe uma sobrecarga. Muitas de nós, como foi o meu caso, vivíamos em uma tripla jornada de trabalho, nos dividindo entre cuidados com familiares, trabalho doméstico, trabalho remunerado e a busca pela sobrevivência.

De certa forma, para nós pouca coisa mudou. Continuamos a utilizar o transporte público, nos deslocando em média duas horas para o local de trabalho. Não tivemos a opção de fazer um isolamento social adequado e com isso veio inúmeras situações como estresse, ansiedade e depressão.

Nesse momento, foi fundamental essa conexão com o coletivo das PLPs e o CDCM Casa Anastácia, que viabilizou o atendimento psicológico e acesso a outros serviços, que até então estavam restritos ao período pandêmico. Essas redes de apoio foram cruciais na redução de danos, com isso pude comprovar as desigualdades sofridas pela população da periferia nos ensinando a importância da adaptação a situações adversas, sobre ter uma rede de apoio e também sobre resiliência.

O nosso território mostrou a força do trabalho mútuo entre vizinhos e familiares que se ajudaram com alimentos e bens essenciais. A grande lição que ficou foi sobre a importância da solidariedade e de como as mulheres da periferia são capazes de se unir e se apoiarem mutuamente com o intuito de superar qualquer obstáculo.

As desigualdades por nós enfrentadas foram evidenciadas ainda que o poder público tenha fechado os olhos para esses territórios. No entanto, a resiliência e a capacidade de resistir nos permitiu superar esse período, através das nossas próprias estratégias.

Considerações Finais

A pandemia também mostrou a importância do empoderamento e da autonomia das mulheres que precisam ter voz e espaço para tomar decisões sobre suas próprias vidas. É fundamental considerar a perspectiva de gênero ao analisar os impactos da pandemia, pois, as mulheres na periferia enfrentam

desafios específicos que precisam ser abordados (Vella, et al, 2025).

A pandemia destacou as necessidades de políticas públicas que atendam às necessidades específicas das mulheres na periferia, incluindo acesso a serviços de saúde, educação e apoio econômico. Ao reconstruir e recuperar após a pandemia devemos priorizar as necessidades e direitos das mulheres garantido que não nos deixem para trás nos processos de tomada de decisões.

Agradecimentos: O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processo nº 2021/07554-8, 2024/14728-0.

Referências

VELLA, L. U.; MOMM, S.; BEZERRA SILVA, A.; FISCHER, L. N. C.; MACHADO, G. A. Pressupostos e estratégias utilizados no projeto ICOLMA sobre o impacto da pandemia na mobilidade e modos de vida da cidade de São Paulo: uma perspectiva feminista de pesquisa. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, XXI., 2025, Campina Grande. Anais [...]. Campina Grande: Realize Editora, 2025. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/122565>



COVID-19 pandemic and the experiences of black women in the periphery



Aline Bezerra Silva

Resumo: This text explores the experiences of black women living in Cidade Tiradentes (east side of São Paulo) during the COVID-19 pandemic, highlighting the difficulties they faced and the importance of solidarity and resilience. The text points to the overload of work, the impossibility of adequate social isolation, and the impacts on physical and mental health. In conclusion, the text emphasizes the importance of solidarity, resilience, and autonomy of peripheral women in Cidade Tiradentes, as well as the urgency of public policies that consider gender perspectives in the post-pandemic reconstruction.

Introduction

During the COVID-19 pandemic, in addition to appreciating the small things in life, I came to recognize the differences and challenges faced by women in the peripheries, especially Black women in Cidade Tiradentes. With social isolation, I had to find ways to maintain my own and my family's livelihood and to keep life going as much as possible. In this article, I share my experiences and lessons during this challenging period.

As a Popular Legal Promoters (PLP), I sought support from a Women's Defense and Community Center Casa Anastásia (CDCM), a space I had known since 2018 but only began accessing more actively in 2020, during the pandemic, establishing a deeper connection with the community where I live.

Casa Anastásia is a community and defense center for women, aimed at supporting women in situations of violence by providing psychosocial assistance, guidance, and legal referrals when necessary. Its work contributes to the empowerment of these women and their families, seeking to break cycles of violence and promote citizenship.

However, during the pandemic, the CDCM recognized the need to provide services not only to women victims of violence but to all women in the community whose lives had been impacted by the pandemic. Through preventive work, it offered a place of support for those experiencing vulnerability.

* Universidade Federal do ABC (UFABC)

DOI: <https://doi.org/10.36942/dialogossocioambientais.v8i24.1471>

Keywords: COVID-19; women; periphery; Cidade Tiradentes; São Paulo.

Together with other PLPs and the CDCM in Cidade Tiradentes, I built a support network that allowed me to navigate the pandemic while making the environment as safe as possible. Through the PLPs, I also gained access to information on education, human rights, health, and resources that helped me overcome the difficulties faced during this period.

For us, women from the periphery, and especially black women, the pandemic brought an overwhelming burden. Many of us, as in my case, lived through a triple workday, dividing ourselves between family care, domestic work, paid work, and the struggle for survival.

In some ways, little changed for us. We continued to rely on public transportation, commuting an average of two hours to our workplaces. We did not have the option of proper social isolation, which led to countless consequences such as stress, anxiety, and depression.

At that moment, the connection with the PLP collective and CDCM Casa Anastásia was crucial, making psychological care and access to other services possible, which until then had been restricted during the pandemic. These support networks were essential for harm reduction. I was able to clearly perceive the inequalities faced by the peripheral population, teaching us the importance of adapting to adverse situations, of having a support network, and of resilience.

Our community demonstrated the strength of mutual work among neighbors and families, who supported one another with food and essential goods. The greatest lesson was the importance of solidarity and how women in the periphery are capable of uniting and supporting each other to overcome any obstacle.

The inequalities we faced were made even more evident as public authorities turned a blind eye to these territories. Nonetheless, resilience and the ability to resist enabled us to overcome this period through our own strategies.

Final Considerations

The pandemic also showed the importance of women's empowerment and autonomy, ensuring they have a voice and space to make decisions about their own lives. It is crucial to consider gender perspectives when analyzing the impacts of the pandemic, as women in the periphery face specific challenges that need to be addressed (Vella, et al, 2025).

The pandemic highlighted the urgent need for public policies that respond to the specific needs of women in the periphery, including access to healthcare, education, and economic support. In rebuilding and recovering after the pandemic, we must prioritize the needs and rights of women, ensuring that we are not left behind in decision-making processes.

Acknowledgments: This study was financed, in part, by the São Paulo Research Foundation (FAPESP), Brasil. Process Number 2021/07554-8, 2024/14728-0.

References

VELLA, L. U.; MOMM, S.; BEZERRA SILVA, A.; FISCHER, L. N. C.; MACHADO, G. A. Pressupostos e estratégias utilizados no projeto ICOLMA sobre o impacto da pandemia na mobilidade e modos de vida da cidade de São Paulo: uma perspectiva feminista de pesquisa. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, XXI., 2025, Campina Grande. Anais [...]. Campina Grande: Realize Editora, 2025. Available from: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/122565>. Access in: 21 ago. 2025.





AR
TES

Subjetividade na arte de quem pesquisa

As pessoas pesquisadoras do projeto foram convidadas a apresentar trabalhos produzidos durante a pandemia, por meio de fotos, desenhos, textos ou qualquer outro meio.

Retratos-linha do tempo de um isolamento



San Momm*

Em uma tarde, 13 de março de 2020, uma sexta-feira, estávamos no Laboratório de Planejamento - LaPlan¹ encerrando algumas atividades quando a Universidade Federal do ABC - UFABC suspendeu as atividades por uma semana². Fechando o laboratório naquele final de tarde, até o dia anterior tínhamos tido reuniões e relatos de infecção pelo (ou suspeita de) vírus por diversas pessoas, não tínhamos ideia do que viria a acontecer. Na semana seguinte foi necessário voltar ao Laboratório para buscar materiais e equipamentos, a universidade, as ruas, já estavam vazias³. Os dias se converteram em semanas e meses. A rotina foi mudando lentamente e profundamente. A incerteza, surpresa, apreensão foi tomando o lugar da rotina. A vida no confinamento e online foi se tornando rotina.

* Universidade Federal do ABC (UFABC)

1 <https://laplan.pesquisa.ufabc.edu.br/>

2 <https://www.ufabc.edu.br/administracao/reitoria/noticias/suspensao-das-atividades-na-ufabc>

3 ver seção de Conjuntura desta edição

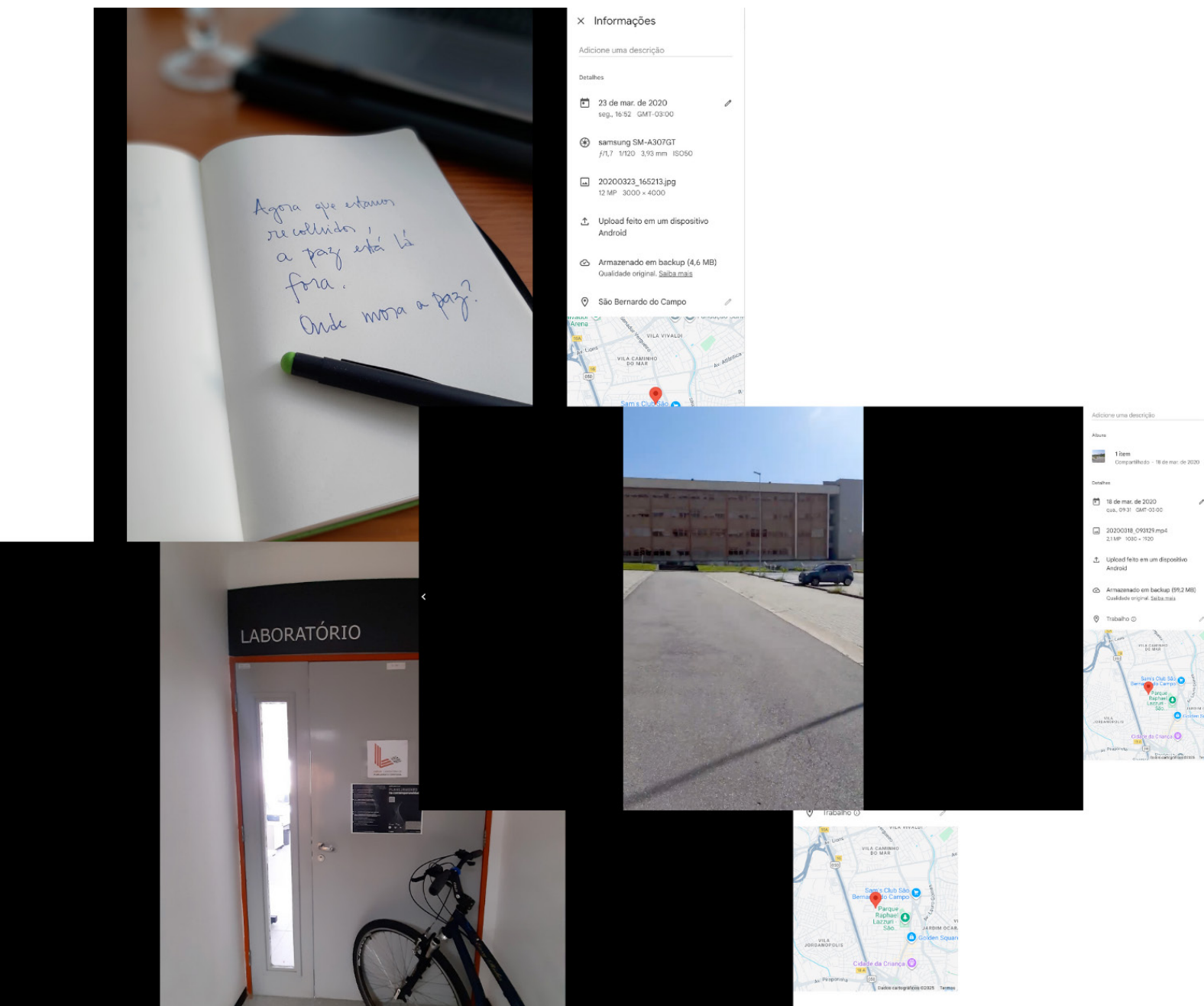


Figura 1. Retratos-linha do tempo de um isolamento

Link para o vídeo: <https://www.youtube.com/shorts/k2ym1CCWI0g> (link open to the public on 12/08)

Subjectivity in the art of those who research

The researchers of the project were invited to present works produced during the pandemic, through photos, drawings, writing, or any other medium.

Timeline Portraits of an Isolation



San Momm*

On the afternoon of March 13, 2020, a Friday, we were at the Planning Laboratory - LaPlan¹ finishing some activities when the Federal University of ABC (UFABC) suspended activities for a week². Closing the laboratory that late afternoon, until the day before we had been holding meetings and hearing reports of infection (or suspected infection) by the virus from several people, and we had no idea what was about to happen. The following week it was necessary to return to the Laboratory to collect materials and equipment, and the university, the streets, were already empty.³ Days turned into weeks and months. The routine was slowly and profoundly changing. Uncertainty, surprise, apprehension were taking the place of routine. Life in confinement and online was becoming the routine.

* Universidade Federal do ABC (UFABC)

DOI: <https://doi.org/10.36942/dialogossocioambientais.v8i24.1481>

1 <https://laplan.pesquisa.ufabc.edu.br/>

2 <https://www.ufabc.edu.br/administracao/reitoria/noticias/suspensao-das-atividades-na-ufabc>

3 see the Conjecture section of this issue

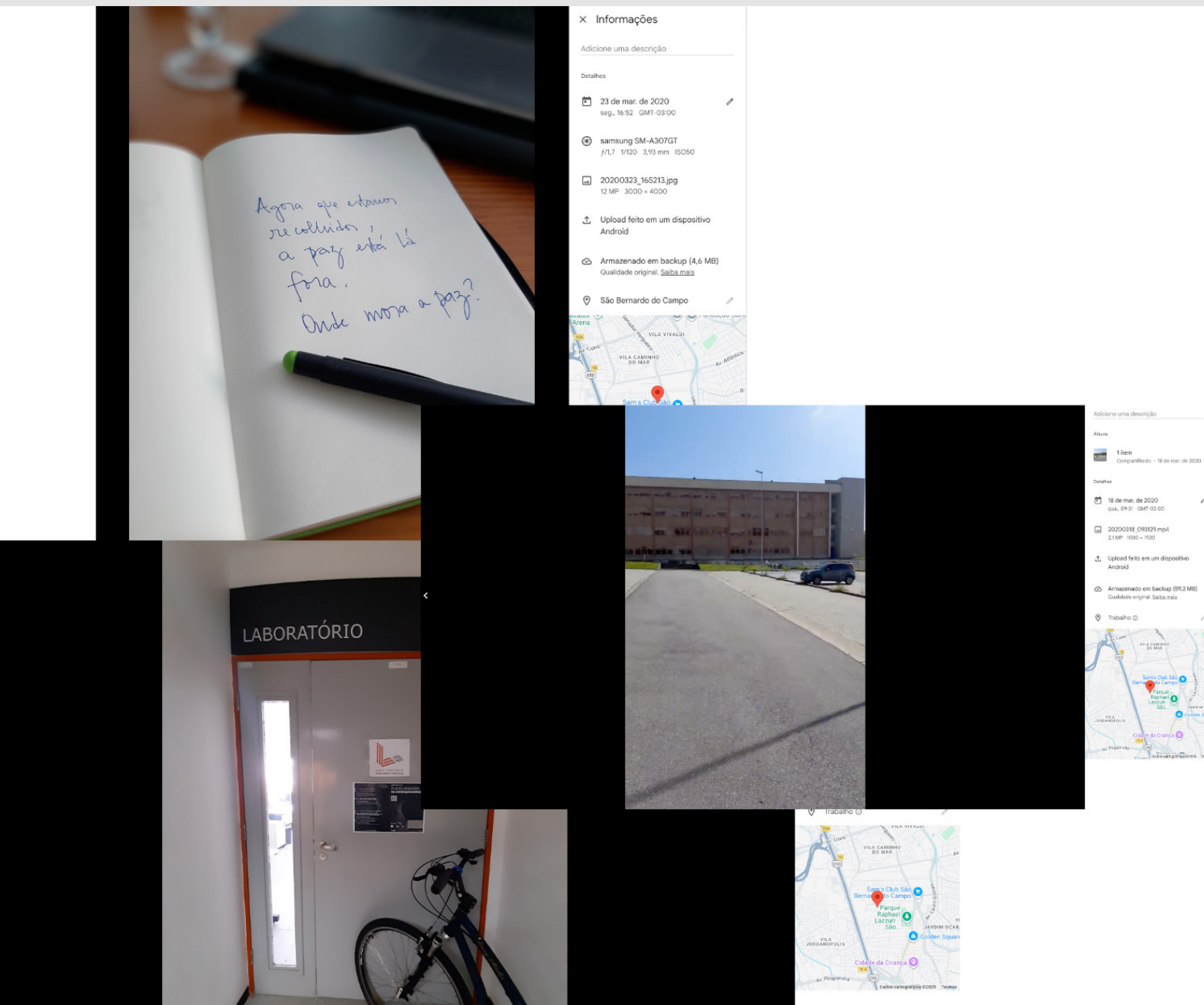


Figure 1. Timeline Portraits of an Isolation

Link to video: <https://www.youtube.com/shorts/k2ym1CCWI0g> (link open to the public on 12/08)

Auto escrita



Gabriel Machado*

A pandemia de COVID-19 rompe o fôlego de pelo menos quinze milhões de respirantes. De repente, o sentido passa a conceder importância ao invisível. Em tempos de inegável afeição pela produção cultural, a imagem me ensina: o invisível, muitas vezes, carrega mais poder de mobilização que o material — não acha? Talvez eu me comova com o Domingo de Ramos. Outro instante que exalta o indivíduo como centro da fabricação da verdade. A figura de alguém que atravessa multidões, recebendo ramos para marcar seu caminho antropogênico. Qual caminho devemos seguir? Acredito que o atual clima de inquietude do mundo possa ser um presente. Afinal, ainda não compreendemos plenamente o que significa ficar sem ar. Há algo a ser feito, em meio a tudo isso. O sol já não se vê. A escuridão lentamente se instala. O corpo se aclimata. A produção do ar torna-se mais densa. Já posso sintonizar com o propósito da escrita. O isolamento, neste mundo hiperconectado, é um facto com o qual precisamos lidar. A partir de agora, é como assistir a um filme em um cinema mexicano. Antes de cada sessão, o aviso: “Em caso de terremotos, não entre em pânico. Este cinema está preparado para tremores. Siga as luzes, mantenha a calma e procure um ponto seguro de encontro.” E assim começa o seu momento de lazer. A poesia, por sua vez, não oferece tal aviso. A poesia é crua. Não acena antes de atravessar. É ousada, meu amigo. Talvez faça parte da sua necessidade... ou talvez exista para manter unidas as partes. Ela desloca o fluxo da continuidade com ou sem seu consentimento, muitas vezes sem necessidade. Assusto-me com minha capacidade de compreender problemas e ainda assim torná-los companheiros de viagem. Assusto-me — e me assombro — com a mistura de força e intensidade em uma relação que, neste momento, fere mais do que cura. Assusto-me com a frustração de uma amizade sem conflito, reproduzindo valores que levei anos para desaprender. Assusto-me com a facilidade com que me deixo absorver pela dominação. Assusto-me por ser dominado, encurralado, convocado — e ainda assim oferecer minha atenção, minha escuta, minha submissão — com a leveza de quem carrega apenas um punhado de fatos sobre quem sou e por onde andei. Assusto-me como um grão de centeio lançado ao solo arado pelo vento. Assusto-me com o impulso de afirmar, de

* Universidade Federal do ABC (UFABC)

me dedicar a uma relação que, mesmo enquanto me envolve, me estrangula e me ergue a alturas aéreas. Assusto-me por ser tudo isso com meu feixe de responsabilidades afetivas. Assusto-me por ser enganado. Por ser colocado em sacrilégio, na devoção constante de alguém que pode ser facilmente dividido, indexado, trocado por moeda. Assusto-me por me contentar com essa travessia, onde apenas eu falo a língua. E gostei disso. E assim, com ritmo, com reza e um colar no pescoço, a poesia toca o osso. Na sociedade da poesia, o rosto é familiar — como o estilhaço do passado quando ousa se mostrar. A emoção, afinal, era um estado mental. Essas descobertas tornam claro: nosso conhecimento é profundamente moldado pela experiência. Estados emocionais do cérebro podem persistir no tempo. Ao longo da vida, talvez venhamos a conhecer múltiplas existências. E, por fim, as retiradas. De fato, esse é o caminho mais comum. Poucos, porém, têm a chance de vestir outra pele — a **dissidência**.

Self writing



Gabriel Machado*

April 5, 2020. The COVID-19 pandemic ruptures with at least 15 million breathers. Suddenly, meaning begins to grant importance to the invisible. In times of undeniable affection for cultural production, image teaches me: the invisible often holds more mobilizing power than the material - don't you think? Perhaps I'm moved by Palm Sunday. Another moment that exalts the individual as a center of truth-making. The figure of someone crossing crowds, offered branches to mark their anthropogenic path. What path should we take? I believe the world's current climate of worry may be a gift. After all, we haven't yet fully experienced what it means to be without air. There is something to be done amidst all of this. The sun is no longer visible. Darkness slowly takes hold. The body acclimates. Air production becomes denser. I can already tune in to the purpose of writing. Isolation, in this hyper-connected world, is a fact we must reckon with. From now on, it's like watching a film in a Mexican cinema. Before every screening, a warning: "In case of earthquakes, do not panic. This theater is prepared for tremors. Follow the lights, stay calm, and look for a safe meeting point." And so begins your moment of leisure. Poetry, on the other hand, offers no such warning. Poetry is raw. It doesn't wave before it cuts through you. It's bold, my friend. Maybe it's part of your need - or perhaps, it's needed in order to hold the parts together. It displaces the flow of continuity with or without your consent, often unnecessarily. I am startled by my ability to understand problems and yet make them my travel companions. I am startled -and haunted -by my blend of force and intensity within a relationship that, in this moment, hurts more than it heals. I am startled by the frustration of a friendship without conflict, reproducing values I spent years learning to unlearn. I am startled by how easily I am absorbed by domination. I am startled by being dominated, beaten, cornered, summoned - and still offering my attention, my listening, my submission - with the ease of someone who holds just a handful of facts about who I am and where I've been. I am startled like a grain of rye cast into plowed soil by the wind. I am startled by my urge to affirm, to devote myself to a relationship that, even as it engages me, strangles me and presses me into aerial heights. I am startled by being all of this -a queer in formation- with my bundle of affective

* Universidade Federal do ABC (UFABC)

responsibilities. I am startled by being deceived. By being placed in sacrilege, in the constant devotion of someone who can be so easily divided, indexed, and traded for coin. I am startled that I'm content with this journey, where I'm the only one who speaks the language. And I liked it. And so, with rhythm, with prayer, and a necklace around my neck, poetry hits bone. In the society of poetry, its face is familiar-like the shattering of the past when it dares to show itself. Emotion, after all, was a mental state. These discoveries make it clear: our knowledge is deeply shaped by prior experience. Emotional brain states can persist over time. Throughout life, we may come to know multiple existences. And eventually, withdrawals. In fact, that's the more common path. Few, however, ever get the chance to wear another skin - **dissidence**.

Retratos de um bordar coletivo

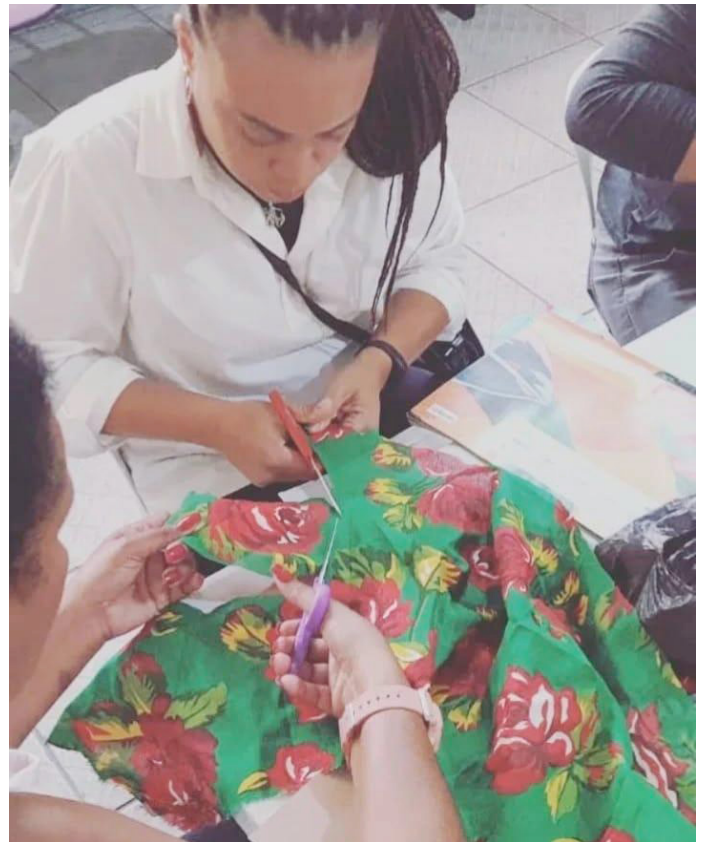
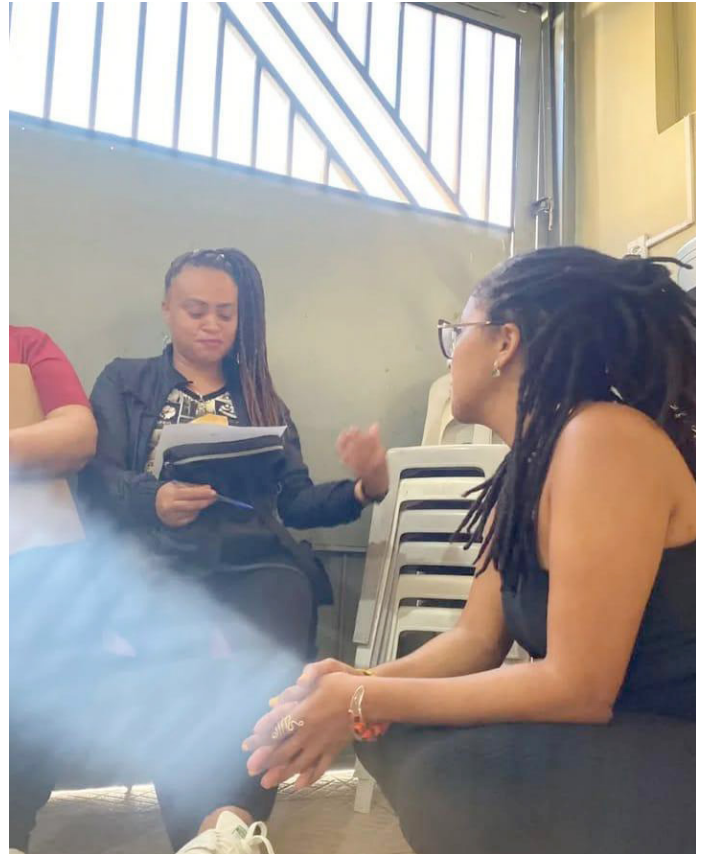


Aline Bezerra Silva*

Durante a pandemia muitas pessoas se viram isoladas e sem saber como lidar com o tempo livre. Neste contexto surgiu a oportunidade de participar da oficina de bordado ofertada pelo Centro de Defesa e de Convivência da Mulher (CDCM) Casa Anastasia com o objetivo de oferecer um espaço para que pudéssemos expressar a criatividade e nos conectar umas com as outras. O bordado se tornou uma forma de terapia criativa e uma maneira de desenvolver habilidades manuais e de concentração, permitindo compartilhar experiências e servindo também como um espaço de apoio emocional onde nos sentimos ouvidas e compreendidas. A oficina foi uma ferramenta fundamental para nosso bem-estar naquele momento.

* Universidade Federal do ABC (UFABC)





Portraits of a Collective Embroidery

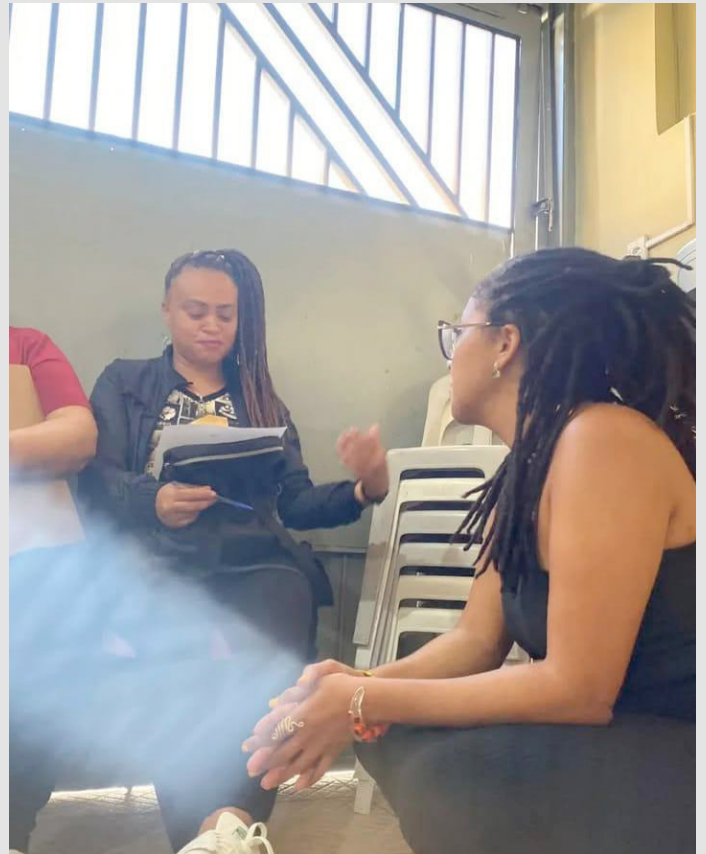


Aline Bezerra Silva*

During the pandemic, many people found themselves isolated and not knowing how to deal with their free time. In this context, the opportunity arose to participate in the embroidery workshop offered by Center for the Defense and Social Support of Women (CDCM) Casa Anastasia, with the aim of providing a space where we could express creativity and connect with one another. Embroidery became a form of creative therapy and a way to develop manual skills and concentration, allowing us to share experiences and also serving as a space of emotional support where we felt heard and understood. The workshop was a fundamental tool for our well-being at that moment.

* Universidade Federal do ABC (UFABC)





Perto, de longe



Tanja Schnitfinke*

Esses desenhos digitais foram criados durante o lockdown da COVID-19, em um período em que encontrar amigos não era possível. Eles retratam momentos comuns de conexão e amizade - manhãs acolhedoras em um banco tomando café, braços apoiados sobre ombros e caminhando lado a lado - que pareciam inalcançáveis durante o isolamento. Baseadas em fotografias reais, as imagens foram ilustradas digitalmente à mão, simplificando formas e cores, e posteriormente compartilhadas com amigas para lembrá-las do que voltaria a ser.

* TU Dortmund



Close, from afar



Tanja Schnitfinke*

These digital drawings were created during the COVID-19 lockdown, at a time when meeting friends wasn't possible. They depict ordinary moments of connection and friendship - warm mornings on a bench sipping coffee, arms slung over shoulders and walking side by side - that felt out of reach during isolation. Based on real-life photographs, the images were digitally illustrated by hand, simplifying shapes and colors and later shared with friends to remind them of what would be again.

* TU Dortmund



Representação em Legos



Bradley Rink*

* University of the Western Cape

A miniatura foi feita para mim durante o lockdown pela minha colega da Faculdade de Artes e Humanidades, Dra. Jacolien Volschenk. Ela surgiu após minha participação em uma sessão online intitulada “Você está aí, estudante?” Criando presença em aula online” e representa o desafio de encontrar e representar minha identidade online no contexto de ensino, aprendizagem e pesquisa que se moveram inteiramente para o ambiente virtual durante o confinamento.

A miniatura me representa de uma forma estranhamente precisa. Como Jacolien observou em nossa comunicação por e-mail: “...o pequeno chapéu inclinado simplesmente pareceu certo, mas não sei se você realmente usa chapéus assim! Espero que sim.” De fato, eu uso esse tipo de chapéu e, assim como a figura, também me senti fixo no lugar, limitado como a figura sobre a plataforma.



Self-assembling Legos



Bradley Rink*

The minifigure was made for me during lockdown by my colleague in the Faculty of Arts & Humanities, Dr Jacolien Volschenk. It followed my participation in an online session entitled “Are you there, students?” Creating presence in the online tutorial” and represents the challenge of finding and representing my online identity in the context of learning, teaching and research that moved entirely online during lockdown. The minifigure represents me in an uncanny way. As Jacolien noted in our email communication, “...the jaunty little hat just seemed right, but I don’t know if you actually wear hats like that! I hope you do.” In fact, I do wear such a hat, and like the figure I also felt fixed in place, constrained like the figure on the platform.

* University of the Western Cape



floresta:brincar



Sophie Schramm*

As crianças ocupam cada vez menos os espaços públicos nas cidades da Alemanha e da Europa. Fatores como a proliferação de parques infantis como locais designados para atividades ao ar livre, a diminuição da proporção de crianças nas populações urbanas da Alemanha e da Europa, as mudanças nas percepções de segurança e adequação, bem como as ofertas cada vez mais diversificadas e atraentes de aprendizado e brincadeiras virtuais, contribuem para que menos (e menos) crianças passem tempo nas ruas e áreas verdes das cidades sem a companhia de adultos. No momento da pandemia, as crianças passaram a ser amplamente enquadradas como portadoras do vírus da COVID-19, e as medidas relacionadas concentraram-se em conter seus movimentos e seu contato com outros adultos ou crianças.

Nas cidades alemãs, nas semanas iniciais e altamente incertas da pandemia, os parques infantis ao ar livre foram interditados para evitar a disseminação da doença por meio do contato próximo entre crianças durante suas brincadeiras. Mais tarde, quando se constatou que o contato ao ar livre, se não muito próximo, era pouco provável de espalhar o vírus, os responsáveis pelas decisões admitiram que essa medida provavelmente não havia sido produtiva, especialmente porque limitava ainda mais as já escassas possibilidades de as crianças aprenderem ou brincarem, em razão do fechamento de escolas e creches. Na Alemanha, tornou-se amplamente reconhecido que as crianças suportaram o peso das restrições da pandemia, já que escolas e creches permaneceram fechadas por um longo período. Suas restrições, pode-se argumentar, serviram principalmente à proteção de adultos e idosos. Vozes críticas mencionando os problemas de saúde mental das crianças e adolescentes e outros custos de longo prazo do acesso extremamente limitado à educação e às redes sociais só foram ouvidas no período posterior à pandemia.

Ainda assim, em vez de focar nas consequências adversas da pandemia de COVID-19 e das medidas relacionadas (independentemente de terem sido consideradas adequadas ou não), esta contribuição destaca a possibilidade de surgirem espaços de criatividade e apropriação quando as rotinas cotidianas são interrompidas e as atividades, restringidas. Quando a creche de nossos filhos fechou em fevereiro de 2020 e encontramos os parques infantis interditados, já não conseguindo permanecer em nosso apartamento, nossos

* TU Dortmund

passeios de bicicleta pela cidade nos levaram à floresta nas bordas urbanas. Entramos na floresta e, em pouco tempo, nossas crianças começaram a construir estruturas com troncos e galhos das árvores ao redor. Ao prender galhos maiores nos troncos e galhos menores nos maiores, construíram uma estrutura semelhante a uma tenda (Figura 1).

A uma certa distância, vimos outros grupos de crianças e adultos passando tempo na floresta, brincando com lama, folhas, galhos e árvores, alguns deles construindo estruturas mais ou menos elaboradas. Uma curta caminhada pelas florestas próximas de Dortmund, a cidade onde vivemos atualmente, revela várias estruturas semelhantes, às vezes bastante grandes e complexas, por vezes desocupadas, por vezes ocupadas por grupos de crianças (Figuras 2 a 4).

A COVID-19, com as medidas restritivas que desencadeou, acelerou esse brincar na floresta. Apesar dos muitos impactos nocivos da pandemia, especialmente sobre crianças e adolescentes, essas estruturas nos lembram que mesmo momentos precários podem conter potencial para a criatividade, o brincar e novas formas de apropriação dos espaços (urbanos) - por crianças e adultos igualmente - para além daqueles explicitamente designados para um determinado grupo ou atividade.

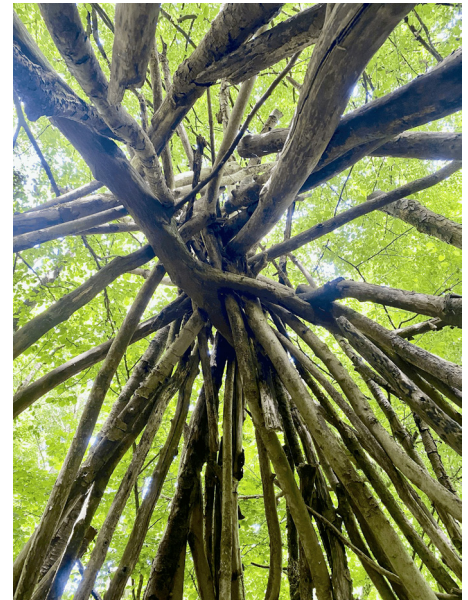
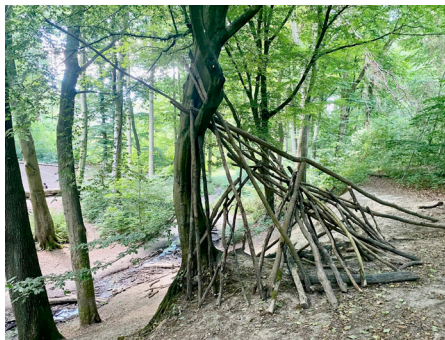


Figura 1. Estrutura em árvore criada pelos meus filhos em fevereiro de 2020

Figura 2. Estrutura em árvore em Dortmund

Figura 3. Estrutura em árvore em Dortmund

Figura 4. Detalhe da estrutura em árvore em Dortmund

forest:play



Sophie Schramm*

Children occupy less and less public spaces in cities across Germany and Europe. Factors such as the proliferation of playgrounds as designated places for children's outdoor activities, the shrinking share of children in urban populations across Germany and Europe, changing perceptions of safety and appropriateness, as well as ever more differentiated and attractive offers for virtual learning and play, all contribute to less and less (unaccompanied) children spending time in the streets and green spaces of cities. In the pandemic moment, children came to be framed largely as carriers of the COVID-19 virus and related measures centered around containing children's movement as well as their contact with other adults or children.

In German cities, in the highly uncertain early weeks of the pandemic, open air playgrounds were sealed off in order to prevent the disease from spreading through children engaging in close contact as part of their playground activities. Later on, as it emerged that open air contact, if not too close, is rather unlikely to spread the virus, decision makers admitted that this measure was probably not productive, particularly because it further limited the already much restricted possibilities for children to engage in learning or playing due to closed down schools and kindergartens. In Germany it has become widely acknowledged that children bore the brunt of pandemic restrictions, as schools and kindergartens remained closed for a very long period. Their restriction arguably mostly served the protection of adults and the elderly. Critical voices mentioning children's and adolescents' mental health problems and other long term costs of extremely limited access to education and social networks were heard only in the aftermath of the pandemic.

Nevertheless, rather than focusing on the adverse consequences of the COVID-19 pandemic and related measures (whether these measures came to be regarded as appropriate or not) this contribution foregrounds the possibility of spaces for creativity and appropriation to emerge when everyday routines are disrupted and activities are restricted. When our children's kindergarten closed in February 2020 and we found playgrounds sealed off as we were no longer able to stay in our flat, our cycling tours through the city brought us to the forest at the city's edges. We walked into the forest and soon our children started building structures with trunks and

* TU Dortmund

branches of the surrounding trees. By attaching larger branches to trunks and smaller branches to the larger branches they constructed a tent-like structure. (Figure 1)

In some distance, we saw other groups of children and adults spending time in the forest, playing with mud, leaves, branches and trees, some of them constructing more or less elaborate structures. A short walk through the forests adjacent to Dortmund, the city we now live in brings into view several similar, at times quite large and elaborate wooden structures sometimes vacant, sometimes populated by groups of children. (Figures 2 to 4)

SARS COVID-19, with the restrictive measures it triggered, has accelerated this forest:play. Despite the pandemic's many harmful impacts especially on children and adolescents, these structures remind us that also precarious moments might carry the potential for creativity, play and new appropriations of (urban) spaces - by children and adults alike - beyond those explicitly designated for a certain group or activity.

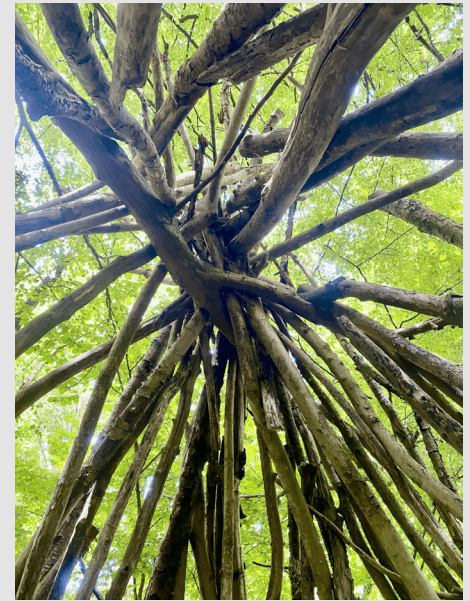


Figure 1. Tree structure by my sons in February 2020.

Figure 2. Tree structure in Dortmund.

Figure 3. Tree structure in Dortmund.

Figure 4. Tree structure detail in Dortmund.

editores

PEDRO ROBERTO JACOBI

Professor Titular Sênior do Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental da Universidade de São Paulo (PROCAM/IEE/USP). Coordenador do Grupo de Pesquisa Meio Ambiente e Sociedade do Instituto de Estudos Avançados da USP (IEA) e editor da Revista Ambiente e Sociedade. Presidente do Conselho do ICLEI – Governos Locais pela Sustentabilidade – América do Sul. Coordenador de sub-projeto de pesquisa no InCLINE.

LUCIANA TRAVASSOS

Professora adjunta da Universidade Federal do ABC (UFABC), no Bacharelado em Planejamento Territorial e na Pós-graduação em Planejamento e Gestão do Território. Pesquisadora do LaPlan. É arquiteta urbanista (FAU-USP) e doutora em Ciência Ambiental (PROCAM-USP).

PAULO DE ALMEIDA SINISGALLI

Professor Associado da Universidade de São Paulo. Graduado em Engenharia Civil e Sanitária pelo Instituto Mauá de Tecnologia, é mestre em Ciência Ambiental pelo PROCAM-USP, doutor em Economia Aplicada pela UNICAMP, pós-doutor pela Universidade de Wageningen e livre docente pela USP. Possui pós-graduação pela Universidade Técnica de Dresden - Alemanha. É docente nos programas de pós-graduação em Ciência Ambiental e Modelagem de Sistemas Complexos, na USP. Atua nas áreas de Economia Ecológica e Gestão de Recursos Hídricos.

SANDRA MOMM

Professora associada da Universidade Federal do ABC, no Programa de Mestrado e Doutorado em Planejamento e Gestão do Território e no Global SPRING Network, rede de parceiros do mestrado internacional. Atua no campo do planejamento territorial com interface com mudanças climáticas, recursos hídricos, áreas protegidas. Atualmente interessada em temas relacionados com teorias, sistemas e práticas de planejamento, gênero e planejamento, transições e soluções baseadas na natureza e análises comparativas. É arquiteta urbanista (UFSC), mestre em Eng. Ambiental (FURB), doutora pelo PROCAM-USP e pós-doutora pela Technical University of Dortmund - Alemanha (2019).

SILVANA ZIONI

Professora Associada no Centro de Engenharia, Modelagem e Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do ABC (UFABC), atua nos Bacharelados de Ciências e Humanidades e de Planejamento Territorial e no programa de Pós-Graduação em Planejamento e Gestão do Território. Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo (USP), Mestrado em Estruturas Espaciais Urbanas (USP) e Doutorado em Planejamento Urbano e Regional (USP). Foi também professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

ANDRÉ PASTI

Professor de Planejamento Territorial e Ciências Humanas na UFABC. Doutor em Geografia Humana pela USP, geógrafo e mestre em Geografia pela Unicamp. Integrante do Intervejos. Participa da Rede Latino-Americana de Estudos sobre Vigilância, Tecnologia e Sociedade (Lavits). Lidera o TERRITORIAL – Grupo de Pesquisa Território Praticado, Conjuntura e Tecnopolítica na América Latina. É pesquisador associado do CEFANELA - Centro de Estudos da Favela.

editores assistentes

IGOR MATHEUS SANTANA-CHAVES

É Arquiteto e Urbanista, Mestre e Doutorando em Planejamento e Gestão do Território pela UFABC. É pesquisador do Laboratório de Planejamento Territorial (LabPlan). Foi pesquisador do temático MacroAmb (FAPESP), Pesquisador Colaborador do Projeto GovernÁgua - SARAS Institute - Inter-American Institute for Global Change Research.

HUGO DA SILVA CARLOS

Bibliotecário e coordenador do Sistema de Bibliotecas da UFABC. Atua com desenvolvimento de coleções, serviço de referência e formação de usuários. Possui experiência na gestão de iniciativas de comunicação acadêmica, como Repositórios acadêmicos e coordena o Portal de Periódicos da UFABC.

LYVIA CIRQUEIRA

Mestranda em Planejamento e Gestão do Território (PGT) na UFABC, com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação - CAPES, graduada em Engenharia Ambiental e Urbana pela mesma universidade. Compõe o grupo de pesquisa que avalia os Impactos da COVID-19 nos modos de vida, mobilidade e acessibilidade dos grupos marginalizados (ICOLMA) no âmbito do PGT/UFABC, em parceria com os departamentos de planejamento territorial das Universidades de Cape Town, na África do Sul e Universidade de TU Dortmund, na Alemanha.

NATÁLIA TEIXEIRA NEVES

Graduada em Ciências Biológicas e Ciência e Tecnologia pela UFABC. Realiza iniciação científica com macroalgas: catalogação e identificação de espécies do litoral de São Paulo. É integrante do Movimento de Mulheres Olga Benário da UFABC.

MARCELO AVERSA

Desenvolve pesquisas em análise de políticas ambientais e de saneamento básico, dentro da área de planejamento urbano regional e de políticas públicas, com foco nos processos de macrometropolização da água, pelas perspectivas teóricas do Institucionalismo Histórico, da Ecologia Política e da Análise Crítico Discursiva Foucaultiana. É pós-doutorando do Programa de Ciências Ambientais do Instituto de Energia e Meio Ambiente da Universidade de São Paulo. É formado em direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, especialista em Direito Constitucional pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, mestre e doutor em Planejamento e Gestão do Território pela Universidade Federal do ABC.

BEATRIZ MILZ

É pesquisadora de pós-doutorado na Universidade Federal do ABC (UFABC), Brasil. Realizou a graduação em Gestão Ambiental na Universidade de São Paulo (SP) (2015), mestrado em Análise Ambiental Integrada na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)/Diadema (2018), e Doutorado em Ciência Ambiental na USP (2024). É natural de Diadema-SP. Atualmente faz parte do projeto de pesquisa "ICOLMA": Impacto da COVID-19 no modo de vida, mobilidade e acessibilidade dos grupos marginalizados, que inclui pesquisadoras do Brasil, Alemanha e África do Sul, e tem o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

QUEM FEZ ESSA EDIÇÃO?

ISABELA MORAIS RODRIGUES

Isabela Moraes Rodrigues - Discente de Relações Internacionais e Ciência e Humanidades, pesquisadora voluntária da OPEB no grupo temático de Migrações. É integrante da Enactus, entidade de empreendedorismo social da UFABC.

ANA FLAVIA CAMARGO

Discente do Bacharelado em Ciências e Humanidades da UFABC, cursou Etec Praia Grande.

diagramação

JULIA LUZ SALDANHA

Arquiteta Urbanista pela Escola da cidade mestra em Arte contemporânea pela Universidade Federal Fluminense (UFF). É artista, designer, diretora de arte. Professora na Escola de artes visuais do Parque Lage (RJ).

editores convidados

SANDRA MOMM

Professora associada da Universidade Federal do ABC, no Programa de Mestrado e Doutorado em Planejamento e Gestão do Território e no Global SPRING Network, rede de parceiros do mestrado internacional. Atua no campo do planejamento territorial com interface com mudanças climáticas, recursos hídricos, áreas protegidas. Atualmente interessada em temas relacionados com teorias, sistemas e práticas de planejamento, gênero e planejamento, transições e soluções baseadas na natureza e análises comparativas. É arquiteta urbanista (UFSC), mestre em Eng. Ambiental (FURB), doutora pelo PROCAM-USP e pós-doutora pela Technical University of Dortmund - Alemanha (2019)

BEATRIZ MILZ

É pesquisadora de pós-doutorado na Universidade Federal do ABC (UFABC), Brasil. Realizou a graduação em Gestão Ambiental na Universidade de São Paulo (SP) (2015), mestrado em Análise Ambiental Integrada na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)/Diadema (2018), e Doutorado em Ciência Ambiental na USP (2024). É natural de Diadema-SP. Atualmente faz parte do projeto de pesquisa "ICOLMA": Impacto da COVID-19 no modo de vida, mobilidade e acessibilidade dos grupos marginalizados, que inclui pesquisadoras do Brasil, Alemanha e África do Sul, e tem o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

GABRIEL MACHADO

Possui graduação em Ciências e Humanidades, Planejamento Territorial e Filosofia pela UFABC, onde atualmente é mestrando no programa de Planejamento e Gestão do Território (PGT). Pesquisador do projeto ICOLMA/TAP-FAPESP, dedicado aos impactos da COVID-19 sobre mobilidade e modos de vida de grupos marginalizados. Atua em pesquisas nacionais e internacionais (UFABC, USP, UNAM, UAEM, USF, TU Dortmund, UCT e UWT), com ênfase em métodos de geoinformação aplicados ao planejamento territorial. Também desenvolve estudos em filosofia política contemporânea e epistemologia ambiental.

autores

ALINE BEZERRA SILVA

Pesquisadora do projeto FAPESP ICOLMA: Impacto da COVID-19 no modo de vida, mobilidade e acessibilidade dos grupos marginalizados. Foi bolsista de Treinamento Técnico nível 3 FAPESP. Pesquisadora do Laboratório de Planejamento Territorial (LaPlan) da Universidade Federal do ABC. Especialista em Educação Arte e Cultura Afro-brasileira na Educação (2019) pela Faculdade Casa Branca (Facab). Especialista em Educação em Direitos Humanos pela UFABC (2025). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de São Paulo (2015). Mestrando em Planejamento Gestão do Território (UFABC). Professora de ensino fundamental na educação básica no município de São Paulo.

ANA LIA LEONEL

Ana Lia Leonel é bacharel em Ciências Sociais (UFSCar, 2009), mestre (2015) e doutora (2024) em Planejamento e Gestão do Território (UFABC), na linha de pesquisa Políticas e Instrumentos de Planejamento e Gestão do Território. Integra o Laboratório de Planejamento Territorial (LaPlan) e os grupos de pesquisa credenciados pelo CNPq "Campo do planejamento territorial" e "Território e Natureza". Seus temas de pesquisa incluem planejamento territorial e ambiental, teorias do planejamento, métodos e técnicas, justiça ambiental e mudanças climáticas.

BEATRIZ MILZ

É pesquisadora de pós-doutorado na Universidade Federal do ABC (UFABC), Brasil. Realizou a graduação em Gestão Ambiental na Universidade de São Paulo (SP) (2015), mestrado em Análise Ambiental Integrada na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)/Diadema (2018), e Doutorado em Ciência Ambiental na USP (2024). É natural de Diadema-SP. Atualmente faz parte do projeto de pesquisa "ICOLMA": Impacto da COVID-19 no modo de vida, mobilidade e acessibilidade dos grupos marginalizados, que inclui pesquisadoras do Brasil, Alemanha e África do Sul, e tem o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

BRADLEY RINK

Bradley Rink é geógrafo humano, com foco de pesquisa e ensino em mobilidades, produção de lugar e identidades no contexto de cidades africanas. É pesquisador avaliado pelo NRF (C2), enfatizando as vozes dos estudantes e destacando mobilidades cotidianas e subalternas nos movimentos e circulações do dia a dia urbano. Por meio de sua pesquisa, ensino e engajamento comunitário, busca compreender melhor as mobilidades e as relações que elas articulam entre os habitantes urbanos e as cidades em que vivem.

BRUNA BRAUER BRAGA

Bruna Brauer Braga é arquiteta e urbanista graduada pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) e atualmente cursa o mestrado em Planejamento e Gestão do Território (PGT) na Universidade Federal do ABC (UFABC), com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), do Ministério da Educação. Integra o Laboratório de Planejamento Territorial (LaPlan/UFABC) e participa do projeto "Impacto da COVID-19 no modo de vida, mobilidade e acessibilidade dos grupos marginalizados (ICOLMA)".

DORCAS NTHOKI NYAMAI

Dorcas Nyamai Nthoki possui doutorado em Planejamento Espacial. É pesquisadora em International Planning Studies na TU Dortmund University. Sua pesquisa concentra-se em mobilidade urbana sustentável e justiça espacial em cidades africanas.

FERNANDO HENRIQUE DE MORAES

Engenheiro e cientista de dados que atua há mais de 12 anos na CPTM. É chefe do departamento de planejamento de mobilidade e pesquisa (DPMP), atuando no uso de pesquisas e dados, incluindo bilhetagem, para viabilizar o planejamento de novas linhas, serviços e sistemas, também para possibilitar melhor conhecimento de hábitos e caracterização de demanda. É responsável, na CPTM, pela implantação do novo sistema de bilhetagem para a rede metroferroviária, além de trabalhar ativamente

na construção de uma nova rede sobre trilhos para atendimento a todo o Estado de São Paulo.

GABRIEL MACHADO

Possui graduação em Ciências e Humanidades, Planejamento Territorial e Filosofia pela UFABC, onde atualmente é mestrando no programa de Planejamento e Gestão do Território (PGT). Pesquisador do projeto ICOLMA/TAP-FAPESP, dedicado aos impactos da COVID-19 sobre mobilidade e modos de vida de grupos marginalizados. Atua em pesquisas nacionais e internacionais (UFABC, USP, UNAM, UAEM, USF, TU Dortmund, UCT e UWT), com ênfase em métodos de geoinformação aplicados ao planejamento territorial. Também desenvolve estudos em filosofia política contemporânea e epistemologia ambiental.

GRAÇA XAVIER

Graça Xavier é coordenadora do Movimento de Moradia da Região Sudeste e filiada à União dos Movimentos de Moradia da Grande São Paulo e Interior, bem como à União Nacional por Moradia Popular

INGRID BATISTA VIEIRA

Graduada de Saúde Pública na Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP/USP), com interesses nas áreas de educação em saúde, epidemiologia e análise de dados em saúde. Ao longo da vida, desenvolveu interesse em integrar a academia e atividades de produção científica.

KGOMOTSO MOSIKARE

Kgomotso Mosikare é mestrando em Estudos de Transporte na University of Cape Town e engenheira de transportes júnior. Obteve seu Bacharelado em Ciências em Engenharia Civil pela University of Cape Town em 2020. Sua pesquisa investiga os impactos de longo prazo da COVID-19 na mobilidade e acessibilidade entre grupos marginalizados na África do Sul. Seus interesses acadêmicos incluem planejamento de transportes sustentável e inclusivo, com foco especial na melhoria da acessibilidade e da equidade dos sistemas de transporte público no país.

LEANDRO LUIZ GIATTI

Professor associado na Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP/USP), onde coordena atualmente o Programa de Pós-Graduação em Ambiente, Saúde e Sustentabilidade. Apaixonado por pedalar na cidade de São Paulo, valoriza a pesquisa participativa em comunidades.

LEONARDO RAFAEL MUSUMECI

Leonardo Musumeci é arquiteto, urbanista, filósofo e educador, atualmente doutorando na Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP/USP). É diretor no Instituto de Arquitetos do Brasil – departamento São Paulo. Acredita na potência dos territórios e na pedagogia freireana como ferramentas essenciais para promover uma transformação social necessária.

LETÍCIA UEDA VELLA

Leticia Ueda Vella, advogada formada pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (FD/USP), com

especialização em direitos humanos pelo Conselho Latinoamericano de Ciências Sociais (CLACSO) e pós-graduada em enfrentamento e prevenção da violência pela Faculdade de Ciências Médicas Santa Casa. É mestranda em Planejamento e Gestão do Território pela Universidade Federal do ABC (UFABC) e se dedica a pesquisar o impacto da pandemia nas políticas públicas destinadas a mulheres em situação de violência.

LUCIANA BIZZOTTO

Luciana Maciel Bizzotto é pesquisadora na área de Geografias da Infância na Universidade de São Paulo (usp). Foi pós-doutoranda na Faculdade de Saúde Pública (FSP/USP), onde contribuiu para o projeto PANEX-Youth. Sua paixão é explorar diversos territórios pela perspectiva única das crianças, buscando entender como elas vivem e interagem com o espaço ao seu redor.

LUCIANA R. F. COSTA TRAVASSOS

Professora adjunta da Universidade Federal do ABC (UFABC), no Bacharelado em Planejamento Territorial e na Pós-graduação em Planejamento e Gestão do Território. Pesquisadora do LaPlan. É arquiteta urbanista (FAU-USP) e doutora em Ciência Ambiental (PROCAMUSP).

LYVIA NASCIMENTO CIRQUEIRA FISCHER

Mestranda em Planejamento e Gestão do Território (PGT) na UFABC, com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação (CAPES), graduada em Engenharia Ambiental e Urbana pela mesma universidade. Compõe o grupo de pesquisa que avalia os impactos da COVID-19 nos modos de vida, mobilidade e acessibilidade dos grupos marginalizados (ICOLMA) no âmbito do PGT/UFABC, em parceria com os departamentos de planejamento territorial das Universidades de Cape Town, na África do Sul e Universidade de TU Dortmund, na Alemanha.

MARK ZUIDGEEST

Mark Zuidgeest é o SANRAL Chair em Planejamento e Engenharia de Transportes no Departamento de Engenharia Civil da University of Cape Town. É chefe do departamento. Graduiu-se com um MScEng em Engenharia Civil pela University of Twente em 1997 e obteve o título de PhD em 2005. Suas atividades de pesquisa atuais relacionam-se a: exclusão social relacionada ao transporte; geografia dos transportes; modelagem de escolha; avaliação de caminhabilidade; e a relação entre sistemas de transporte urbano e mudanças climáticas.

MOJALEFA PATRICK MAKITLE

Mojalefa Makitle é mestrando em Geografia e Estudos Ambientais na University of the Western Cape, África do Sul, onde também atua como assistente de docência de pós-graduação. Possui um BA Honours em Geografia e um BA General pela UWC. Seus interesses de pesquisa incluem estudos urbanos, análise espacial e mobilidade social entre comunidades marginalizadas.

NEUMA SILVA DE OLIVEIRA CRUZ

Secretária do Movimento de Moradia do Centro (MMC) de São Paulo

PEDRO HENRIQUE CAMPELLO TORRES

Professor na área de Ciências Ambientais, com ênfase em gestão costeira e planejamento ambiental, vinculado à Universidade Estadual Paulista (UNESP), no Instituto de Biociências – Campus do Litoral Paulista (IB-CLP). É docente dos programas de pós-graduação em Ciência Ambiental (PROCAM) da Universidade de São Paulo (USP) e no Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade de Ambientes Costeiros (PPGBAC) da UNESP. Coordena o Laboratório de Desigualdade Ambiental, Mudanças Climáticas e Planejamento em Ambientes Socioecológicos (LADAMPS) e atua como editor do periódico Local Environment. É lead author do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), no Sétimo Relatório de Avaliação (AR7), Grupo de Trabalho II (WGII). Sua pesquisa aborda desigualdades ambientais, justiça climática e adaptação em cidades costeiras.

PETUNIA NTOMBIFUTHI MABUZA

Petunia Ntombifuthi Mabuza é facilitadora comunitária e ativista comunitária. Trabalha na organização PlanAct, facilitando a campanha Asivikelane na comunidade de Phomolong. Também é membra fundadora da Umlilo, uma organização de desenvolvimento de cinema, artes, cultura e esportes.

PRISCILA IZAR

Priscila Izar é arquiteta, urbanista, professora e pesquisadora de pós-doutorado no Centre for Urbanism and Built Environment Studies (CUBES) da University of the Witwatersrand. Seu trabalho e interesses de pesquisa interdisciplinares incluem gênero, habitação e urbanização em contextos periféricos, em diálogo entre África e América Latina.

ROGER BEHRENS

Roger Behrens é professor no Departamento de Engenharia Civil da University of Cape Town. É diretor do Centre for Transport Studies. Graduiu-se com mestrado em Planejamento Urbano e Regional pela UCT em 1991 e obteve o título de PhD em 2002. Suas atividades de pesquisa atuais relacionam-se a: regulação e melhoria dos serviços de transporte público não programado e informal; análise das dinâmicas de mudança de comportamento de viagem; e identificação de condições de forma urbana para redes de transporte público eficazes e viáveis.

SANDRA MOMM

Professora associada da Universidade Federal do ABC, no Programa de Mestrado e Doutorado em Planejamento e Gestão do Território e no Global SPRING Network, rede de parceiros do mestrado internacional. Atua no campo do planejamento territorial com interface com mudanças climáticas, recursos hídricos, áreas protegidas. Atualmente interessada em temas relacionados com teorias, sistemas e práticas de planejamento, gênero e planejamento, transições e soluções baseadas na natureza e análises comparativas. É arquiteta urbanista (UFSC), mestre em Eng. Ambiental (FURB), doutora pelo PROCAM-USP e pós-doutora pela Technical University of Dortmund - Alemanha (2019).

SILVANA MARIA ZIONI

Professora Associada no Centro de Engenharia, Modelagem e Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do ABC (UFABC), atua nos Bacharelados de

Ciências e Humanidades e de Planejamento Territorial e, também, no programa de Pós-Graduação em Planejamento e Gestão do Território. Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (USP), Mestrado em Estruturas Espaciais Urbanas (USP) e Doutorado em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade de São Paulo (USP). Foi também professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

SOPHIE SCHRAMM

Sophie Schramm lidera o grupo de pesquisa IPS e o programa internacional de Mestrado SPRING no Departamento de Planejamento Espacial da TU Dortmund University. Obteve o título de doutora pela TU Darmstadt University em 2013, com a tese "City in Flow: sanitation of Hanoi in light of social and spatial transformations" (em alemão). Atuou como líder de Grupo de Pesquisa Júnior na Kassel University no projeto "Dis-ordering African cities: urban planning, housing and infrastructures in Dakar and Nairobi" e como professora assistente na cadeira de Geografia Humana e Planejamento Espacial da Utrecht University.

TANJA SCHNITTFINKE

Tanja Schnitfinke é pesquisadora associada no grupo de pesquisa de Desenvolvimento Regional e Gestão de Riscos da TU Dortmund University. Seu trabalho concentra-se em resiliência urbana, desigualdade social e criticidade. Atualmente cursando seu doutorado, sua pesquisa investiga como interrupções em serviços de interesse geral afetam populações vulneráveis em tempos de crise.

THAIS TARTALHA DO NASCIMENTO LOMBARDI

Professora Adjunta no Bacharelado em Planejamento Territorial da UFABC e Professora Associada do PPGCS/IFCH-Unicamp. Doutora em Demografia (Unicamp) com período na LSE, mestre e bacharel em Antropologia Social. Pesquisadora do Ceres/Unicamp e do LaPlan/UFABC, integra o GPPO e o Eco.t/LabJuta. Sua pesquisa concentra-se na Amazônia brasileira, com foco em sociobiodiversidade, populações tradicionais, deslocamentos compulsórios e grandes projetos, articulando planejamento territorial, antropologia demográfica e ecologia política.

YORMAN PAREDES-MARQUEZ

Yorman Paredes é biólogo e professor na Faculdade de Medicina da Universidade de Los Andes, na Venezuela. Atualmente, é doutorando na Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP/USP), onde pesquisa a resiliência e vulnerabilidade dos refugiados venezuelanos frente às mudanças climáticas. Seu trabalho visa promover estratégias colaborativas para fortalecer o desenvolvimento social e construir comunidades preparadas para enfrentar desafios ambientais e sociais.

REALIZAÇÃO



APOIO

